



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CARLA BEATRIZ RAULINO MARQUES

**“EU VOTO, PORQUE EU GOSTO”: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO
ELEITORAL DE IDOSAS EM FORTALEZA-CE.**

FORTALEZA

2018

CARLA BEATRIZ RAULINO MARQUES

“EU VOTO, PORQUE EU GOSTO”: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO
ELEITORAL DE IDOSAS EM FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Jakson Alves de Aquino

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M316“ Marques, Carla Beatriz Raulino.
“Eu voto, porque eu gosto” : análise do comportamento eleitoral de idosas em Fortaleza-CE / Carla Beatriz Raulino Marques. – 2018.
140 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Jakson Alves de Aquino.

1. comportamento político. 2. idosas. 3. voto. I. Título.

CDD 301

CARLA BEATRIZ RAULINO MARQUES

“EU VOTO, PORQUE EU GOSTO”: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO
ELEITORAL DE IDOSAS EM FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: 28/08/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jakson Alves de Aquino (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dra. Adriana de Oliveira Alcântara
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Aos meus amados pais, Carlos Pereira (in memoriam) e Francisca Maria. E a minha querida avó Iricê Paixão Raulino (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À Deus, meu pai e autor da vida, e a Maria, minha mãe.

À minha mãe Francisca Maria, presença amorosa em minha vida.

Ao Prof. Dr. Jakson Aquino, pela excelente orientação e por todo o apoio concedido como professor e amigo, na Graduação e no Mestrado. Muito obrigada!

As professoras da banca de defesa, a Prof.^a Dra. Danyelle Nilin e a Prof.^a Dra. Adriana Alcântara, pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições a este trabalho.

Aos representantes e diretores das entidades FECAPES e do Programa Gente de Valor pela permissão em realizar entrevistas e grupos focais com as mulheres idosas ali presentes.

Agradeço a Isabel Diassis, Jamilly Pantaleão e Larysa Costa por terem aceitado o convite de participar da minha equipe de pesquisa e trilhamos junto comigo o árduo, mas gratificante caminho de aplicar todos os questionários.

A todas as mulheres idosas que participaram da pesquisa na etapa qualitativa e quantitativa. Por cada senhora que abriu a porta de sua residência e recebeu a mim e a minha equipe de pesquisa, por cada idosa que dedicou seu tempo em responder as perguntas das entrevistas, grupos focais e dos questionários. A atenção e a disponibilidade de vocês foram indispensáveis para a realização desta pesquisa. Muito obrigada!

Agradeço a Aline Matos, Aurilene Estevam, Camila Bernardini, Marta Sobreira, Girlene Saraiva, Thamires e a todas as pessoas que me ajudaram direta ou indiretamente a contatar as idosas de classe média/alta. Sem a indicação de vocês, este trabalho estaria incompleto.

À minha irmã Carla Virgínia e a todos os meus familiares pelo apoio e torcida por esta conquista profissional.

Aos meus amigos e colegas da UFC e da vida pela amizade e incentivo constantes.

À Universidade Federal do Ceará, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia pelo acolhimento institucional, e a todos os professores do Programa por compartilharem tantos saberes, conhecimento e experiência com os alunos.

Ao CNPq, pelo financiamento da pesquisa.

“As velhas também existem, e se destacam hoje, mais além da imagem tradicional de ranzinzas ou de doces avozinhas, como mais dinâmicas, saudáveis, livres, sexuadas e criativas do que as de sua geração em épocas anteriores.” (BRITO DA MOTTA, 2011, p. 14)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi apreender o comportamento político das eleitoras idosas, residentes em Fortaleza, e principalmente investigar se as mulheres idosas gostam de votar. A pesquisa ocorreu em duas etapas: qualitativa e quantitativa. Inicialmente, foram realizados grupos focais e entrevistas em duas entidades que prestam serviços aos idosos. Uma atende pessoas carentes, outra apresenta um público de classe média. Em seguida, foram aplicados 427 questionários, com idosas de classes sociais distintas, distribuídos em 39 bairros da capital cearense. As teorias que nortearam esta investigação são as referentes a mulher idosa (conceito de velhice, gênero e geração) e ao comportamento político (socialização política, cultura política e comportamento eleitoral). A eleitora idosa apresenta particularidades por ser idosa, por ser mulher e por pertencer a uma geração distinta. A socialização política consiste na assimilação de valores, pensamentos e comportamentos políticos. Estes conteúdos incorporados tendem a permanecer na fase adulta, porém, a medida que os sujeitos vão envelhecendo e ingressando em diferentes gerações, eles têm contato com novos processos socializadores, e portanto, podem adquirir novas atitudes políticas. Deste modo, a socialização política e as mudanças no ciclo da vida, somada às desigualdades de gênero e socioeconômicas, podem modificar o comportamento eleitoral dos sujeitos. Os dados coletados demonstram diversas tendências do comportamento político das idosas, e principalmente, confirma a hipótese de que estas, majoritariamente, gostam de votar, porque consideram este um ato importante. Conclui-se que as idosas, em sua maioria, gostam de votar, porque desejam contribuir para a construção de uma sociedade melhor, bem como enxergam o dia da eleição como alegre, devido aos encontros com parentes e amigos que o dia da pleito possibilita.

Palavras-chave: Comportamento político; idosas; voto.

ABSTRACT

The objective of this research was to apprehend the political behavior of elderly voters, residents of Fortaleza, and mainly to investigate whether older women like to vote. The research took place in two stages: qualitative and quantitative. Initially, focus groups and interviews were conducted in two entities that provide services to the elderly. One serves poor people, another presents a middle-class audience. Next, 427 questionnaires were administered, with elderly women of different social classes, distributed in 39 neighborhoods of the capital of Ceará. The theories that guided this investigation are those referring to the elderly woman (concept of old age, gender and generation) and to political behavior (political socialization, political culture and electoral behavior). The elderly voter presents particularities for being elderly, for being a woman and for belonging to a different generation. Political socialization consists in the assimilation of values, thoughts and political behaviors. These embodied contents tend to remain in the adult phase, however, as the subjects grow older and enter into different generations, they come into contact with new socializing processes, and therefore can acquire new political attitudes. In this way, political socialization and changes in the life cycle, coupled with gender and socioeconomic inequalities, can modify the electoral behavior of the subjects. The data collected demonstrate several trends in the political behavior of the elderly women, and especially confirms the hypothesis that they mostly like to vote, because they consider this an important act. It is concluded that the majority of women enjoy voting, because they want to contribute to the construction of a better society, and they see the day of the election as joyful, due to the meetings with relatives and friends that the day of the election makes possible.

Keywords: Political behavior; elderly women; vote.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TSE	Tribunal Superior Eleitoral
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial da Saúde
FECAPPES	Fé, esperança, caridade, amor, paz, pesquisa, educação, ecologia e saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A ELEITORA IDOSA.....	19
2.1 Velhice, gênero e geração.....	19
2.2 Socialização, cultura e comportamento político.....	37
3 “EU VOTO, PORQUE EU GOSTO” VERSUS “NÃO VOTO MAIS”: A PESQUISA DE CAMPO QUALITATIVA.....	50
4 A PESQUISA QUANTITATIVA.....	57
4.1 Sobre a pesquisa quantitativa.....	57
4.2 O questionário.....	60
4.3 Resultados esperados entre as variáveis.....	75
5 RESULTADOS – TABELAS DE FREQUÊNCIA.....	76
5.1 De quais idosas estamos falando?.....	76
5.1.1 Renda.....	76
5.1.2 Estrutura familiar.....	77
5.1.3 Escolaridade.....	77
5.1.4 Etnia, Religião e Estado civil.....	78
5.1.5 Idade.....	79
5.1.6 Aposentadoria e benefícios do governo.....	79
5.2 Como as senhoras votam?.....	80
5.2.1 Comparecimento nas eleições.....	80
5.2.2 O dia da eleição é alegre.....	82
5.2.3 O dia da eleição é de expectativa.....	83
5.2.4 As idosas gostam de votar?.....	84
5.2.4 Votar é importante.....	84
5.2.5 Visitas e encontros no dia da eleição.....	85
5.2.6 Votar é um dever do cidadão.....	85
5.2.7 Homem e mulher podem ser políticos competentes.....	86
5.2.8 Atividades desempenhadas pelas idosas.....	86
.....	87
5.2.8.1 Frequência a grupo religioso.....	87
5.2.8.2 Saídas para visitar amigos ou parentes.....	87

5.2.8.3 Pagamento de contas.....	87
5.2.8.4 Atividade física.....	88
5.2.8.5 Passeios e viagens.....	88
5.2.8.6 Participação em associações.....	89
5.2.9 A escolha dos candidatos.....	89
5.2.11 (Des)confiança política, diferença geracional e de gênero.....	91
5.2.12 Voto em candidatos “conhecidos”.....	92
5.2.13 Avaliação do governo municipal, estadual e federal.....	93
5.2.14 Avaliação sobre o impeachment da Ex-presidenta Dilma.....	94
5.2.15 Avaliação sobre o governo militar.....	95
5.2.16 Posturas autoritárias ou democráticas?.....	96
5.2.17 Voto futuro.....	97
5.2.18 Voto emocional ou estratégico?.....	98
5.2.19 Política e religião.....	98
5.2.20 Informação sobre política.....	98
5.2.21 Eleições presidenciais envolvem mais que as municipais.....	99
5.2.22 Voto e troca de favores.....	99
5.2.23 Propostas direcionadas a população idosa.....	100
5.2.24 Voto e sentir-se útil.....	100
5.2.25 A corrupção é o maior problema do Brasil.....	100
5.3 Avaliação sobre a velhice.....	100
6 RESULTADOS – VARIÁVEIS E REGRESSÕES.....	103
6.1 Apresentando as variáveis.....	103
6.2 Cruzamentos das variáveis: “Gosta de votar” como variável dependente.....	104
6.2.1 Gostar de votar e dia alegre.....	104
6.2.2 Gostar de votar e voto importante.....	105
6.2.3 Gostar de votar e reencontrar amigos.....	105
6.2.4 Gostar de votar e voto é dever do cidadão.....	106
6.2.5 Gostar de votar e uma rotina ativa.....	106
6.2.6 Gostar de votar e voto futuro.....	107
6.2.7 Gostar de votar e confiança política.....	108
6.2.8 Gostar de votar e informação sobre política.....	108

6.2.9 Gostar de votar e sentir-se útil.....	109
6.2.10 Gostar de votar e avaliação sobre a velhice.....	109
6.2.11 Relacionando Gostar de votar com idade, renda e escolaridade:.....	110
6.3 Regressões.....	112
7 DISCUTINDO OS RESULTADOS.....	116
8 CONCLUSÃO.....	120
REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA QUANTITATIVA....	128

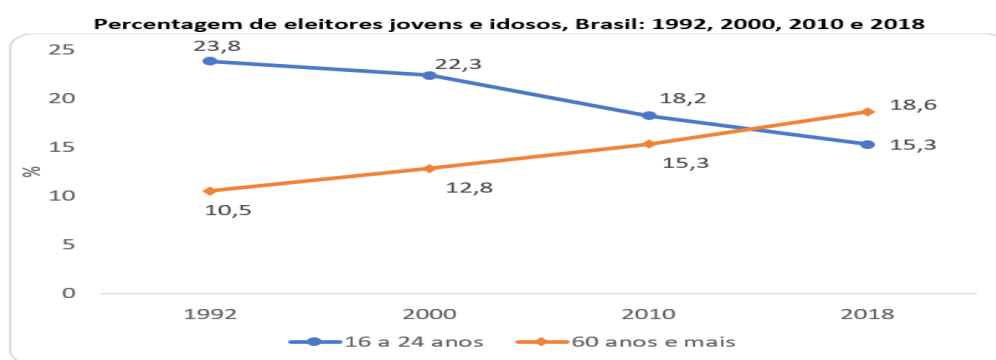
1 INTRODUÇÃO

Os últimos recenseamentos demográficos demonstram que está ocorrendo o envelhecimento da população brasileira¹. Atualmente, os idosos representam 12,5% da população nacional, mas projeções afirmam que este número triplicará até os anos 2050.

Paralelamente ao envelhecimento da população, está ocorrendo o fenômeno intitulado “feminização da velhice”, (BELO, 2013; BARROS, 2007), ou seja, entre os idosos, as mulheres representam a maioria. Conforme pesquisa realizada pelo PNAD² (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), em 2017, a população idosa no Brasil soma 30,2 milhões de habitantes. As mulheres representam 56% dos idosos (16,9 milhões de habitantes) e os homens constituem 44% (13,3 milhões) dos idosos.

Na esfera política, verifica-se, similarmente o crescimento do número de eleitores idosos que compareceram às urnas. Conforme dados apresentados pelo Tribunal Superior Eleitoral, representados no gráfico abaixo, o número de eleitores acima de 60 anos está crescendo e constatou-se também a redução do eleitorado jovem.

Gráfico 1 – Comparando eleitores jovens e idosos



Fonte: Tribunal Superior Eleitoral.

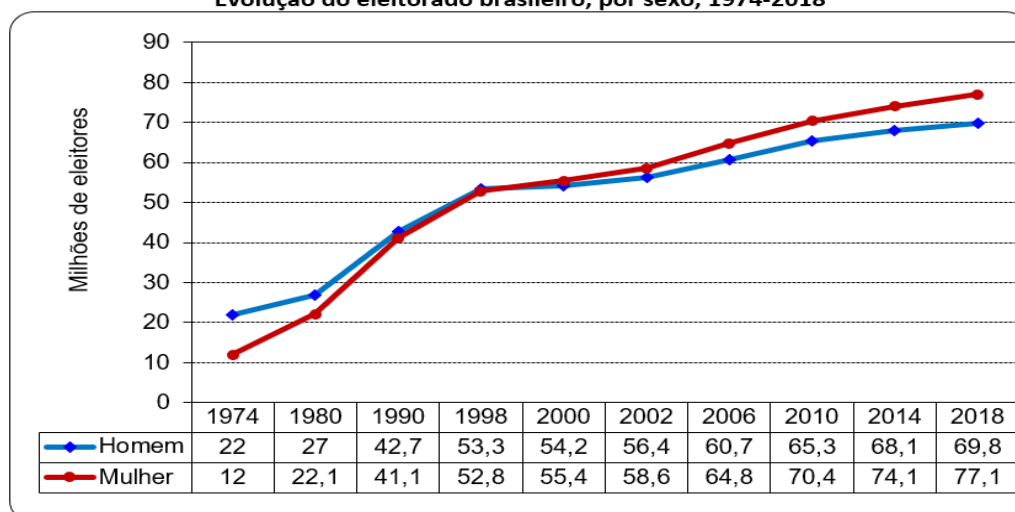
Apesar do agravamento da apatia política³ no Brasil, o índice de eleitores idosos que continuam votando permanece crescente, sobretudo o número de mulheres que votam é superior ao de homens, em todos os grupos etários, conforme é exposto no gráfico 2.

¹ Pesquisa da Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgada em setembro de 2015.

² Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017.html>. Acesso em: 03 mai. 2018.

³ Os escândalos de corrupção e a crise política brasileira, envolvendo o Presidente Michel Temer, vem aumentando a apatia entre os eleitores. Ver: www.bbc.com/portuguese/brasil40100618. Acesso em: 07 jun. 2017.

Gráfico 2: Crescimento do eleitorado feminino
Evolução do eleitorado brasileiro, por sexo, 1974-2018

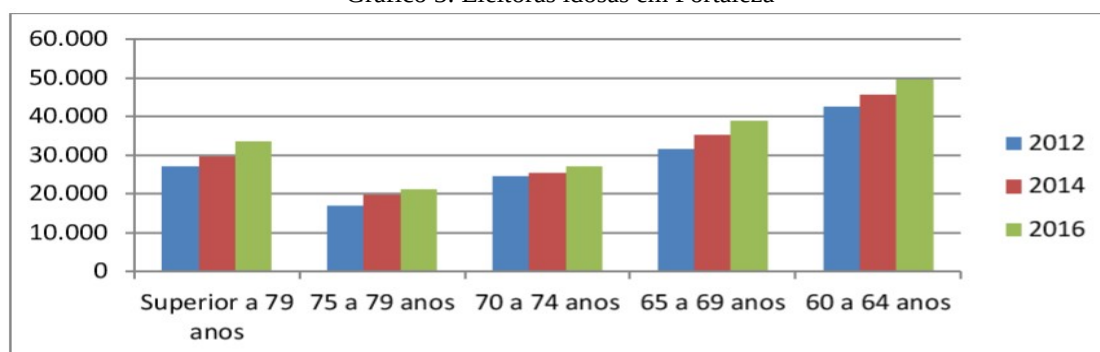


Fonte: Tribunal Superior Eleitoral, 2018 <http://www.tse.jus.br/eleitor-e-eleicoes/estatisticas/estatisticas>

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral.

Comparando a quantidade⁴ de eleitoras idosas em Fortaleza, nas três últimas eleições (2012, 2014 e 2016), percebe-se o acréscimo do número de senhoras que votam na capital cearense, bem como, verifica-se um número significativo de eleitoras com idade avançada.

Gráfico 3: Eleitoras idosas em Fortaleza



Fonte: TSE. Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Faz-se necessário analisar esta parcela significativa da sociedade brasileira como atores sociais e políticos, buscando compreender o que os idosos pensam acerca da política, qual a opinião destes sobre os candidatos e quais os critérios que eles utilizam na definição dos seus votos. Entender o comportamento eleitoral dos idosos é uma temática de suma importância, pois o voto deles, sobretudo das “senhoras” pode ser decisivo nas disputas eleitorais (FRANCISCO; RODRIGUES, 2002).

⁴ Dados disponíveis em: www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas. Acesso em: 10 ago. 2017.

O processo de feminização da velhice, bem como a influência do voto da população idosa nas eleições, precisam ser avaliados com mais profundidade na esfera política e acadêmica.

É difícil entender a falta de atenção aos problemas da mulher idosa quando vemos que a transformação social e econômica que acompanha o envelhecimento de uma sociedade está relacionada particularmente com a mulher. A mesma sociedade que cultua o jovem e enfatiza a importância do homem faz com que se preste pouca atenção à mulher idosa (SALGADO, 2002, p.17).

Esta pesquisa visa compreender o comportamento eleitoral de idosas fortalezenses e principalmente entender se as idosas gostam de votar, mediante a análise qualitativa e quantitativa das representações culturais, do discurso e das atitudes relacionadas à política.

O discurso de eleitores não é sinônimo de seu comportamento político, porém segundo Rudio (2011) a partir das falas destes, é possível inferir elementos de como o indivíduo julga a realidade e constatar atitudes. O discurso é, portanto, uma ferramenta útil na investigação científica para se compreender ideologias e atitudes de determinado grupo social ou de indivíduos.

Os instrumentos metodológicos adotados são de natureza qualitativa e quantitativa. No primeiro momento, foram realizados grupos focais e entrevistas em duas associações que reúnem idosos, e, em seguida, ocorreu a aplicação de questionários em diversos bairros da cidade de Fortaleza.

A pesquisa qualitativa ocorreu em duas entidades que prestam serviço a pessoa idosa. São elas: FECAPPES CLUB e o Programa Gente de Valor. O FECAPPES, cujo nome significa Fé, Esperança, Caridade, Amor, Paz, Pesquisa, Educação, Ecologia e Saúde, é uma entidade filantrópica que assiste, há 30 anos, idosos carentes. Semanalmente, 100 idosos, predominantemente mulheres, se reúnem e participam de cursos de artesanato, português, palestras e momentos de oração.

Ao buscarem novas formas de circulação extrafamiliar, o que foi facilitado pelas várias modalidades de grupos «de convivência» ou dos referidos programas e cursos «para a terceira idade», oferecidos no mercado educacional e de lazer/cultural, não apenas a sociabilidade intrageracional foi retomada, ou iniciada, como uma nova sensibilidade de grupo, com muitos encontros, alegria e camaradagem, que ao longo de alguns anos produziu um início de identidade coletiva de geração – e isto foi algo alcançado basicamente pelas mulheres. Seus inúmeros depoimentos vão de expressões de alegrias e coleguismo, às de consecução de objetivos e afirmação grupal (BRITTO DA MOTTA, 2011, p. 15).

O FECAPPES e o Programa Gente de Valor, apesar de apresentarem origens distintas, - o primeiro caracteriza-se por ser uma entidade filantrópica, e o segundo é um programa desenvolvido pela Prefeitura de Fortaleza, - constituem espaços de socialização e promovem diversas ações em prol do bem-estar da pessoa idosa.

Porém, as idosas que frequentam o Programa Gente de Valor possuem maior renda e escolaridade do que as mulheres que participam do FECAPPES, pois estas apresentam baixo nível de instrução ou são analfabetas, e vivem em condições de pobreza e vulnerabilidade social⁵. Uma pesquisa de campo comparada com as mulheres idosas que frequentam os dois grupos de convivência, nos permite apreender relevantes informações acerca das representações da cultura política e do comportamento eleitoral das mulheres idosas em contextos socioeconômicos⁶ (renda e escolaridade) distintos.

Durante a etapa qualitativa desenvolvida nestas duas entidades, os discursos das senhoras se dividiam em afirmações como “gostar de votar” e “não gostar mais”, “o dia da eleição é alegre” e “o dia da eleição é chato”, “voto porque sou cidadã” e “voto por obrigação”. Ou seja, as falas das idosas variavam entre posturas mais esperançosas ou mais pessimistas em relação à política, que ora valorizavam o voto e o dia da eleição, ora votavam somente para obedecer às leis.

Alguns questionamentos ainda permaneciam, sendo necessário, portanto, a realização da pesquisa quantitativa para verificar quais seriam as representações da cultura política predominantes nas idosas fortalezenses. As idosas realmente gostam de votar ou não? Elas preferem um regime democrático ou autoritário? A família exerceria alguma influência na decisão do voto delas? Estes são alguns questionamentos que necessitavam ser investigados com mais profundidade através da observação de uma amostra maior, não restrita as integrantes das duas entidades.

O recorte da amostra foi contatar mulheres idosas na faixa etária entre 60 a 95 anos, residentes em 40 bairros⁷ de Fortaleza, e que ainda votam ou em algum momento de suas vidas compareceram aos pleitos. Idosas que nunca tiveram a experiência de votar, não foram incluídas nesta pesquisa.

A seleção para a amostra de idosas com idade entre 60 a 95 anos, ou seja, com faixa etária inferior e acima de 70 anos, foi uma estratégia para que se possa analisar o que motiva a mulher

⁵ Informações coletadas na pesquisa de campo.

⁶ Ao estudar as eleições brasileiras de 1989, André Singer afirma que a variável escolaridade exerceu uma influência maior no voto do que a variável renda (SINGER, 1999). Deste modo, com esta pesquisa busca-se averiguar a possível influência das variáveis renda e escolaridade no comportamento político das idosas.

⁷ Os bairros foram previamente selecionados. O planejamento inicial era aplicar questionários em 40 bairros, porém a pesquisa só ocorreu com êxito em 39 bairros. Os procedimentos adotados para realizar a etapa quantitativa e as dificuldades encontradas nesta fase serão apresentadas no Capítulo 4.

idosas a votar, e compreender se estas motivações são espontâneas, se são oriundas da socialização política, de aspectos geracionais, ou originadas de uma preocupação em obedecer às leis, entre as mulheres que não estão isentas do voto obrigatório.

O referencial teórico que embasou esta pesquisa são os conceitos de socialização política, cultura política e comportamento eleitoral, na interface com as teorias de envelhecimento e gênero, para que se possa compreender se as categorias socialmente estruturantes (gênero, geração, classe social) exercem influência no comportamento político das senhoras que residem em Fortaleza.

A socialização política (FUKS, 2012) ocorre nos primeiros anos da vida do indivíduo (infância e juventude) e consiste na assimilação de valores, pensamentos e comportamentos políticos. Estes conteúdos incorporados tendem a permanecer na fase adulta (OKADO;RIBEIRO, 2015), porém, não de forma intacta, pois a medida que os sujeitos vão envelhecendo e ingressando em diferentes gerações, eles têm contato com novos processos socializadores, e portanto, podem adquirir novas atitudes políticas.

Podemos concluir que as diferentes etapas vivenciadas pelos indivíduos no decorrer da vida, por ser a política responsiva a elas, vão impactar na forma como se vivencia este domínio específico, incidindo inclusive sobre o comportamento político (OKADO;RIBEIRO, 2015, p. 59).

Deste modo, a socialização política e as mudanças no ciclo da vida, somada às desigualdades de gênero e às desigualdades econômicas, produzem, e ao mesmo tempo modificam, as ações dos sujeitos e o seu comportamento eleitoral.

Além de verificar as características do comportamento político das idosas, o meu intuito foi também averiguar a hipótese de que as idosas, em sua maioria, gostariam de votar, pois o dia da eleição seria “diferente”, proporcionando um momento de lazer, fazendo com que estas saiam de casa e reencontrem os amigos, ao se dirigir até o local de votação.

O meu interesse em investigar se as idosas gostam de votar e porque elas votam surgiu do contato com muitas idosas conhecidas em um grupo de convivência⁸ e também no interior da minha família. Ao ouvir as seguintes frases diversas vezes, fez com que eu desejasse estudar esta temática: “Eu voto, porque eu gosto. Enquanto eu puder andar, eu faço questão de votar”.

Portanto, os objetivos desta pesquisa são: entender o comportamento político das idosas; examinar se há semelhanças ou diferenças no comportamento político das idosas que estão situadas em classes sociais distintas; verificar se as mulheres idosas gostam de votar; e apreender quais as motivações da idosa em permanecer votando, sobretudo aquelas cuja idade é acima de 70 anos.

⁸ Exerço trabalho voluntário em uma entidade voltada para idosos chamada FECAPPES e que também foi um dos locais de desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa de campo qualitativa e quantitativa ocorreu em um período conturbado no cenário político brasileiro. A etapa qualitativa ocorreu em plena campanha eleitoral para os cargos de vereador e prefeito (meses de agosto e setembro de 2016), e também no período em que o país assistiu à aprovação do pedido de impeachment da Ex-Presidenta Dilma Rousseff⁹ pelo Supremo Tribunal Federal.

A aplicação dos questionários ocorreu nos meses de fevereiro a julho de 2017, onde as idosas estudadas presenciaram, mediante ampla divulgação nos meios de comunicação, os escândalos de corrupção envolvendo políticos dos mais diversos partidos, seja de orientação ideológica de direita ou esquerda.

Neste sentido, a pesquisa desenvolveu-se neste contexto, em que pude verificar, comparando as respostas das idosas em 2016 e 2017, o agravamento da desconfiança e apatia política, bem como o amplo sentimento de “decepção” presente no discurso das eleitoras idosas, o que, em certos momentos, também gerou empecilhos para que as idosas aderissem a pesquisa, principalmente na etapa final da coleta dos dados.

Vejamos, no capítulo seguinte, inicialmente, os conceitos que diferenciam e pluralizam a mulher idosa (velhice, gênero e geração). Logo depois, serão apresentados os conceitos de socialização política, cultura política e comportamento eleitoral, demonstrando os efeitos do ciclo de vida sobre a (re)definição deste comportamento.

⁹ Para obter mais informações sobre como ocorreu o processo de impeachment, conferir Jinkings, Doria e Cleto (2016).

2 A ELEITORA IDOSA

2.1 Velhice, gênero e geração

Refletir sobre a mulher idosa é pensar, no mínimo, em três categorias sociais que são responsáveis pelo conjunto de valores e cosmovisão que os sujeitos irão possuir, bem como que tipos de relações sociais tecerão: a velhice, o gênero e a geração.

A velhice vem sendo abordada em pesquisas por diversas áreas do conhecimento: Psicologia, Sociologia, Antropologia, História, Geriatria, Gerontologia¹⁰, entre outras. Contudo, a Antropologia foi pioneira nos estudos sobre o significado da velhice e as condutas sociais a elas relacionadas na sociedade contemporânea.

Simone de Beauvoir (1970) com sua obra “A velhice”, elaborou o primeiro grande tratado aprofundado sobre o tema o envelhecimento. A obra aborda em profundidade o que é a velhice e a condição dos idosos em diversas sociedades. Para a autora, a forma como uma sociedade enxerga e trata as pessoas velhas deriva não somente de questões biológicas, mas, sobretudo está condicionada por fatores culturais. O destino dos idosos é outorgado por cada sociedade, segundo os objetivos e prioridades que estas possuem.

Desta forma, o contexto histórico, econômico, social, a cultura e os interesses de cada sociedade, exercem influência sobre como os jovens e adultos tratam o idoso e na forma que a velhice se apresenta. A autora enfatiza que os idosos são valorizados segundo as circunstâncias. Geralmente, estes são vistos como improdutivos, uma vez que estão impossibilitados de trabalhar ou conseguir seu próprio alimento. Os idosos são enxergados ora com prestígio, portador da sabedoria, ora com objeção, como inúteis, ou como um “fardo” que pesa nos ombros da comunidade ou da família (BEAUVOIR, 1970).

Portanto, o tratamento que as coletividades primitivas davam aos velhos era contraditório: em algumas era honrado, em outras era desprezado, excluído, podendo até ser assassinado (BEAUVOIR, 1970). Nas sociedades civilizadas este paradoxo permanece, mas apresenta-se com novas “roupagens”, com diferenciações significativas entre o discurso e a prática:

A teoria e a prática nem sempre estão de acordo; às vezes zomba-se da velhice na intimidade, ao mesmo tempo em que se cumprem os deveres em relação a ela. O inverso, sobretudo é frequente: honram-se verbalmente os velhos e, na prática, deixa-se que pereçam (BEAUVOIR, 1970, p. 106).

¹⁰ A Geriatria estuda em uma perspectiva biológica o corpo senil. A gerontologia, por sua vez, estuda o processo de envelhecimento em três aspectos: biológico, psicológico e social (BEAUVOIR, 1970).

A sociedade além de tratar o idoso conforme seus interesses, reprime-o, não somente na perspectiva familiar, em que os filhos adultos passam a dar “ordens” nos pais idosos, mas também ao impor regras de vestiário, nos comportamentos e na vida sexual (BEAUVOIR, 1970).

Velhos e crianças são improdutivos socialmente e até certo ponto estão em uma posição análoga, porém a criança é bem vista porque representa o futuro da sociedade e o velho é visto como um “morto”, é o “outro”, sem utilidade. A moral da sociedade contemporânea impõe ao adulto ter que respeitar e cuidar dos mais velhos, porém o adulto enxerga o idoso como inferior a ele, fazendo com que estes se sintam incapazes de cumprir paulatinamente tarefas e funções. O adulto tentará fazer com que o velho obedeça-o, instigando-o por meio de palavras ou pela força física (BEAUVOIR, 1970). Sobre a relação entre os adultos e os idosos, e o status do idoso comparado ao de adolescentes e mulheres, Beauvoir (1970) esclarece que:

É de maneira dissimulada que o adulto tiraniza o velho que depende dele. Não ousa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem direito à sua obediência; evita atacá-lo de frente, manobra-o. Na verdade, alega o interesse do ancião. A família inteira se torna cúmplice. Mina-se a resistência do ancião, oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam [...] Se a persuasão e a astúcia fracassam em fazê-lo ceder, não se hesita em mentir-lhe, ou em recorrer a um golpe de força. Por exemplo, convence-se o velho a entrar provisoriamente em uma casa de aposentados, onde é abandonado. A mulher e o adolescente que vivem na dependência econômica de um homem adulto têm mais defesa do que o velho: a esposa presta serviços – o serviço da cama e o trabalho de casa; o adolescente se tornará um homem que poderá pedir contas; o velho não fará mais que descer em direção à decrepitude e à morte; não serve para nada. Puro objeto incômodo, inútil, tudo que se deseja é poder tratá-lo como uma quantia desprezível (BEAUVOIR, 1970, p. 268).

A aposentadoria e a velhice assumem um sentido negativo para a sociedade como uma morte social, segundo Barros(2006), devido à perda de papéis sociais, decorrentes do encerramento do trabalho formal, e do processo biológico de degradação das faculdades físicas e mentais:

A aposentadoria está associada à velhice e a um conjunto de imagens negativas e estigmatizantes dessa fase da vida, como a perda dos espaços de sociabilidade constituídos a partir do mundo do trabalho, a falência da saúde e da força física e mental. A promessa de satisfação em usufruir seu próprio tempo mistura-se com o medo deste momento que lembra fim de vida e, desta forma, a velhice, assim como a aposentadoria, acaba se configurando como uma morte social (BARROS, 2006, p. 110).

Neste sentido, Barros (2006) discorre que o corpo social exalta a juventude e tenta se afastar do idoso e ignorar a velhice. Isto ocorre, porque os indivíduos associam o processo de

envelhecimento ao desgaste biológico, ao surgimento de doenças e a conseqüente morte, fato este temido e indesejado.

A proximidade da morte faz, também, com que não sejam criadas identificações sociais com os mais velhos, daí seu isolamento que, somado às mudanças e perdas de status e de poder, fazem da combinação velhice-morte um tabu social. Há, também, um encobrimento da morte e a dificuldade da sociedade contemporânea lidar com o fim da vida. Uma sociedade que elegeu a juventude como modelo (BARROS, 2006, p. 123).

Todavia, a velhice é um processo natural, que faz parte da lei da vida e deveria, conforme Beauvoir (1990), não ser desprezado, porém ser um fato já esperado. Adultos e jovens, necessitariam, portanto, preocupar-se sobre como os idosos são socialmente tratados, uma vez que eles podem ser tratados da mesma maneira. O adulto será um futuro idoso. Ao escolher o destino do idoso, escolhe também como será o seu futuro (BEAUVOIR, 1970).

A experiência de vida e a memória são elementos positivos que a sociedade geralmente afirma sobre a velhice (BEAUVOIR, 1970). A partir destas lembranças, é construída a memória, que é fruto de relações e é constantemente reformulada dependendo do contexto social em que o sujeito se encontra no presente (BARROS, 2006).

O corpo vai perdendo seu vigor e capacidades, porém a degradação das faculdades mentais é lenta. Se o idoso for escolarizado e exercitar a memória, ela será preservada. Se não houver limite de tempo, os idosos podem fazer trabalhos intelectuais melhores do que os de jovens e adultos. Contudo, o psiquismo está mais vulnerável e suscetível a doenças (BEAUVOIR, 1970). Em relação a hábitos e costumes, os idosos apresentam dificuldades em lidar com mudanças, com situações novas e assimilar novas práticas.

Adquirir o que se chama um set – isto é uma atitude, uma orientação do espírito – exige-lhes um grande esforço: elas [pessoas idosas] são escravas de hábitos adquiridos anteriormente, falta-lhes flexibilidade. Uma vez o set incorporado, dificilmente o abandonam (BEAUVOIR, 1970, p. 44).

Importante ressaltar que há uma relação entre idoso e classe social. Até o século XIX praticamente não existia idosos de classes mais baixas. Viver muitos anos e atingir a velhice era algo acessível somente à elite (BEAUVOIR, 1970).

Em vista disso, o processo de envelhecimento não ocorre de maneira uniforme em todos os sujeitos. A experiência de envelhecimento entre idosos de classe alta é diferente dos idosos carentes. A velhice entre homens e mulheres seria distinta, pois a mulher possui um status social inferior ao homem. Deste modo, a velhice é heterogênea, ou seja, o processo de senescência não possui um padrão, mas cada experiência é distinta. Diversas formas de envelhecimento são

produzidas dependendo da classe social, do gênero e da composição familiar dos sujeitos (BARROS, 2006).

No Brasil, pesquisadoras como Guita Grin Debert (2012), Alda Britto da Motta (2013), Isolda Belo (2013), Clarice Peixoto (1997) e Myriam Lins de Barros (2006) têm desenvolvido estudos pertinentes sobre a velhice, a mulher idosa e a influência das gerações no comportamento dos idosos nos últimos anos.

Na obra “A reinvenção da velhice”, a antropóloga Guita Grin Debert (2012) demonstra que a velhice, fase da vida marcada de estereótipos negativos está em um processo de ressignificação no mundo contemporâneo (DEBERT, 2012). A percepção negativa da velhice, presente desde o século XIX, caracteriza esta como etapa da vida definida por várias perdas: perda dos papéis sociais (chegada da aposentadoria), somado ao avanço de doenças, declínio das capacidades cognitivas, abandono familiar e solidão. Tal concepção, que ainda está presente nas sociedades contemporâneas, convive paralelamente com a mentalidade positiva da velhice como fase da vida marcada pela maturidade pessoal, pelo acúmulo de sabedoria, e, pelo fato do idoso dispor de mais tempo livre, ele poderia também desfrutar de atividades de lazer, participar de grupos de convivência e executar projetos que não puderam ser praticados na juventude ou na fase adulta. Neste sentido, Debert (2012) esclarece:

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal (DEBERT, 2012, p. 14).

A disseminação deste conceito de “envelhecimento ativo” ocorreu no final do século XX e início do século XXI, mediante iniciativa internacional (Organização das Nações Unidas) e foi incorporado no Brasil pela legislação que garante os direitos dos idosos no país (Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso). Através deste conceito, desejam associar a velhice somente a um imaginário positivo: incentivar uma velhice com atividade, produtividade, autonomia e qualidade de vida. Esta nova concepção de velhice produtiva deveria ser vivenciada pelos idosos de todas posições sociais, associando velhice a “melhor idade” (BELO, 2013).

Deste modo, desde o final do século XX e início do século XXI, as pesquisas demonstram a permanência destes dois modelos antagônicos de se enxergar e velhice: ora como fase da vida marcada pela pobreza, debilidade e doenças, ora marcada pelo ativismo, onde o idoso tem a capacidade de envelhecer com saúde e autonomia (DEBERT, 2012).

Entretanto, este conceito de “envelhecimento ativo” promove uma homogeneização da velhice por impor ao idoso a busca de ser sempre jovem e ativo (BELO, 2013; DEBERT, 2012; BARROS, 2006). Na visão das autoras, é um equívoco tentar homogeneizar a velhice, pois esta concepção defende uma perpetuação da juventude: os valores e comportamento juvenis são exaltados e deveriam ser vivenciados também neste período da vida, o que gera, por sua vez, um novo mercado de consumo. Além disto, este conceito mascara as dificuldades que o idoso pode vivenciar, não considera as desigualdades sociais, raciais e de gênero que engendram experiências de envelhecimento distintas; bem como transfere para o indivíduo a responsabilidade de “ter uma rotina ativa”, culpabilizando aquele que não se enquadra nesse parâmetro.

Este alinhamento se revela, principalmente, pela adoção de um discurso que omite as dificuldades presentes nesta fase do ciclo vital (“estou na melhor idade”) e/ou pela incorporação de comportamentos ávidos pela manutenção da juventude, tão amplamente divulgados pela mídia e pela indústria de cosméticos e a de entretenimento. [...] Nos países emergentes e, especificamente, no Brasil, o conceito de envelhecimento ativo vem servindo tanto para criar um novo mercado de consumo, com a mídia difundindo a ideia de um coletivo com novos hábitos e novas necessidades, como também pelas políticas públicas, que estimulam a busca de uma velhice autônoma. Porém, observa-se a tendência a transformar este conceito em uma apologia à juventude na velhice } fase a ser vivida, agora, obrigatoriamente, como saudável, produtiva (BELO, 2013, p. 6 -7).

Este modelo não condiz com a realidade brasileira, pois esta é marcada pela desigualdade e vulnerabilidade social, onde os idosos de baixa renda, majoritariamente, não teriam condições de consumir tecnologias e exercer algumas atividades segundo o modo de viver a velhice que é proposto (BARROS, 2006). Em suma, esta concepção nega as diferenças inerentes a velhice, bem como tende a homogeneizar o conceito de juventude, pois difunde nos idosos a mentalidade de que eles devem permanecer jovens e buscar modos de pensar e agir próprios da mocidade (BELO, 2013).

Belo (2013) e Debert (2012) também criticam esta concepção pois, ao silenciar as dores da velhice, pode ser incorporada em políticas públicas e resultar em uma “reprivatização da velhice”, ou seja, diminuir a responsabilidade do Estado com a população idosa em geral e com os idosos dependentes. Estado este que já encara a velhice como um problema social, que pode prejudicar o orçamento público.

Há trabalhos que tentam, erroneamente, homogeneizar a velhice como se existisse um único modelo de sujeitos idosos, mas, ao contrário, a velhice constitui uma categoria plural e heterogênea, que manifesta-se sobre diversas formas variando conforme a classe social, gênero, raça, geração e demais fatores histórico-sociais que produzem mudanças e singularidades na vida dos indivíduos (BARROS, 2006).

a velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente – claramente existem velhices, em formas que, mais além da localização etária “exata” no ciclo da vida, variam segundo as referidas características biológicas socialmente condicionadas, como o sexo/gênero, a raça/etnia e própria posição social, como grupo de idade e geração, mas, também, e não por último, a condição de classe (BARROS, 2006, p. 16).

Apesar de ser alvo de pesquisas em ciências distintas, ainda há poucas pesquisas sobre a velhice, sobretudo, acerca da mulher idosa. A gerontologia, ciência que se dedica a estudar o processo de envelhecimento, tem focado sua atenção na área da saúde e pouco se detido nas especificidades das relações sociais, diferenças de classe e de gênero nesta faixa etária (BRITTO DA MOTTA, 2013).

Embora dispondo de um campo disciplinar específico, a Gerontologia, esta se constituiu como uma filha reverente da Geriatria e se dedica quase apenas a questões – teóricas e práticas – no campo da saúde, pouco atenta a modos de vida, diferenciais sociais e, especialmente, às relações de gênero, que são tão definidoras dos caminhos sociais (BRITTO DA MOTTA, 2013, p. 16).

A mulher idosa é também uma categoria plural e múltipla devido às diferenças acima mencionadas. Britto da Motta (2011) esclarece:

Essa própria categoria, mulher idosa, é heterogênea, multifacetada, plural. Recorde-se as diferentes idosas que se vê na rua: pobres, ricas e «remediadas»; brancas, pretas e pardas; mais velhas, menos velhas, «conservadas»; bem femininas, ou, até, «parecendo homens»; sérias e «ridículas». Que têm em comum que as identifique como o objeto de nossa análise? É, sobretudo, serem de um determinado sexo/gênero e de um certo grupo de idade ou geração; caracteres de ordem biossocial rigorosamente fundantes da sociabilidade dos seres humanos (BRITTO DA MOTTA, 2011, p. 14).

Belo (2013) critica o fato de a sociedade só considerar mulher aquelas que estão em idade reprodutiva, e isto compromete a incorporação de demandas específicas da mulher senil pelo movimento de idosos e por agências que lutam pelos direitos das mulheres. Ao envelhecer, a mulher não deixa de ser mulher. A autora comenta que muitas senhoras, ao procurarem serviços de saúde ou a delegacia, são convidadas a procurar delegacias ou atendimentos específicos a pessoa idosa e não são, portanto, vistas como pertencentes a categoria social “mulher”.

Por sua vez, a conexão entre gênero e envelhecimento tem sido pouco – ou quase nada – considerada nas lutas do movimento organizado do coletivo idoso, que orienta suas demandas e reivindicações sem diferenciar a velhice da mulher e a do homem (BELO, 2013, p. 2).

As mulheres jovens ou em idade reprodutiva são, portanto, alvo de políticas públicas e sempre são lembradas pela sociedade e pelo Estado, mas as mulheres idosas são esquecidas (BRITTO DA MOTTA, 2013). A autora Britto da Motta (2013) afirma, em tom de desabafo, sobre

a omissão social em relação a velhice feminina e que esta precisa ser alvo de mais pesquisas científicas e foco de políticas públicas.

E qual seria a diferença entre homens e mulheres neste grupo etário? Homens e mulheres experimentam trajetórias de vida distintas, em primeiro lugar pela questão do gênero, pois historicamente, as mulheres ocuparam um status inferior ao homem na sociedade, porém, com a chegada da velhice, os dois atores ocupam uma posição social¹¹ semelhante, marcada por estigmas e cerceamento social (BRITTO DA MOTTA, 2011).

No corpo, de acordo com Barros (2006), também são verificáveis estas mudanças entre senhores e senhoras. O corpo destas passam por mais intervenções médicas. As mulheres idosas realizam cirurgias e recorrem a tratamentos estéticos para desacelerar ou reduzir os sinais físicos decorrentes do processo de senescência (BARROS, 2006).

A feminização da velhice (BELO, 2013; BARROS, 2007) é um fenômeno presente em todas as sociedades que estão envelhecendo, ou seja, há na população idosa mais mulheres do que homens. Conforme já citado na Introdução, a pesquisa realizada pela PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), em 2017, demonstra que a população idosa no Brasil soma 30,2 milhões de habitantes. As mulheres representam 56% dos idosos (16,9 milhões de habitantes) e os homens constituem 44% (13,3 milhões).

Faz-se necessário destacarmos a realidade socioeconômica da mulher idosa e dos idosos de um modo geral no Brasil. A maioria das mulheres idosas no Brasil possuem baixa renda e escolaridade – não frequentaram a escola ou estudaram até o Ensino Fundamental incompleto -, resultado, em partes, das relações de gênero, onde as mulheres idosas foram socializadas (BELO, 2013). De acordo com dados divulgados pela PNAD¹², em 2016, a taxa de analfabetismo chegou a 20,4% entre a população idosa, sendo que o índice de analfabetismo é mais acentuado na região Nordeste e entre idosos declarados negros ou pardos.

É significativo o número de pessoas com 60 anos ou mais que continuam trabalhando ou voltaram ao mercado de trabalho. De acordo com o IBGE, em 2012, 27% dos idosos estavam ativo no mercado de trabalho, sendo que 15, 3% destes trabalhavam mesmo sendo aposentados. A pesquisa, feita pelo IBGE, também destaca que a renda mensal dos idosos é precária. Somando

¹¹Uma particularidade da velhice masculina é que, nos senhores, a perda de papéis sociais é maior, devido a chegada da aposentadoria (BARROS; PRADO, 1981). As mulheres idosas sempre estiveram inseridas no âmbito doméstico, elas experimentam, com o avanço da idade, um movimento contrário ao dos homens. Estes, saem do trabalho formal e se deslocam para a esfera doméstica. As mulheres realizam o movimento contrário, elas “saem” de casa e desenvolvem novas atividades. Isto seria consequência da liberdade de gênero e de estarem isentas da obrigação de cuidar dos filhos e do marido – entre aquelas que estão viúvas, solteiras ou divorciadas (BRITTO DA MOTTA, 2011).

¹²Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-apenas-o-ensino-fundamental-completo.html>. Acesso em: 10 fev. 2018.

aposentadoria, pensão ou salário oriundo de um trabalho formal ou informal, a renda do idoso é um pouco superior a um salário mínimo.

Portanto, os idosos retornam ao trabalho depois de aposentados para complementar a renda familiar, ou para sentirem-se mais úteis e autônomos, e assim conservar a saúde – este último caso seria mais recorrente em idosos de classe média (BARROS, 2006). Deste modo, os idosos voltam a trabalhar por necessidade econômica ou por decisão própria, porém esta mesma sociedade que estimula o idoso a ser ativo, paradoxalmente, considera negativo aqueles que ocupam trabalhos que deveriam ser destinados a pessoas mais jovens (BELO, 2013).

As mulheres idosas acompanham esta tendência e trabalham, de maneira formal ou realizando “bicos”, pois suas aposentadorias são muito precárias. Isto resulta da falta de oportunidade de estudar e de ingressar no mercado de trabalho quando eram mais jovens, porque dedicaram suas vidas a cuidar do marido e dos filhos, papel este socialmente esperado pela mulher no início do século XX (BRITTO DA MOTTA, 2011). Belo (2013) resume esta relação entre dominação masculina, subordinação econômica e baixos salários das mulheres em comparação com o dos homens:

A atual geração de mulheres idosas, em sua maioria e em todas as classes sociais, exerceu, ao longo da vida, o trabalho doméstico não remunerado, estando subordinada, economicamente, aos homens. Como consequência, estas mulheres recebem, hoje, pensões exíguas de viuvez ou assistenciais. Em caso de terem desempenhado funções remuneradas, como tinham o salário inferior ao deles, recebem, hoje, aposentadorias abaixo dos valores a eles pagos (BELO, 2013, p. 8).

Apesar de ser elevado o índice de idosos que ainda trabalham, e a aposentadoria ser um direito reconhecido como fruto de muitos anos de trabalho – a maioria das pessoas com 60 anos ou mais já trabalhava aos 14 anos de idade¹³ -, a sociedade considera o aposentado como inútil ou improdutivo (BARROS, 2006).

Na primeira década do século XXI, percebe-se, portanto, o crescimento do número de idosos que são chefes de família. Houve o aumento também entre lares que são chefiados por mulheres idosas (BARROS, 2006; BELO, 2013). É o que demonstra a PNAD, em pesquisa¹⁴ realizada em 2015. Os homens idosos são provedores em 24,2% das residências, ao passo que as idosas representam 29,6%. Houve o crescimento da chefia feminina em todas as idades, porém, a chefia entre as mulheres idosas predomina, comparando com as demais faixas etárias.

¹³ De acordo com o Censo 2010, 67, 7% dos idosos iniciaram a vida do trabalho até os 14 anos de idade. Fonte: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=3326&t=sis-2016-67-7-idosos-ocupados-comecaram-trabalhar-14-anos&view=noticia>. Acesso em: 14 mar. 2018.

¹⁴ Dados disponíveis em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/cresce-presenca-de-mulheres-chefes-de-familia-entre-os-idosos-no-brasil/>. Acesso em: 22 mai. 2018.

A explicação para este empoderamento feminino é dado como resultantes dos processos de viuvez, divórcios, de idosas que moram sozinhas ou possuem maridos já muito debilitados (BELO, 2013). Deste modo, as mulheres idosas, oriundas de uma geração que sentiu os efeitos da dominação masculina com mais rigidez, e parcela destas até abandonaram estudos ou trabalho para cuidar da família, hoje alcançam, pelo menos na perspectiva econômica, uma autonomia e independência maior.

Mulheres idosas, dentro da família, tiveram seus papéis mudados. De submissa, a chefe da família, mesmo que seja apenas economicamente ou formalmente. Afinal, ter se transformado de pessoas dependentes em mulheres provedoras, donas (ainda que, em muitos casos, apenas de direito e não de fato) de seus recursos pode produzir efeitos reais (ou sensação) de empoderamento (BELO, 2013, p. 17).

Pesquisas também indicam, além dos idosos serem provedores, houve o acréscimo do número de filhos adultos que dependem financeiramente dos pais idosos. Tal fato pode ser explicado pelo agravamento do desemprego e o aumento de separações/divórcios entre adultos, o que faz com que estes voltem a morar com os seus pais. Ao citar dados do Censo 2000, Barros (2006) afirma que as gerações mais novas estão se tornando dependentes financeiramente dos mais idosos.

Nos domicílios em que vivem os idosos, eles representam 86,5% dos chefes de família e 20% em relação ao total de domicílios no país. Nas trocas intergeracionais, a direção das contribuições e dos apoios se dá dos mais velhos para os mais moços, mesmo entre familiares que não residem na mesma casa. Os filhos passam, assim, a dependentes dos pais velhos (BARROS, 2006, p.125).

Britto da Motta (2011) reforça que a visão de que a mulher idosa é frágil está sendo desfeita, pois estas são provedoras da família, apesar do pequeno valor monetário da aposentadoria, e abrigam seus filhos adultos desempregados:

Um [...] [mito], que vem perdendo a força, minado pela observação cuidadosa da realidade, é o da dependência dos idosos, principalmente das mulheres – pela alardeada fragilidade e pelo fato de sua maior longevidade. Ainda está bem próximo o tempo de uso acadêmico e administrativo de uma multireferida «razão de dependência», sempre desfavoravelmente calculada em relação aos idosos. A realidade é que firmam-se estes, ao contrário e cada vez mais, como arrimos de família – ainda quando percebendo poucos proventos e pensões – em uma sociedade marcada pelo desemprego «estrutural» e consequente dificuldade de sobrevivência material e social. Quando ter uma casa, por exemplo, é crucial para o possível abrigo dos filhos, inclusive adultos (BRITTO DA MOTTA, 2011, p.17).

Esta nova configuração familiar vem engendrando uma espécie de solidariedade familiar, mais comum entre as classes baixas. Porém, os idosos de classe média ou alta, portadores de maior

renda e escolaridade, também vêm retornando ao trabalho depois de aposentados para sentirem-se “úteis” e preservar uma posição de destaque na família. Conforme, Barros (2006):

Este aspecto está mais presente entre aqueles em situação econômica mais precária, mas não deixa de ser uma das razões que levam aposentados com maior escolaridade e renda a continuar trabalhando para manter o consumo e uma posição vantajosa nas relações de trocas entre as gerações. A estas razões associam-se as que se referem à importância dada às atividades não recreativas fora de casa para “preencher a vida” e se sentir útil. A imagem de si como provedores e não como velhos aposentados, ao lado da necessidade econômica, é uma forma de manter o lugar de centralidade de autoridade na família e de autonomia e independência como indivíduo” (BARROS, 2006, p. 125-126).

A mulher idosa é vista como dependente, contudo grande parcela delas é arrimo da família, não somente no sentido material, de ser a provedora, mas ela também é aquela que cuida de seus parentes (filhos e netos) e realiza o trabalho doméstico. A mulher idosa contradiz também a visão do idoso inativo, pois mesmo que seja somente no âmbito doméstico, as senhoras de idade mais avançada continuam produtivas (BRITTO DA MOTTA, 2011). Existe, portanto, um paradoxo na forma como a sociedade rotula a mulher idosa. A concepção da mulher frágil, dependente, submissa, coexiste com a visão de que a mulher precisa ser forte, trabalhar, cuidar da família e ser provedora do sustento familiar (BELO, 2013).

Entre as atividades mais desenvolvidas pelas mulheres idosas são as voltadas à família, ações religiosas ou trabalho voluntário em entidades filantrópicas, raramente estão presentes em organizações políticas (BELO, 2013; BARROS, 2007). Porém, elas tendem a se engajar e participar de grupos e associações mais do que os homens. O (não) envolvimento em grupos de convivência constitui igualmente um exemplo disto. Participam destes quase que exclusivamente as mulheres (BRITTO DA MOTTA, 2011).

Em pesquisa realizada com mulheres idosas, de baixa renda, do estado de Pernambuco, após analisar as vivências e o (não) engajamento político delas, Belo (2013) afirma que:

Este modelo de “ser mulher” corresponde a uma realidade extremamente doméstica, já que não exercem atividades que gerem renda fora de casa, não frequentam associações ou grupos ou outra atividade social. Não existe, entre a maioria das mulheres entrevistadas, a prática de participação política (apenas 2,4% fazem parte de sindicatos e 4,5% frequentam associações), reafirmando que a velhice, para este grupo social, ainda continua vinculada às atividades religiosas e “do lar”(BELO, 2013, p.11).

As concepções e representações da velhice no Brasil, em suma, estão sendo ressignificadas (DEBERT, 2012). Há mudanças nas relações sociais entre idosos e adultos no âmbito familiar e no mercado de trabalho (idoso como provedor da família) e permanências (desrespeito e coerções no

modo de agir do idoso). Britto da Motta (2011), sintetiza este processo e as condições de vida dos nossos idosos:

Assim é que os velhos no Brasil, depois de vivenciarem, longamente, tentativas de alijamento prematuro do mercado de trabalho (situação que hoje também partilham com os jovens); de indefinição de papéis e respeito insuficiente no núcleo familiar (aliviados agora pelo apoio decisivo que passaram a dar ao orçamento da família, filhos e netos cerceados pela precarização do trabalho e pelo desemprego estrutural); de censura ou coibição de suas expressões da sexualidade; vivem hoje significativas mudanças em processo, em que se acentuam, mais uma vez, as diferenças de comportamento e expectativas para homens e mulheres, porém agora, bem mais favoravelmente a elas (BRITTO DA MOTTA, 2011, p. 15).

Até aqui vimos, resumidamente, as concepções de velhice no mundo contemporâneo, dados socioeconômicos sobre a população idosa no Brasil e algumas configurações sobre as relações entre a mulher idosa, família e trabalho. Entretanto, não é possível estudar a mulher idosa sem mencionar duas categorias estruturantes, que influenciam o comportamento e as inter-relações dos sujeitos: gênero e geração.

A gerações constituem relações de poder. Os estudos de Mannheim (1982) são referência em pesquisas que abordam diferentes etapas da vida, preferencialmente os relacionados a juventude. Porém, a contribuição teórica do autor será de suma importância para compreendermos atitudes e pensamentos da mulher idosa.

O sociólogo Karl Mannheim (1982) define geração como uma “situação social particular”. Isto é, geração é a articulação entre fatores biológicos, históricos e sociais, onde os sujeitos com a mesma idade, vivem uma situação social comum dentro do cenário histórico, cultural e social em que se encontram.

A situação de geração está baseada na existência de um ritmo biológico na vida humana – os fatores de vida e morte, um período limitado de vida, e o envelhecimento. Os indivíduos que pertencem à mesma geração, que nasceram no mesmo ano, são dotados, nessa medida, de uma situação comum na dimensão histórica do processo social (MANNHEIM, 1982, p.71).

As gerações baseiam-se no ritmo biológico de nascimento, crescimento, maturidade e morte, porém, não se reduz somente a este fator biológico. Existe porém, as inter-relações entre os indivíduos, no interior de um dado momento histórico e em uma dada estrutura social. Portanto, o fenômeno social das gerações não pode ser compreendido somente na perspectiva biológica, por isso, o autor deseja, demonstrar: “a relevância sociológica dos fatores biológicos” (MANNHEIM, 1982, p. 72). Em vista disso, considerando a influência do todo social sobre o ciclo de vida, pessoas

de uma referida geração estão em uma mesma situação dentro do ciclo biológico da vida e estão inseridas em um contexto histórico-social semelhante (MANNHEIM, 1982).

Os indivíduos integrantes de uma geração e classe social equivalentes, de acordo com Mannheim (1982), tendem a possuir os mesmos modos de agir e de pensar, isto é, reproduzem comportamentos e pensamentos similares. Logo, a apropriação cultural não é igual para todos e varia conforme a classe e o grupo que os sujeitos participam.

O que o fato de pertencer à mesma classe e o de pertencer à mesma geração ou grupo etário tem em comum é que ambos proporcionam aos indivíduos participantes uma situação comum no processo histórico e social e, portanto, restringe uma gama específica de experiência potencial, predispondo-os a um certo modo característico de pensamento e experiência e a um tipo característico de ação historicamente relevante. [...] Existe uma tendência inerente a toda situação que aponta em direção a certos modos definidos de comportamento, sentimento e pensamento (MANNHEIM, 1982, p. 72).

O autor também define o que significa a “unidade de uma geração”. Esta não consiste em um grupo ou associação de pessoas. Os vínculos sociais existem entre estes indivíduos, porém não podem ser comparados a “grupos concretos”, onde as pessoas se reúnem voluntariamente com objetivos específicos. Mannheim (1982) esclarece:

A unidade de geração representa um vínculo muito mais concreto do que a geração enquanto tal. Pode-se dizer que os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração real; enquanto aqueles grupos dentro da mesma geração real, que elaboram o material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração separadas (MANNHEIM, 1982, p.87).

Os indivíduos que estão inseridos em uma unidade de geração apresentam, portanto, uma identidade de situação ainda mais forte e semelhante, do que aqueles que são pertencentes apenas à mesma geração.

Para Mannheim (1982), na nossa sociedade, há o contínuo processo de transmissão cultural entre uma geração e outra. As gerações mais velhas vão desaparecendo, ou seja, coexistem até certo período com grupos etários distintos, mas também, seguem o curso natural da vida, vão, progressivamente, dando lugar as gerações mais jovens. Deste modo, a herança cultural é constantemente acumulada e transmitida entre os indivíduos na sociedade (MANNHEIM, 1982).

As mulheres idosas de hoje pertencem a uma geração específica, que nasceu e viveu sua infância no em meados do século XX. Estas senhoras, logo, receberam uma socialização distinta. A geração das mulheres que atualmente são idosas foram socializadas em um cenário histórico-cultural onde a dominação masculina prevalecia. Neste período, a coletividade impelia a mulher

para que estivesse apenas inserida na esfera doméstica. Segundo os valores da época, a mulher deveria ser subordinada, obediente e era rotulada como incapaz de lidar com a política (BRITTO DA MOTTA, 2013; BARROS, 2006).

Barros (2006) comenta que as relações sociais são alteradas e as concepções sobre si mesmas também são modificadas conforme a passagem dos anos. A mulher na infância e na juventude recebe a coerção e vigilância dos pais. Na vida adulta, quem exerce o papel de controle é o marido e a mulher também assume o papel de mãe com a responsabilidade de criar os filhos. Na velhice, a mulher tem a possibilidade de romper com estas coerções e papéis, e ganhar mais autonomia e independência, sendo capaz de realizar diversas atividades, sejam elas relacionadas a estudo ou lazer.

O corpo velho pode deixar de carregar o peso negativo da mulher que não é mais capaz de procriar e que não é mais atraente para ser, agora, o corpo liberto do controle social. Um corpo plástico sobre o qual cada uma pode ter algum controle. Ir e vir pode não se resumir só a idas a bancos para receber a pensão ou aposentadoria, aos hospitais e aos médicos para cuidar das doenças, ou ainda, à casa de filhos e netos para dar uma ajuda nos trabalhos domésticos. O ir e vir pode ser a busca por diferentes formas de lazer, nos bailes, nas “aulas” nas universidades da terceira idade, nos passeios e nas viagens organizados pelos grupos de atividade para idosos. Passa a contar como valor a própria independência: morar só pode aparecer como um desejo e como uma preferência, mesmo que não se realize (BARROS, 2006, p.117).

As categorias classe social, etnia e gênero também produzem experiências distintas na juventude (BRITTO DA MOTTA, 2013) e no processo de envelhecimento (BARROS, 2006). Similarmente, as mudanças sociais e culturais também modificam as gerações, as concepções acerca da velhice e o comportamento dos indivíduos.

Podemos afirmar, baseando-nos nas premissas de Mannheim (1982), que a velhice é um tipo particular de situação. Entretanto, este grupo etário abrange um longo intervalo, de aproximadamente 30 anos. Deste modo, no interior da própria velhice existem várias gerações, mas que podem ser resumidas em dois subgrupos: velhos jovens e velhos velhos (BARROS, 2006). Os “velhos jovens” levam uma vida ativa e ocupam mais os espaços públicos, enquanto os “velhos velhos” ocupariam principalmente o ambiente doméstico. Portanto, a diferença geracional é um dos fatores que tornam a velhice uma categoria social plural e heterogênea.

As experiências de envelhecimento também são diversificadas conforme o gênero dos indivíduos. O conceito de gênero é interpretado pelos autores de diversas formas, porém há um consenso na literatura que o mesmo é uma construção histórico-social do que é ser homem e ser mulher em uma sociedade. Parte das discordâncias teóricas reside no peso da dimensão histórica na construção de desigualdades entre os gêneros. Saffioti (2015) defende a influência da história na

percepção desta categoria e as relações sociais a ela implicadas. Para Saffioti (2015), o gênero é uma construção social:

“[...] gênero diz respeito às imagens que a sociedade constrói destes mesmos masculino e feminino” (SAFFIOTI, 2015, p. 117).

Os estudos de gêneros no Brasil ganharam força e se disseminaram nos anos 1990. Simone de Beauvoir (1970) é considerada a precursora do conceito, ao dizer na obra *O segundo sexo*: “ninguém nasce mulher, mas se torna mulher”. Mesmo sem usar a terminologia gênero, anuncia os princípios deste conceito (SAFFIOTI, 2015).

Além de Saffioti (2015) defender a importância do período histórico, ela sugere que sejam acrescentados nos estudos de gênero o conceito de patriarcado. Gênero é mais ideológico, Patriarcado é mais concreto. Patriarcado é, pois “o regime de dominação- exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2015, p. 47). O patriarcado, assim como os demais fenômenos sociais está em constante transformação.

Saffioti (2015) afirma que não há separação entre os termos sexo e gênero, como se um pertencesse ao campo biológico e o segundo ao sociocultural. A autora defende que ambos constituem a mesma unidade. O ser humano deve ser analisado como um “todo” e o gênero, então, seria a junção da unidade sexo somado aos fatores sociais.

“A postura aqui assumida consiste em considerar sexo e gênero uma unidade, uma vez que não existe uma sexualidade biológica independente do contexto social em que é exercida” (SAFFIOTI, 2015, p. 116).

Neste sentido, o gênero também se manifesta no corpo, especialmente no das mulheres, que foram historicamente reprimidas, onde seus corpos receberam funções distintas: reprodutora, sexual e mão de obra. Os corpos dos homens, contudo, são considerados aptos a participar ativamente da sociedade e da política (SAFFIOTI, 2015).

A repressão social e sexual, as quais as mulheres estão sujeitas, conforme menciona Britto da Motta(2011), está em processo de desconstrução, porém, as mulheres idosas de hoje, que nasceram e foram socializadas nas primeiras décadas até meados do século XX, experimentaram mais energicamente esta coerção que as impelia a serem submissas aos homens e dedicarem suas vidas exclusivamente às funções domésticas.

Esta “domesticidade”, Britto da Motta (2011) expõe, gerou diversas implicações na vida mulher idosa, que a distingue da velhice homens. Tais como: o acesso precário ou negado em escolas e no mercado de trabalho, salários inferiores aos dos homens, imposição de uma suposta incapacitação da mulher em participar de organizações sociais ou políticas, entre outras.

para a mulher a prescrição tradicional foi: domesticidade e repressão social e sexual, desestímulo ou dificuldade de acesso e permanência no mercado de trabalho, desigualdade de formação e de condições de trabalho em relação às dos homens, negação aparente de interesse e capacidade para a política e uma apropriação social do seu corpo expressa no controle familiar e na medicalização das funções reprodutivas. Em resumo, a expectativa obrigatória de uma «feminilidade» que significava obediência e conformismo. Este padrão vem em franco desmonte, mas foi o que orientou a vida das mulheres que hoje são velhas (BRITTO DA MOTTA, 2011, p.14 – 15).

Quanto à relação velhice, corpo e sexualidade, Beauvoir (1990), Peixoto (1999) e Barros (2006) afirmam que a sociedade impõe ao corpo da mulher idosa que seja assexuada, sendo considerado uma conduta reprovável aquelas que, estando viúvas ou solteiras, namoram ou assumem novos companheiros. Ao contrário, o homem idoso, quando assume um novo relacionamento após a viuvez, não é visto com maus olhos pela comunidade (PEIXOTO, 1999). Um dos motivos para esta repressão sexual seria o fato da mulher idosa não ser vista como mulher, passível de dar e receber prazer. Peixoto (1999) comenta que:

à mulher envelhecida são proibidas a sedução e a sexualidade. A mulher velha não é mais mulher, pois seu corpo não é mais objeto de desejo, está fora do circuito da sedução e da reprodução que, para as mulheres das gerações mais velhas, estabelece o estatuto fundamental da mulher. Além disso, a viuvez tem sido apontada como sinônimo da solidão feminina; já apontamos para o fato de que a longevidade feminina é maior que a masculina. Por outro lado, os homens não ficam viúvos por muito tempo, buscam logo uma nova companheira mais jovem (PEIXOTO, 1999, p. 9-10).

Britto da Motta (2011) e Peixoto (1999) afirmam que a mulher na velhice não é vista como mulher justamente por seu corpo não ser objeto de desejo e não poder mais gerar outros seres humanos. Somente as mulheres mais jovens seriam consideradas como tal por atender as expectativas e o “destino” social a elas relacionadas. Tal associação, conseqüentemente, é feita pelo Estado, ao considerar nas políticas públicas para as mulheres, somente aquelas que estão na juventude ou maturidade, não incluindo, pois, a mulher idosa. Britto da Motta (2011) critica enfaticamente esta exclusão da mulher idosa no imaginário social e nas políticas sociais:

Apesar da clara heterogeneidade que informa a categoria social, também analítica, mulher, quando se fala nas mulheres sempre vêm ao pensamento as de idades mais jovens ou medianas. São as que figuram exercer os papéis mais dinâmicos, ou mais esperados socialmente – sejam os profissionais contemporâneos, em novos postos no mercado de trabalho, sejam os familiares de sempre, que compõem a ainda idealizada família nuclear. Para elas são pensadas as políticas sociais mais básicas: os acessos às práticas educacionais, as idades/limites de ingresso no mundo do trabalho; a atenção em saúde, com as campanhas governamentais sempre voltadas para as faixas de idade reprodutiva; a atenção ao cada vez mais visibilizado problema da violência contra a mulher, igualmente voltado para as mais jovens, além de analisado como apenas questão das relações de gênero, na ordem patriarcal. **Mas as velhas também existem!** [grifo nosso] (BRITTO DA MOTTA, 2011, p. 14).

Britto da Motta (2011) afirma que, com a chegada da velhice, as mulheres alcançam uma “liberdade de gênero”. Ela se caracteriza pela sensação de liberdade que as idosas apresentam após estarem isentas da obrigação de cuidar dos filhos (que já estão crescidos) e do marido (decorrentes do divórcio ou viuvez). Desta maneira, as idosas estariam livres de certos controles sociais e familiares a elas impostos. Ao conceituar o termo “liberdade de gênero”, Britto da Motta (2011) explica que:

Venho, há algum tempo, analisando essa percepção das mulheres idosas, que denominei liberdade de gênero, e resumiria aqui como realmente correspondendo ao sentimento de alívio pela cessação de antigos controles e obrigações societários que pesavam sobre a mulher quando jovem, e até madura, etapas em que a sua definição social se dava, antes que tudo, como reprodutora – de novas vidas, pelo casamento, da domesticidade e, depois e sempre, da vida privada. Cumprido o ciclo básico da vida familiar, aqueles controles tornados desnecessários – porque internalizados, superados ou obviados pela viuvez – a vida, na velhice, pode agora tornar-se mais leve, mais livre, nesta sociedade pós-revolução feminista, em rápida mudança de valores e costumes (BRITTO DA MOTTA, 2011, p. 20).

Com a aquisição de tempo livre, as mulheres neste grupo etário têm a oportunidade de realizar projetos e atividades por elas desejados. Britto da Motta (2011) cita como exemplo, o fato de idosas de classe média em Salvador, nos dez últimos anos, estarem ingressando em cursos, faculdades e investindo, portanto, na carreira profissional, o que outrora não fora permitido devido as obrigações e tarefas a serem desempenhadas como esposas e como mães.

Porém, há casos de idosas que não desfrutaram ainda desta “liberdade”, por serem exploradas pela família. Muitas cuidam de seus netos (filhos adultos obrigam os pais a exercerem esta tarefa), sustentam filhos adultos desempregados, onde, muitas vezes, estes gastam o dinheiro da aposentadoria dos pais, e quando conseguem uma fonte de renda, não contribuem com as despesas do lar (BELO, 2013).

Eis, pois, um dos motivos que levam as mulheres idosas a quererem morar só. Morar sozinho não é percebido como algo negativo para parcela delas, pois filhos ou parentes de gerações mais novas tentariam “mandar” nelas, não somente na perspectiva econômica (em querer controlar o dinheiro), mas na esfera comportamental – controlar as saídas de casas, as atividades e a vida sexual (BRITTO DA MOTTA, 2011). Por isso, as relações intergeracionais constituem relações de poder. Britto da Motta (2011) afirma:

“Apesar de colaborações, apoios e demonstrações de autonomia, os mecanismos cotidianos de expressão das lutas de poder entre as gerações estão sempre em alguma forma ou nuance de atuação. E quanto mais velha, mais difícil a liberação” (BRITTO DA MOTTA, 2011, p. 19).

De igual modo, a maioria das mulheres que estão sem companheiros (solteiras, divorciadas ou viúvas) relatam não pretender casar novamente, pois não desejam perder a liberdade tardiamente alcançada (BRITTO DA MOTTA, 2011).

Apesar das transformações culturais na contemporaneidade, da progressiva mudança de valores e dos espaços conquistados pela mulher nos últimos anos, para Saffioti (2015), as mulheres brasileiras tendem a ser majoritariamente conservadoras e indiferentes as desigualdades de gênero. A autora comenta que em pesquisa desenvolvida com mulheres brasileiras acerca da jornada de trabalho, ao serem questionadas sobre as tarefas domésticas e as diferenças de salário entre mulheres e homens, as mulheres contatadas não reclamaram ou não se demonstraram insatisfeitas com a jornada dupla de trabalho e salários, na maioria dos casos, inferiores ao dos homens. Em outras palavras, as mulheres contatadas não percebem esta dominação masculina presente em diversos setores da sociedade (SAFFIOTI, 2015).

As mulheres brasileiras seriam, em sua maioria, indiferentes às desigualdades de gênero, ao machismo que permeia a sociedade, e à luta do movimento feminista pelos direitos das mulheres. Saffioti(2015) comenta que isto é consequência da reduzida criticidade, fazendo com que as mulheres se posicionem contrárias as pautas do movimento feminista. Portanto, Saffioti (2015) acredita que:

Apresentando baixa cultura geral e ínfima capacidade crítica, a maioria das brasileiras pode ser enquadrada na categoria conservadoras [...] Por conseguinte, a maior parte das mulheres mantém atitudes contrárias a ações afirmativas governamentais, que poderiam contribuir grandemente para o avanço das transformações sociais desejadas pelos defensores dos direitos humanos, neles inclusa a metade feminina da população. [...] E as brasileiras têm razões de sobra para se opor ao machismo reinante em todas as instituições sociais, pois o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo. [...] Não obstante o desânimo abater certas feministas lutadoras, quando assistem determinados comportamentos de mulheres alheias ao sexismo, vale a pena levar esta luta às últimas consequências, a fim de se poder desfrutar uma verdadeira democracia” (SAFFIOTI, 2015, p. 49).

Britto da Motta (2013), por sua vez, critica a ausência de inclusão das diferenças geracionais, sobretudo sobre a particularidade das demandas da mulher idosa e da mulher jovem, pelo movimento feminista. A autora evidencia que o feminismo no Brasil ganhou força, inicialmente, através do engajamento de mulheres brancas e da elite, por volta dos anos 1970. Todavia, apesar do desenvolvimento de diferentes correntes no interior do movimento, ao longo dos anos, este não considerou as especificidades que o fator geracional pode produzir sobre a realidade feminina (BRITTO DA MOTTA, 2013).

É pertinente destacar que as mulheres idosas no Brasil foram socializadas para a obediência e o conformismo. Estes dois discursos, duplamente passivos, constroem a identidade da atual geração de idosas: passividade e submissão por ser mulher, e passividade e dependência por ser velha (BELO, 2013). As senhoras, contraditoriamente, ao mesmo tempo em que são vistas como frágeis, assumem o papel de fortes, arrimo da família, cuidadora e amorosa. Belo (2013) explicita:

A socialização dentro deste modelo sempre foi reforçada por um discurso naturalizante em que o domínio masculino apenas iniciava a ser questionado. As lutas das mulheres eram ainda circunscritas a um universo minoritário. Soma-se a este conjunto de discursos sobre a mulher, o fato de elas terem sido socializadas em um contexto em que a imagem dominante da velhice estava também fortemente vinculada à inutilidade, exclusão, dependência, doença. [...] Seu papel [socialmente desejado é ser] cuidadora, afetuosa, doméstica, amorosa, passiva e, contraditoriamente, forte para ser o esteio familiar (BELO, 2013, p. 9).

Em suma, considerando as correntes teóricas revisadas nesta seção, podemos afirmar que a mulher idosa é uma categoria social heterogênea, pois individualmente cada uma destes elementos “ser velho”, “ser mulher”, “ser de uma referida geração”, produzem, por si só, experiências plurais e multifacetadas (BRITTO DA MOTTA, 2013).

Como vimos, o gênero, a classe social e a etnia estruturam a sociedade. O conceito de geração, somado ao tripé anterior, explicam as diferenças culturais e comportamentais dos sujeitos. Deste modo, não pode existir sujeitos homogêneos, menos ainda velhices e mulheres idosas uniformes. Saffioti (2015) sintetiza:

Efetivamente, o sujeito constituído em gênero, classe e raça/etnia, não apresenta homogeneidade. Dependendo das condições históricas vivenciadas, uma destas faces estará proeminente, enquanto as demais, ainda que vivas, colocam-se à sombra da primeira. Em outras circunstâncias será outra faceta a torna-se dominante. Esta mobilidade do sujeito múltiplo acompanha a instabilidade dos processos sociais, sempre em ebulição (SAFFIOTI, 2015, p. 83).

Ser mulher idosa também implica em novas relações sociais, pois a velhice feminina se distingue da masculina. Entre as particularidades da velhice na mulher, Belo (2013) cita a repressão sexual, a longevidade, - as senhoras vivem mais e estão mais suscetíveis a desenvolverem doenças, bem como receberem possíveis maus tratos de parentes -, algumas buscam fontes alternativas de trabalho para aumentar o orçamento familiar, são, cuidadoras da família, outras vivem sozinhas. Como a velhice feminina apresenta características e desafios próprios, a mulher idosa necessita de políticas públicas específicas para atender as suas demandas. Para Belo (2013):

Há, ainda, outros aspectos que poucas vezes são levados em consideração, dentre os quais o fato de estarem mais passíveis do que seus companheiros de desenvolverem doenças. Considerando que a sua longevidade é superior à do homem em, aproximadamente, sete a oito anos de vida, elas tendem a ser cuidadoras dos maridos e/ou filhos que necessitam de

apoio ou, ao contrário, pertencem a uma elevada proporção de mulheres que vivem sós. Neste caso, têm que conviver com alguns valores e estereótipos sociais que dificultam a reestruturação de sua vida conjugal, quando assim é desejada, ou carecem de suporte material e afetivo, quando surgem as debilidades físicas. Diante disto, pode-se afirmar que a atual geração de mulheres idosas é aquela que mais necessita das políticas públicas para atendimento às suas demandas (BELO, 2013, p. 8).

Resumidamente, vimos que as categorias velhice, geração e gênero são construções sociais. A imagem da velhice é, portanto, ambígua e plural, variando de acordo com as diferenças socioeconômicas, de gênero e por fatores culturais.

A velhice das mulheres é diferente da masculina, como vimos por causa do sexismo e dos processos de socialização e dominação masculina (patriarcado) que estas mulheres atravessaram. A literatura acerca destes conceitos demonstra que a mulher idosa é uma categoria heterogênea, devido a situação social na qual elas ocupam no contexto histórico, geracional, conforme as condições de renda e escolaridade das mesmas e pela questão de gênero.

Tendo como base o conceito de geração de Mannheim (1982), os indivíduos podem ter representações culturais e visão de mundo diferentes dependendo da geração à qual pertencem. Por isso, faz-se necessário pesquisar o comportamento político de idosos, e sobretudo das mulheres idosas, pois além da escolaridade e da renda, - aspectos que teoricamente são vistos como produtores de distinções no comportamento do eleitorado brasileiro -, a idade e conseqüentemente a geração em que o indivíduo está situado, também traz implicações na forma como este enxerga a política, a democracia, escolhe seus candidatos e comparece às eleições.

Na próxima seção, veremos as teorias explicativas do comportamento eleitoral, bem como a relação que este conceito apresenta com o processo de socialização política no decorrer do envelhecimento dos sujeitos, ou seja, ao longo do ciclo da vida.

2.2 Socialização, cultura e comportamento político

Discorreremos na seção anterior sobre como as estruturas de gênero, classe social, e etnia podem gerar diversas experiências de ser mulher e de ser idosa.

Estas categorias, similarmente, afetam como cada etapa do ciclo de vida é vivenciada (OKADO; RIBEIRO, 2015). Isto é, as variáveis socioeconômicas e estruturantes¹⁵, além de provocarem mudanças no pensamento e no comportamento dos indivíduos, produzem singularidades nos diferentes grupos etários.

¹⁵ Ao mencionar “categorias estruturantes”, estou me referindo a gênero, classe social e etnia.

De acordo com os estudos sobre socialização política, existe uma relação entre socialização política, comportamento político e os ciclos de vida (FUKS, 2012); (OKADO; RIBEIRO, 2015). Ou seja, os efeitos da socialização também definem e modelam como o indivíduo compreende, se interessa e atua na política.

A socialização política é, portanto, um conceito que nos permite elucidar e compreender algumas características do comportamento do eleitor. Conforme a literatura, a socialização política é a assimilação de representações culturais e comportamentos nas primeiras décadas de vida (OKADO; RIBEIRO, 2015). Iniciaríamos, então, este processo de socialização na infância e na juventude por meio da família e da escola. Os valores e as atitudes adquiridas neste período tenderiam a permanecer estáveis, com poucas variações, no decorrer da vida. OKADO, RIBEIRO, LAZARE (2018) conceituam:

A socialização política é o período no qual são incorporados os valores, as crenças e as atitudes, antecedendo a entrada na vida adulta e forjando atitudes, valores e comportamentos com alta estabilidade. [...] As orientações subjetivas estabelecidas durante esse período pré-adulto se consolidam e permanecem latentes, manifestando-se de forma residual durante toda a vida do indivíduo e pouco se alterando com o passar dos anos, salvo em razão de experiências excepcionalmente traumáticas (OKADO, RIBEIRO, LAZARE, 2018, p. 268, 269).

A infância, a adolescência e a transição para a fase adulta são considerados os três principais momentos em que ocorrem a socialização primária (FUKS, 2012). Neste período, a socialização possui maior potencial de induzir as ações individuais, porém, a socialização não finda com a entrada na vida adulta. Mesmo apresentando menor influência sobre os valores e os comportamentos, o indivíduo continua na maturidade atravessando processos socializadores.

Portanto, se os indivíduos vivenciam diversas socializações, igualmente, o modo como os sujeitos veem e agem em relação à política pode ser alterado no decorrer da trajetória de vida (OKADO; RIBEIRO, 2015).

A mudança de papéis sociais, tais como o ingresso na vida adulta e a aquisição de novas responsabilidades (casamento, nascimento dos filhos, entrada no mercado de trabalho), faz com que o indivíduo tenha contato com um novo mecanismo socializador, o que modifica, por sua vez, o modo de pensar e o comportamento deste. Considerar que a socialização é contínua não significa, pois, que haverá uma mudança radical nos valores e atitudes já incorporados pelos sujeitos. Alguns destes padrões comportamentais irão permanecer, enquanto outros podem ser permutados ou substituídos. Segundo OKADO; RIBEIRO (2015):

“Não há uma negação completa dos valores e comportamentos adquiridos durante os anos mais suscetíveis, muitos deles permanecem no decorrer da vida, mas o papel que os novos repositórios de socialização desempenham é reforçado” (OKADO; RIBEIRO, 2015, p. 59).

Os autores sintetizam afirmando que ao ingressar em novas etapas do ciclo de vida ¹⁶, os indivíduos estão sujeitos a novos processos de socialização, o que gera impactos também nas formas de participação política e, por sua vez, no comportamento político (OKADO; RIBEIRO, 2015).

Almeida (2018) afirma que a socialização política ocorre de maneira diferenciada, segundo fatores socioeconômicos e religiosos. O autor cita como exemplo a relação entre condutas conservadoras e práticas religiosas. Logo, as classes sociais e as crenças produzem socializações diversificadas. Almeida (2018) destaca que:

A socialização política é diferente em função da renda, do local de moradia, da inserção no mercado de trabalho e, muitas vezes, da religião e religiosidade. Por exemplo, pessoas mais religiosas tendem a ser mais conservadoras do que pessoas que nunca vão à igreja. Além disso, cada grupo social tem seus interesses econômicos específicos (ALMEIDA, 2018, p. 124).

Associando socialização política, classe social e identificação partidária, Almeida (2018) assegura que as crianças e os jovens de classe baixa, conforme a socialização familiar e escolar recebida, tendem a simpatizar com o PT, enquanto que os mesmos indivíduos, se fossem oriundos de famílias de classe média ou alta tenderiam a aprovar o PSDB e rejeitar o PT (ALMEIDA, 2018). Deste modo, a socialização política produz e molda a identificação partidária, e conseqüentemente, influencia na escolha do voto.

Pesquisas recentes desenvolvidas com adolescentes, evidenciam como o jovem eleitor, isento da obrigação de votar, participa politicamente e quais fatores impulsionam este a (não)engajar-se em associações, partidos ou protestos.

Mario Fuks (2012) analisa o processo de socialização política dos jovens que residem em Belo Horizonte e o impacto de algumas variáveis na formação do comportamento político deles. O autor analisa três dimensões: “o conhecimento sobre política, a participação política e as atitudes políticas” (FUKS, 2012, p. 90). E, por meio de análises de regressão, constata que a elevada escolaridade e a participação política dos pais, somadas em estudar em escolas elitizadas, aliadas às

¹⁶ Os cientistas políticos Okado e Ribeiro (2015) utilizam o termo “etapas do ciclo de vida”. Os sociólogos e antropólogos, como já observamos, usam a nomenclatura “gerações”. Mannheim (1982), Barros (2006), Belo (2013), Britto da Motta (2013) são alguns deles. Porém, neste trabalho, considerarei estes termos semelhantes para entendermos a influência que a idade pode exercer sobre a assimilação e reprodução da cultura e do comportamento político nos atores sociais, e conseqüentemente, na mulher idosa.

características individuais (motivações) explicam o modo como o jovem assimila informações sobre a política, podendo tornar-se, quando for adulto, um eleitor participativo.

Porém, cada uma destas variáveis apresentaria pesos diferentes no processo de socialização e aquisição de conhecimento e de posturas participativas. A motivação e os estímulos recebidos na escola e na família são considerados efeitos tardios, ou seja, se revelarão explicitamente quando os jovens já estiverem na fase adulta (FUKS, 2012).

A escolaridade e a classe social dos pais possuem um efeito mais forte, o que o autor nomeia de “efeito indireto” na participação política dos jovens. Portanto, a posição socioeconômica dos pais define em qual escola o filho irá estudar e as informações sobre política que irá receber, não somente no âmbito escolar, mas também no interior da família. Fuks (2012) demonstra que:

A mensagem substantiva desses efeitos indiretos e tardios é a de que a desigualdade socioeconômica tem um impacto considerável sobre a desigualdade política. Jovens que têm pais mais escolarizados e que têm ocupação profissional mais elitizada, que frequentam escolas cuja estrutura oferece melhores condições de acesso a informações e oportunidade de participação, são os que mais participam de organizações da sociedade civil, de atividades estudantis e de ações políticas específicas (FUKS, 2011, p. 168-169).

Podemos inferir, portanto, que há uma relação significativa entre classe social e comportamento político (FUKS; PEREIRA 2011). As desigualdades na sofisticação política entre o eleitorado são oriundas da posição socioeconômicas dos sujeitos (no caso dos jovens, deriva da classe social dos pais). Esta desigualdade nos “graus” de sofisticação (conhecimento e informação sobre política) dos eleitores geraria pensamentos e atitudes políticas distintas. As mulheres jovens, segundo a pesquisa com os jovens belo horizontinos, mostraram ser as que mais participam de ações políticas não-eleitorais. Os homens jovens teriam maior interesse por política em seus discursos, porém, na prática, são as mulheres nesta faixa etária que efetivamente apresentam maior participação em ações políticas (FUKS, 2011).

A referida pesquisa afirma ainda que os jovens que estudam em escolas militares e jovens religiosos adotam posturas mais conservadoras acerca de temas polêmicos como a legalização do aborto e da maconha. Os jovens religiosos, contudo, demonstraram ser mais participativos em ações promovidas pela escola, demonstrando, pois, uma tendência em serem participativos também na política quando forem adultos (FUKS, 2012).

Os dados apresentados, logo, reafirmam o papel da escola como instância socializadora por incentivar e contribuir com as distinções no interesse por política e na participação efetiva dos jovens. A participação política dos jovens é influenciada igualmente em casa, através do estímulo de pais participativos. Assim, Fuks (2011) reitera:

Importante observar que o engajamento político dos pais afeta duplamente a participação dos filhos, tanto de forma direta como indireta, motivando nesse caso a aquisição de informação política. Ou seja, um ambiente familiar participativo tende também a ser politizado, ao estimular conversas e a busca de informações políticas nos meios de comunicação, as quais conduzem ao comportamento mais participativo (FUKS, 2011, p. 162).

Além da classe social e do envolvimento em política dos pais, e do tipo de escola que o aluno frequenta, há também o efeito das características subjetivas, ou seja, os atributos individuais tais como a criticidade e a disposição em interagir em debates no meio escolar, exercem um efeito significativo na participação juvenil (FUKS, 2012).

O interesse por assuntos políticos, o sentimento de ser capaz de entender o mundo da política, a atitude crítica e ativa em relação a atos praticados por autoridades, na escola, e a disposição para participar, ativamente, de debate realizado na escola são algumas das orientações subjetivas que expressam a disposição do jovem a participar da política na vida adulta (FUKS, 2012, p. 94).

O autor conclui que a maioria das variáveis socializadoras (classe social, escolaridade dos pais, acesso a informação sobre política, ativismo dos pais, tipo de escola) produzirão efeitos indiretos no jovem e tardiamente na vida adulta. Em suma, a transmissão de características do comportamento político entre as gerações se dá de maneira indireta (FUKS, 2012).

No âmbito da Ciência política, há uma variedade de pesquisas que abordam a transmissão da cultura política e do comportamento eleitoral entre as gerações. Porém, o foco destes trabalhos reside na socialização política experimentadas na infância e na juventude, e quais as possibilidades destas representações culturais permanecerem no comportamento do eleitor na fase adulta.

Há uma carência, portanto, de estudos que avaliem o comportamento político dos idosos (e das mulheres idosas), para entender como a socialização política, a qual os indivíduos estão submetidos (mesmo que produza menor efeito do que a socialização primária) e como o acúmulo de experiência política na velhice podem gerar impactos sobre o comportamento do eleitor idoso. A relação entre socialização, comportamento político e idosos é uma lacuna que precisa ser investigada, cuja pesquisa visa contribuir.

Mesmo que a literatura sobre cultura política, socialização e comportamento político concentre suas análises em apreender o eleitor adulto e jovem, tais informações indicam tendências comportamentais, que serão úteis na compreensão da eleitora idosa. Vejamos a seguir o que consensualmente é definido pelos teóricos por cultura e comportamento eleitoral, bem como as singularidades do eleitor brasileiro.

Entende-se por cultura política “o conjunto de orientações subjetivas de cidadãos, inclusive valores, crenças e conhecimento sobre o sistema político” (RENNÓ, 2001, p.34). A obra de *The civic culture: political attitudes and democracy in five countries* publicada por Gabriel Almond e Sidney Verba, em 1963, representa um marco na reflexão teórica sobre a cultura política. Estes autores defendiam a tese de que o comportamento político dos cidadãos está diretamente associado com a cultura política vigente em cada país (BORBA, 2005). Apesar de ter sofrido críticas por difundir um suposto “determinismo cultural”, tal obra, representou uma grande contribuição para o avanço das investigações desta temática nas Ciências Sociais e Política nas décadas subsequentes.

O comportamento político possui três dimensões, cada uma contendo a sua especificidade: atitudes, conhecimento e participação política (FUKS, 2012). Há um consenso na maioria dos autores de que o comportamento do eleitor é influenciado pela sua cultura. A divergência estaria somente em qual dimensão teria maior relevância: a social-econômica, a psicológica ou a escolha racional (FIGUEIREDO, 2008).

Para o modelo de explicação sociológica, o indivíduo, por estar inserido em determinado lugar na estrutura social: grupos, classes sociais ou partidos, tende a construir a sua postura ideológica e a escolher os seus candidatos mediante as interações do próprio grupo social que ocupa. O comportamento político do eleitor, segundo esta perspectiva, seria influenciado pelo contexto social em que o mesmo está inserido. As interações sociais seriam fatores predominantes na formação de opiniões e comportamentos individuais.

Nesse sentido, para compreender o voto de um jovem ou de um idoso é necessário conhecer o seu contexto social e político: *onde* esses eleitores vivem e *como* vivem nesse contexto. [...] Portanto, não são os indivíduos e sim os coletivos sociais que imprimem dinâmica à política; e o que precisa ser explicado são os resultados agregados de ações coletivas (FIGUEIREDO, 2008, p. 48).

Desde a época do meu primeiro voto, eu tinha 18 anos, acho que foi em 1968. E na época, eu já via, eu tinha certeza, eu tinha que votar, eu tinha que ser de esquerda. E eu já comecei votando no MDB. Votava sempre no partido de esquerda, porque eu vi as lutas, eu vivi o 1964, eu tinha 14 anos.. e você não queira saber como aquele tempo foi terrível. Minha experiência foi terrível [no período da ditadura militar]. Eu lembro que a minha mãe deu comida aos estudantes na época, e por causa disso, a gente ficou sendo perseguida. (Entrevistada VI – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 03/10/2016 - Programa Gente de Valor)

Para a escola psicológica, também conhecida como modelo de Michigan¹⁷, os indivíduos escolhem seus candidatos e aderem a um partido político, pautado nas suas preferências pessoais, crenças e laços afetivos (RADMANN, 2001).

¹⁷ Foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, no final da década de 1950, com a publicação da obra “The American Voter” por Angus Campbell. Desenvolveram a técnica *survey* para a coleta de dados e a difundiram nas Ciências Sociais (FIGUEIREDO, 2008; BORBA, 2005).

Em outras palavras, o foco para a compreensão das atitudes políticas individuais, reside em conhecer as bases psicológicas do eleitor. Este modelo não nega o contexto social em que os sujeitos se situam, mas sugere que desde a formação familiar, o sujeito recebe estímulos (a socialização política) e passa a construir um “sistema de personalidade”, que pautará a geração das suas opiniões e atitudes futuras na esfera política.

As atitudes adquiridas, juntamente com outros aspectos, passam a integrar a estrutura de personalidade dos indivíduos. Portanto, as atitudes políticas fazem parte da psicologia humana e, ao se consolidarem pela socialização política, tornam-se a base para a ação frente ao ambiente político mais amplo (FIGUEIREDO, 2008, p.26).

Outras autoras, assim como Castro (1992) e Radmann (2001) defendem que as variáveis macroestruturais devem ser averiguadas de forma combinada na análise das atitudes políticas, tais como a social, a cultural e a psicológica.

A integração entre as perspectivas sociológica e psicológica com ênfase nos condicionantes da cultura política auxilia na compreensão do comportamento do eleitor brasileiro, por levar em consideração os contextos estruturais em que os indivíduos se inserem e as interações que [realizam] dentro do grupo socioeconômico do qual os eleitores fazem parte (RADMANN, 2001, p.47).

A teoria da escolha racional, contudo, propõe uma interpretação diferente acerca das razões que influenciam o comportamento eleitoral. Segundo esta teoria, os sujeitos são seres racionais, e, portanto, também no campo político, eles escolhem suas preferências partidárias e o seu voto *estrategicamente*. Elaborada inicialmente por Anthony Downs, este modelo afirma que a decisão do voto é feita pelo próprio indivíduo, onde ele mesmo escolhe em qual candidato votar baseado em cálculos, tais como: Qual candidato trará mais vantagens? Qual apresenta as melhores propostas? E qual possui mais chances de vencer as eleições?

O eleitor também tenta prever o voto dos demais. Deste modo, as incertezas sobre quem será o vencedor do pleito, bem como o sentimento de que um voto pode fazer a diferença, são mecanismos que incentivam o eleitor a participar da votação. Castro (1992) esclarece:

Ao decidir se vota ou não, o eleitor leva em conta o benefício que espera obter caso seu candidato ganhe e considera a probabilidade de que seu voto afete o resultado da eleição, de forma que seu partido ou candidato vença; nesse cálculo, o eleitor desconta os custos com que vai arcar por decidir votar - procura e obtenção de informação, por exemplo - e os custos do próprio ato de votar - tempo e energia gastos em se deslocar até as urnas. (CASTRO, 1992, p. 2)

Marcus Figueiredo (2008), defensor da teoria da escolha racional, afirma que o eleitor brasileiro possui um comportamento estratégico. Ou seja, sem negar a influência da cultura, o autor acredita que há três “variáveis que compõem a estrutura decisória: o ordenamento das preferências eleitorais, as chances de vitória entre os candidatos e as expectativas de cada eleitor sobre o comportamento dos demais eleitores” (FIGUEIREDO, 2008, p.195).

Nas falas das entrevistadas, também foram encontrados elementos subjetivos que se aproximam da explicação da teoria da escolha racional, pelo fato das idosas também calcularem os “custos” (sair de sua residência até o local de votação), bem como a atitude de escolher um candidato que possua chances de ser eleito, segundo as pesquisas pré-eleitorais.

Se ele [candidato] estivesse lá em baixo [nas intenções de voto]? Não, não votaria. Eu votaria naquele que tivesse em condições de concorrer com ele, que eu visse que estava em segundo [lugar]. A não ser que eu visse que [este] não merecia meu voto. Não gosto de perder meu voto não. Eu gosto de votar, porque o candidato que eu voto, eu voto com amor. Só não gosto de sair da minha casa para ir votar e ficar em fila (Entrevistada IV – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 22/09/2016 - Programa Gente de Valor).

“Voto não [em um candidato com poucas chances de se eleger]. Se ele está lá em baixo, eu votaria por quê? Meu voto seria perdido. Eu tenho que votar naquele que está lá em cima” (Entrevistada II – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 06/09/2016 – FECAPPES).

Mônica de Castro (1992) critica a teoria da escolha racional, pois esta não menciona o caso dos eleitores portadores de baixa sofisticação política, “a massa do eleitorado popular”, que, segundo a autora, não decide seu voto através de: “cálculos complicados, ponderando as chances de vitória dos diversos candidatos, as expectativas a respeito das tendências de comportamento dos demais eleitores, os custos diversos da tomada de decisão e da ação de votar” (CASTRO, 1992, p. 7).

Apesar do embate e da discussão entre estas três teorias, pesquisas recentes apontam consensos e regularidades no comportamento eleitoral dos brasileiros. Diversos cientistas sociais, tais como Baquero (2003), Julian Borba (2005), Lucio Rennó (2001) e Elis Radmann (2001) relatam a tendência à personalização e à aprovação da “imagem” dos candidatos no processo de decisão dos seus votos. Ou seja, o eleitor identifica-se com o candidato em si, com seus atributos pessoais e não com o partido, desconhecendo, geralmente, o projeto político deste. Borba (2005) enfatiza:

“Observa-se que a decisão do voto, para a grande maioria do eleitorado, está fortemente estruturada pelas ‘imagens políticas’ e avaliações que o eleitor faz de algumas características pessoais dos candidatos em disputa” (BORBA, 2005, p. 161).

Foi perceptível nas respostas das idosas a permanência desta característica do eleitor brasileiro: voto personalista, ancorado em atributos pessoais do candidato, desvinculado, geralmente, de uma identificação partidária.

“Eu escolho o candidato pela vivência. Aquele candidato que eu conheço, que eu já sei o trabalho dele, já sei das suas atitudes. Conheço a família. Olho o que ele já desempenhou na sociedade, o papel dele na sociedade” (Entrevistada I – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 06/09/2016 - Programa Gente de Valor).

“Eu voto em qualquer partido. Eu voto na pessoa, não é no partido não” (Entrevistada I – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 01/09/2016 - Programa Gente de Valor).

Verifica-se também o baixo grau de instrução dos eleitores e as opiniões políticas “difusas”, somadas à desconfiança e ao descrédito acerca dos candidatos e das instituições democráticas (BAQUERO, 2003). Elis Radmann (2001) enfatiza que o comportamento eleitoral brasileiro, pautado pelo ceticismo e personalismo político, além da descrença nos partidos políticos é reflexo da cultura política vigente no país.

Para Borba (2005) e Moisés (2005) a alternância entre regimes autoritários e democráticos vivenciados na República Brasileira, no século XX, contribuíram para a formação destas características na nossa cultura política, que desvalorizam os partidos políticos e priorizam as qualidades do líder/candidato.

Deste modo, a conjugação de cidadãos pouco sofisticados com a constante difusão de ideologias antidemocráticas foi o elemento central da formação da cultura política brasileira, permitindo que o personalismo constituísse a base histórica de estruturação do comportamento eleitoral (BORBA, 2005, p. 164).

Moisés (2013) comenta que há um paradoxo na democracia brasileira. A participação nas eleições e a adesão à democracia estão em um ritmo crescente, contudo a desconfiança política, desde o período de redemocratização, está cada vez mais elevada. A desconfiança em relação aos partidos políticos e ao parlamento são ainda mais acentuadas. Moisés (2013) relata:

O regime democrático brasileiro convive assim com um paradoxo: enquanto a participação e a adesão normativa à democracia têm sido crescentes nas últimas décadas, os índices de desconfiança de instituições democráticas, verificados desde os primeiros anos após o fim do ciclo autoritário permanecem elevados e, em alguns casos, têm aumentado significativamente, sinalizando a existência no Brasil de uma cisão na percepção pública da democracia como um ideal e como realização prática (MOISÉS, 2013, p.122).

Em *A cabeça do eleitor*, Alberto Carlos Almeida (2008) expõe regularidades no comportamento político brasileiro. Uma delas é a tendência do eleitorado reeleger candidatos cujos

governos foram bem avaliados ou eleger seus sucessores (ALMEIDA, 2008). A reeleição do ex-presidente Lula é citada como exemplo, por Almeida (2008) e Rennó (2007), pois, no contexto do pleito de 2006, houve diversas denúncias de corrupção ao candidato e ao PT; entretanto, a aprovação do governo por parcela significativa da população garantiu os seus votos.

Há um paradoxo no comportamento do eleitor brasileiro, segundo Radmann (2001), sobretudo naqueles que possuem baixa instrução política. Na visão da autora, o eleitor desconfia do sistema político, como também acredita que votar é um ato importante. O trecho da entrevista que apresento a seguir demonstra também a presença deste paradoxo:

“Votar é importante porque é um dever cívico. (...) Não confio em nenhum [político]. Precisa nem ser político. Quando eles chegam lá dentro, eles se corrompem” (Entrevistada IV – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 22/09/2016 - Programa Gente de Valor).

Observamos até o momento algumas características gerais do comportamento do eleitor brasileiro. E como seria o comportamento político dos jovens? Nas últimas décadas a literatura sobre a relação dos jovens e a política vem crescendo, porém, como já mencionamos, o homem e a mulher idosa não foram considerados como objetos de pesquisas de cunho político-eleitoral.

Os trabalhos desenvolvidos com jovens têm concentrado, especialmente, sua atenção em mensurar participação política e protagonismo, particularmente entre adolescentes e estudantes. Legalmente¹⁸, são considerados jovens aqueles que estão entre 15 a 29 anos, mas teoricamente, o ingresso na vida adulta seria demarcado pelo casamento e a entrada no mercado de trabalho (RIBEIRO; OKADO, 2015)

A juventude é múltipla e plural, assim como a velhice (BRITTO DA MOTTA, 2013). E as categorias sociais estruturantes (classe social, gênero, etnia) também produzem efeitos nesta geração, o que implica em diferenças na forma como a juventude é experienciada. Do mesmo modo que há *velhices*, há também *juventudes*.

Pesquisas recentes constataam que os jovens estão menos atuantes em esferas convencionais de participação (o voto, o engajamento em partidos e em campanhas eleitorais) e estariam mais ativos em ações de protesto (OKADO; RIBEIRO, 2015).

Em pesquisa que utilizou o banco de dados do Latin American Public Opinion Project de 2012, Ribeiro, Borba e Hansen (2016) analisaram o perfil político dos eleitores que utilizam formas de participação política online e offline (envolvimento com partidos políticos ou protestos). Os autores demonstram que a escolaridade e a informação política exercem o mesmo efeito no

¹⁸ O Estatuto da Juventude elaborado em 2013 (Lei nº 12.852) declarou ser jovem quem está na faixa etária entre 15 a 29 anos, e o adolescente seria o indivíduo que possui entre 15 a 18 anos. Contudo, isto é apenas uma hipótese. Para obter mais detalhes sobre a lei, conferir: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 12 jul. 2018.

ambiente online do que nas modalidades convencionais de ativismo político. Em outras palavras, quem possui maior escolaridade tende a buscar tanto o ciberespaço como veículo de participação, como as modalidades de participação tradicionais. A idade e o sexo não produziram efeitos significativos na participação online, o que é uma novidade, pois, segundo a literatura, na modalidade presencial de participação a idade interferiria de maneiras distintas.

“Pesquisas mostram que os mais velhos tendem a ser mais interessados em política, a simpatizar mais e se envolver mais na participação em partidos; e os mais jovens apresentam uma pequena tendência a se envolver mais em ações de protesto” (RIBEIRO; BORBA; HANSEN, 2016, p. 519).

Importante ressaltar que há uma relação entre cultura política, acúmulo de experiências democráticas e adesão à democracia. Casalecchi (2016) afirma que a democracia para manter a sua legitimidade e estabilidade, bem como a adesão da população, precisa construir, com a sucessão dos anos e das disputas eleitorais, um “legado democrático”, ou seja, produzir representações simbólicas que serão internalizadas na cultura e nas atitudes dos indivíduos.

O argumento central da tese é que a experiência democrática acumulada ao longo do tempo em um país – o seu “legado democrático” – afeta as orientações dos cidadãos a respeito da democracia. O contexto produzido por esse legado proporciona um ambiente favorável ao apoio à democracia e aos seus princípios. Na medida em que a democracia funciona, que eleições são realizadas, trocas de governo são feitas, regras são estabelecidas e praticadas, o regime cria raízes institucionais e simbólicas, passando a fazer parte do cotidiano dos cidadãos. Cria-se, dessa forma, um conjunto de “oportunidades” de aprendizado e experiências que não existem na mesma intensidade em democracias recentes (CASALECCHI, 2016, p. 12).

Portanto, os países que possuem maior acúmulo de experiência democrática, conseguem obter um legado democrático superior ao das nações na qual residem novas democracias. Consequentemente, o legado democrático seria um dos fatores que explicariam o apoio à democracia pelos cidadãos. Este legado democrático pode ser adquirido através do processo de socialização, onde a quantidade de tempo e a qualidade da experiência com a democracia contribuem para que os cidadãos reproduzam determinada atitude política, favorável ou não ao regime democrático (CASALECCHI, 2016). A tese de Casalecchi (2016) verificou também a influência das variáveis idade e escolaridade na produção do legado democrático. Os idosos conviveram mais anos com a democracia, portanto, dispõem de um legado maior do que os jovens. Esta diferença entre idosos e jovens cai quando estes residem em países que tiveram poucos anos de aprendizado democrático.

Deste modo, observa-se que a participação no Brasil é mediada por eventos relacionados ao ciclo de vida do indivíduo, bem como o ingressar em uma dada geração faz com que esta participação política também se modifique (aumente ou diminua).

Lúcio Rennó (2011), baseando-se nos dados disponibilizados pelo Barômetro das Américas, argumenta que a participação política em organizações sociais aumenta no período da juventude, depois se estabiliza na fase adulta e tende a diminuir com a chegada da velhice. Para o autor, a participação política feminina nas associações é inferior comparada à dos homens. Contudo, outros autores como Okado e Ribeiro (2015) consideram que o aumento da idade favorece o acúmulo da experiência participativa.

Sabemos que a eleitora idosa apresenta configurações próprias devido a sua idade e por ser mulher. As transições geracionais, seja da juventude para a fase adulta, ou de maturidade para a velhice, propiciam transformações no comportamento político dos indivíduos, conforme o seu ciclo de vida. Tal fato ocorre, porque ao ingressar em uma nova geração, os papéis sociais são reformulados (vida adulta) ou desfeitos (velhice). Portanto, Okado e Ribeiro (2015) comentam que:

Tomamos como referência os estudos sobre ciclos de vida que afirmam que, apesar da permanência residual de valores originados na socialização primária, o desempenho de novos papéis sociais originam novos repositórios de socialização, uma vez que a política é um domínio da vida responsivo a eles (OKADO; RIBEIRO, 2015, p. 56).

Em suma, de acordo com os conceitos expostos, podemos afirmar que o comportamento político dos eleitores, e por conseguinte da mulher idosa, apresenta peculiaridades por estar em uma etapa da vida específica (a velhice), e por estar continuamente submetido a processos de socialização política, que acompanham as mudanças socioculturais verificadas nas últimas décadas.

Podemos inferir, que o comportamento político da mulher idosa pode apresentar distinções ou regularidades, comparando-se com o eleitor jovem ou adulto, devido as peculiaridades que ela contém: ser mulher (diferença de gênero), possuir uma idade e pertencer a uma geração específica (vimos que dentro da categoria existem duas gerações principais). Somado a estes fatores, as condições socioeconômicas (classe social), similarmente como ocorre no jovem e no adulto, também podem engendrar um comportamento político diferenciado.

A eleitora idosa possui mais uma característica relevante: ela acumulou mais experiência política dos que as demais gerações e presenciou tanto os regimes autoritários como o democrático. Investigar qual tem sido a resposta da eleitora à socialização do atual regime, verificar se esta acumulou um legado democrático e apoia a democracia, ou se as experiências eleitorais foram

ainda insuficientes, decorrentes de uma democracia recente, constitui um objeto acadêmica e cientificamente importante.

Parcela da categoria velhice, com idade mais avançada, pertencente à geração “velhas velhas” (BARROS, 2006), está isenta da obrigação eleitoral. Avaliar o comportamento político destas mulheres idosas que espontaneamente comparecem às eleições (apesar da levada desconfiança política que pode desmotivar o eleitorado a votar); mulheres estas que receberam a socialização primária em um contexto histórico de repressão da participação política feminina na política e em outras instâncias sociais; examinar o que estas senhoras entendem por política, como escolhem seus candidatos e se valorizam o ato de votar (se gostam realmente de votar), são questões que esta pesquisa visa responder, e mesmo parcialmente, contribuir na compreensão dos estudos sobre comportamento político e a influência dos fatores intergeracionais.

Nos capítulos seguintes, veremos os resultados da pesquisa qualitativa realizadas em dois grupos de convivência, e em seguida, examinaremos os dados coletados na etapa quantitativa, onde foram aplicados 427 questionários distribuídos na cidade de Fortaleza. Em ambas as etapas da pesquisa foram contatadas idosas de classes sociais distintas (baixa, média e alta). Observemos, portanto, os resultados e o que a eleitora idosa tem a nos revelar.

3 “EU VOTO, PORQUE EU GOSTO” VERSUS “NÃO VOTO MAIS”: A PESQUISA DE CAMPO QUALITATIVA

A pesquisa de campo iniciou-se em duas unidades de observação¹⁹, a entidade filantrópica FECAPPES e o Programa Gente de Valor, situados na cidade de Fortaleza-CE. Esta pesquisa ocorreu em duas etapas qualitativa e quantitativa²⁰, pois considero que ambas se complementam e fornecem relevantes informações ao pesquisador, onde este pode estabelecer comparações em escala macro, sem, contudo, perder a interpretação de elementos subjetivos coletados por meio de técnicas de pesquisa qualitativa.

A entidade filantrópica FECAPPES e o Programa Gente de Valor apresentam diferenças institucionais e de classe social do público assistido. E de fato, as escolhi como local para iniciar a pesquisa principalmente por causa destas diferenças, com o intuito de testar minhas hipóteses e verificar se haveria distinções entre o comportamento político das senhoras em condições socioeconômicas divergentes.

Realizei seis entrevistas e três grupos focais distribuídos nas duas associações²¹ nos meses de agosto a outubro de 2016, no período anterior e posterior às eleições 2016. Convidei as idosas a participarem do grupo focal, em um horário pré-agendado. Estas foram informadas dos objetivos da pesquisa e permitiram a gravação em áudio de cada sessão. Aquelas idosas que menos se expressaram nas discussões nos grupos focais, foram convidadas a participar da entrevista individual, para melhor apreensão das representações da sua cultura política.

Importante ressaltar o lugar que ocupo neste processo de inserção no campo. Exerço um trabalho voluntário no FECAPPES, o que facilitou não somente a permissão dos responsáveis pela entidade para que eu promovesse a pesquisa, bem como as idosas colaboraram aderindo prontamente ao convite de interagirem nos grupos focais.

Contudo, esta facilidade carregaria em si uma desvantagem: o risco das senhoras não serem espontâneas em suas respostas, devido os laços de amizade e simpatia que foram construídos. Esta proximidade poderia intervir nas repostas das idosas, fazendo com que estas queiram dizer algo para me agradar ou que julgassem ser a resposta “certa”.

¹⁹ Estas unidades representam: “agrupamento de pessoas ou de coisas, acontecimentos, etc, que sob o ponto de vista de nossos conceitos [...] possuem características comuns e, de alguma forma, significativa para a pesquisa que estamos fazendo.” (RUDIO, 2011, p. 46).

²⁰ As duas fases foram concluídas. O próximo passo da pesquisa será a análise dos dados quantitativos.

²¹ Foram realizadas três entrevistas em cada entidade, totalizando seis. E o planejamento inicial era executar dois grupos focais no FECAPPES e no Programa Gente de Valor, ou seja, promover quatro grupos de interação. Porém, devido às dificuldades encontradas na adesão das senhoras que frequentavam um destes espaços, consegui desenvolver somente três grupos focais.

Ciente deste risco, procurei minimizá-lo ao selecionar idosas que possuíam menor intimidade comigo. Procurei mesclar, em todos os grupos focais, idosas com idade inferior e acima de 70 anos para que a amostra pudesse captar as respostas das idosas que possuem a obrigação de votar pela lei e aquelas que já se encontram isentas deste dever.

No Programa Gente de Valor, eu era totalmente desconhecida para as idosas. Mas as dificuldades de adesão destas foram pequenas, não prejudicando o andamento da pesquisa²².

A etapa qualitativa ocorreu no período eleitoral, o que já favorecia o debate e a emissão de opinião sobre os candidatos a prefeitura e a avaliação da gestão do atual prefeito de Fortaleza. Os dados coletados nos grupos focais e entrevistas, realizadas nas duas unidades de observação, demonstram que o modo como as idosas enxergam o ato de votar transita entre obrigação/dever do cidadão; gostar de votar/ não votar mais, conforme está explicitado na tabela a seguir. As informações apresentadas correspondem às respostas da maioria das mulheres.

Tabela 1- Dados socioeconômicos e comportamento eleitoral

Entidades	Religião	Renda	Escolaridade	Votar é importante porque é...	Como escolhe o candidato
FECAPPE S	Católica	Até 2 salários	Analfabeto / fundamental incompleto	Obrigaçã/ medo da punição	Alguém conhecido / analisa as ações do candidato / indicação de familiares ou amigos.
GENTE DE VALOR	Católica	5 salários ou mais	Ensino médio / Nível superior	Dever do cidadão / escolher os governantes do país.	Avalia as propostas / analisa as ações do candidato.

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela pesquisadora.

Na primeira vertente das respostas, as idosas cuja idade é inferior a 70 anos, membros da entidade FECAPPES, consideram que votar é um ato importante, mas questionadas sobre o motivo, responderam enfatizando a “obrigação”, as punições que poderiam sofrer se não votarem, tais como perderem o título de eleitor, não receberem mais a aposentadoria ou benefícios assistenciais do governo e etc. Podemos afirmar que as mulheres idosas que frequentam a entidade FECAPPES possuem menor instrução, renda e informações sobre a política. Relatam gostar de votar, mas não costumam assistir as propagandas eleitorais, e decidem seus votos, majoritariamente, baseando-se nas indicações de amigos, ou nas qualidades de um candidato próximo, conhecido do bairro ou comunidade.

²²Tanto no FECAPPES, como no Programa Gente de Valor, os grupos focais foram realizados após os cursos promovidos pelas mesmas.

“Eu voto mesmo, eu gosto, não tem esse negócio de idade. Enquanto eu estiver viva, pra ir votar, nem que eu tenha 100 anos, o povo me leva, mas eu voto” (Entrevistada II – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 06/09/2016 - FECAPPES).

Contudo, as idosas pertencentes ao Programa Gente de Valor, em todas as faixas etárias, com idade abaixo ou acima de 70 anos, enxergam o ato de votar como uma oportunidade para escolher os futuros governantes do país. Na maioria das respostas, as senhoras responderam pesquisar ou analisar a trajetória política do candidato, ou seja, as ações que ele já desempenhou na sociedade, antes de escolher o seu voto.

Sempre eu soube escolher meus candidatos. Nenhum são essas coisas... mas dos mais ruins, eles foram os melhores. Eu gosto muito de política. Eu presto atenção nas conversas, no que eles falam nas Assembleias, para dar o meu voto. [...] Eu analiso o que ele fez quem ele é, o procedimento dele. (Entrevistada IV- Entrevista cedida à pesquisadora no dia 22/09/2016- Programa Gente de Valor)

Na segunda vertente, observa-se que uma parcela das idosas, participantes do FECAPPES, com idade superior a 70 anos, afirmaram que não gostam de votar e não comparecerão nas próximas eleições, pois estão isentas da obrigatoriedade. Estas representam a minoria das senhoras pesquisadas, porém demonstraram nas falas uma atitude de descrença e desconfiança política mais acentuada. Observemos o trecho da entrevista e a tabela 2.

Gostava [de votar], [mas] não gosto mais. Porque a gente só tem recebido muito coice, muita ingratidão, muito pontapé, só maldade de político. Não vale a pena votar mais. Muita gente eu sei que vota por necessidade, quase obrigado. Muita gente vota desgostoso. Eu dou razão. Eu dei graças a Deus não ser obrigada a votar mais. Digo com sinceridade do fundo meu coração (Entrevistada III - Entrevista cedida à pesquisadora no dia 06/09/2016 – FECAPPES).

Tabela 2 – Intenção de voto futuro por grupo etário e entidade.

FAIXA ETÁRIA	FECAPPES	GENTE DE VALOR
Idade 60 a 69 anos	SIM - enquanto puder andar.	SIM - enquanto puder andar.
Idade 70 anos ou mais	SIM – enquanto puder andar./ Gosta de votar. NÃO – Não é obrigatório./ descrença política.	SIM - enquanto puder andar./ Gosta de votar. Não houve respostas negativas.

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela pesquisadora.

Na terceira vertente das respostas, as idosas engajadas no Programa Gente de valor, com idade inferior ou superior a 70 anos, disseram que gostam de votar, e continuarão participando das

eleições a vida inteira, mesmo após os 70 anos, pois consideram que votar é algo importante, porque é um dever do cidadão, e ajudarão a escolher os dirigentes da nação. Analisemos novamente a Tabela 2 e o trecho desta entrevista.

Eu gosto, porque eu vejo o programa político, e devido a minha idade, eu tenho a possibilidade de enxergar melhor o que é bom e o que não é. Devido a minha experiência já vivida. (Entrevistada VI – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 04/10/2016 - Programa Gente de Valor).

O voto é um dever do cidadão. A gente tem aquele dever de votar, porque nós precisamos de pessoas para governar o nosso país, nosso estado, nosso município. (Entrevistada I – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 01/09/2016 - Programa Gente de Valor)

Estas idosas adotam uma postura de valorização do voto, o vinculam ao exercício da cidadania, gostam de se informar sobre a política através da televisão, e empolgam-se emocionalmente com as disputas eleitorais. Algumas relataram que, quando eram mais jovens, engajaram-se em partidos, associações, ou trabalharam para candidatos, ajudando-os a conquistarem votos.

Entre as motivações do “gostar de votar”, nem todas as idosas conseguiram explicar claramente. Algumas não souberam responder, outras afirmaram que gostam de votar para ajudar a escolher os novos governantes e mudar o país, outras associaram o voto a uma atividade de lazer porque reencontram os amigos e/ou familiares.

“Gosto de votar, gosto sim. Tanto é que eu nem preciso mais votar, tenho quase 70 anos, mas eu voto.” (Entrevistada VI – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 03/10/2016 - Programa Gente de Valor)

Se eu estiver viva daqui pra lá eu voto [quando tiver mais de 70 anos]. Voto porque eu gosto. É uma alegria, um prazer para mim sair no meio da rua, brincando no mundo, conversando com os meus amigos. É como se fosse um divertimento a eleição. Eu gosto. Encontro muita gente (Entrevistada II – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 06/09/2016 – FECAPPES).

Corroborando com a produção teórica existente acerca do comportamento do eleitor brasileiro, as idosas estudadas afirmaram não considerar o partido político do candidato como fator relevante na escolha. A imagem e as habilidades do candidato, a experiência do mesmo, e o fato dele ser “conhecido” destacam-se como elementos principais.

Ao serem questionadas sobre a situação política brasileira atual, a maioria das idosas responderam serem contrárias ao impeachment da Ex-Presidenta Dilma Rousseff. Contudo, não souberam avaliar ou demonstraram-se pessimistas acerca da gestão do Presidente Michel Temer.

Quando há um político honesto, fazem o que fizeram com a Dilma. Só porque ela era mulher. Com inveja dela. Eu não tenho o que dizer dela. Mesmo que ela pode...pode ter acontecido o erro que aconteceu, se é que aconteceu o erro, porque eu não vi, eu não sei...eu não achava falta dela não, achei que foi maldade com ela, covardia. Se dependesse de mim, não teria acontecido tal coisa (Entrevistada III – Entrevista cedida à pesquisadora no dia 06/09/2016 – FECAPPES).

Não concordei [com o impeachment]. Acho que a Dilma não merecia. (...) Não gosto dele [Michel Temer]. Porque ele vai fazer pior do que a Dilma fazia. Até agora ele não diminuiu o déficit do povo, não diminuiu o desemprego, até agora não fez nada (Entrevistada I - Entrevista cedida à pesquisadora no dia 01/09/2016 - Programa Gente de Valor).

Eu acho que [o impeachment de Dilma] foi uma manobra, que começou realmente com o Cunha vetando todos os projetos que ela ia fazer para melhorar a situação do país. E ele fez aquela maracutaia e não deixou passar nada. Justamente para piorar cada vez mais o governo dela. Para depois eles puderem entrar com o processo de impeachment (Trecho do Grupo focal realizado no dia 22/09/2016 – Programa Gente de Valor).

Uma das perguntas feitas nos grupos focais e entrevistas foi “Democracia ou Ditadura? Qual é a melhor forma de governo?” As idosas integrantes do FECAPPES não conseguiram responder esta questão por não saberem o significado dos termos “democracia e ditadura”. As senhoras do Programa Gente de Valor, no entanto, manifestaram apoiar e valorizar a democracia pelo fato do voto ser um direito conquistado.

“Senhora 1: A democracia? Sei lá. Senhora 2: O que é? Senhora 3: Esse negócio de ditadura, eu acho que é partido comunista” (Trecho do Grupo Focal realizado no dia 24/08/2016 – FECAPPES).

“Democracia é a melhor coisa que existe. Ditadura? Deus me livre. [Votar] é a forma da gente exercer mesmo a democracia. Se bem que independente da gente ir a força ou não, é um direito que a gente tem que fazer” (Trecho do Grupo Focal realizado no dia 22/09/2016 - Programa Gente de Valor).

Ao serem questionadas sobre como percebem o dia da eleição, as idosas responderam, que o dia da eleição para elas era um dia feliz, normal ou de expectativa. Feliz, por ser um dia de rever os amigos ou por gostar das movimentações nas ruas; normal, pois o dia da eleição é visto para algumas como um dia comum, sem nenhum elemento especial; e o dia do pleito também é visto como um dia de expectativa, devido à presença do sentimento de incerteza sobre qual candidato será o eleito e assumirá o poder.

Durante os grupos focais realizados no FECAPPES, as idosas relataram que o dia da eleição já foi alegre, mas que atualmente deixou de ser por causa dos políticos que se corrompem, prometem favores ao povo, mas não cumprem. Também relataram que hoje não ocorre as mesmas festas que aconteciam no passado.

Senhora 1: De primeiro [o dia da eleição] era feliz. Agora não é não. De primeiro era feliz porque vinha gente até do interior, não sei da onde, tudo passando na porta pra ir votar. Hoje em dia o pessoal faz é se comer, só vão [se candidatar] para ganhar propina dos grandes.

Senhora 2: Quando eu morava no interior e não votava, o prefeito matava um boi, era uma festa muito bonita. Vinha gente de Fortaleza para lá, Acarape. A gente passava a noite dançando.

Senhora 3: Antigamente tinha comida né.

Pesquisadora: Vocês ganharam no passado algum presente para votar em alguém?

Senhora 2: Ganhava. Ganhava material para fazer casa, tijolo, cimento, sanitário.

Pesquisadora: E hoje vocês ainda ganham?

Senhora 4: Nada.

Senhora 1: Hoje não é (dia feliz) de jeito nenhum.

Senhora 5: Porque a pessoa vota numa pessoa errada...ele colocava 100 reais para a pessoa votar nele, por isso que está acontecendo essas coisas.

Senhora 3: Eles dizem, dou isso, dou aquilo, dou um móvel, dou uma chapa (dentadura). Eles não dão nada. Nada, nada. (Trecho do Grupo focal realizado no dia 24/08/2016 – FECAPPES)

Algumas idosas do Programa Gente de Valor responderam que o dia das eleições é bom porque encontra os amigos e recorda o passado, mas que também pode ser um dia tenso pela possibilidade de haver conflitos ou casos de violência nas ruas ou nos locais de votação.

Senhora 2: Para mim é um dia bom, eu acho bonito, porque a gente se reencontra com várias pessoas. Eu não gosto de nem fazer almoço em casa. Eu acho legal.

Senhora 1: O que eu acho bom é que eu estudei 7 anos aí, no (Colégio) Castelo Branco, toda vez que eu voto, voto aí, eu fico me recordando. Eu acho bom pela recordação. Eu acho bom os dias das eleições, porque era o local onde eu passava a minha vida aí.

Senhora 3: Eu já acho que já deve ter sido bom. Eu acho que essas eleições agora vão ser polêmica. Só vai dar o impeachment. Olha se não tiver conflito. Porque muita gente vai se revoltar”

Senhora 4: É isso que eu tenho medo. Medo de [confusão]...em época de votação. (Trecho do grupo focal realizado no dia 22/09/2016 – Programa Gente de Valor)

Antes de iniciar as entrevistas e grupos focais nas duas entidades escolhidas, a minha hipótese era, corroborando com o enunciado de André Singer (1989), que a renda e a escolaridade interfeririam diretamente no comportamento político da mulher idosa. Outra hipótese era que a maioria das idosas gostavam de votar, e apreciavam este ato por considerarem o momento da eleição um dia de lazer.

Encontramos evidências a favor da minha primeira hipótese pois, como vimos, os posicionamentos das senhoras que participavam do FECAPPES e do Programa Gente de Valor

foram bem distintos. No entanto, a segunda hipótese continuava sem resposta, pois surgia com frequência os discursos “não gosto de votar”, “antes eu gostava”, “voto até a morte”.

Ao analisar as falas das idosas, é indiscutível que a etapa qualitativa forneceu informações preliminares essenciais para o andamento da pesquisa e para a compreensão do comportamento eleitoral das idosas. Entretanto, as informações obtidas foram insuficientes, deixando lacunas que faltavam ser preenchidas.

O que impulsiona a idosa com mais de 70 anos a votar? O dia da eleição seria para elas predominantemente um dia alegre ou chato? As senhoras concordaram com o impeachment da Ex-Presidenta Dilma? Como elas avaliam o atual governo? A maioria das idosas gosta realmente de votar? Os escândalos de corrupção abalariam a decisão delas de votar no futuro? Haveria alguma relação entre a senhora ser mais ativa ou menos ativa e valorizar o ato de votar? Como as senhoras escolhiam seus candidatos? O ato de votar pode ser associado a um momento de lazer? As senhoras apoiavam a democracia ou eram saudosas da ditadura?

Era necessário, portanto, responder estas dúvidas, e estender a investigação, ampliando-a para outros locais de Fortaleza, a fim de que a opinião das idosas, comparadas em maior escala e analisadas estatisticamente revelasse as suas preferências ao votar e quais variáveis explicariam cada uma das hipóteses/questionamentos.

Os resultados apresentados neste capítulo são parciais e necessitam, portanto, serem examinados de forma conjunta com os dados quantitativos. Nos capítulos seguintes, apresentarei como ocorreu a pesquisa quantitativa e como o questionário foi formulado, no intuito de coletar mais informações e responder aos questionamentos que ficaram sem resposta na etapa qualitativa, bem como comparar os dados encontrados nos dois períodos da pesquisa.

4 A PESQUISA QUANTITATIVA

4.1 Sobre a pesquisa quantitativa

Após a análise e transcrição dos áudios, prossegui a pesquisa com a elaboração de um questionário preliminar. Os discursos mais recorrentes das idosas transformaram-se em opções de resposta de questões fechadas. Em dezembro de 2016 e janeiro de 2017 fiz o pré-teste do questionário em bairros da cidade de Fortaleza que não selecionados para a etapa quantitativa ou com as idosas integrantes do FECAPPES e do Programa Gente de Valor que não participaram das entrevistas, nem dos grupos focais.

Conforme foi explicitado na seção introdutória, participaram da pesquisa idosas com idade entre 60 a 95 anos, residentes na Região Metropolitana de Fortaleza, pois um dos objetivos seria avaliar, - não somente as possíveis distinções no comportamento eleitoral entre as idosas situadas em padrões de renda e escolaridade divergentes, - mas também analisar o que motiva as idosas a votarem na faixa etária acima de 70 anos, estando, pois, estas dispensadas do voto obrigatório.

O IBGE disponibiliza em seu endereço eletrônico²³ a classificação dos bairros de Fortaleza por renda familiar em ordem decrescente. Com o objetivo de comparar a influência das variáveis renda e escolaridade, foram escolhidos os 20 primeiros bairros desta escala, considerados como bairros de classe alta ou classe média, para a realização da pesquisa quantitativa. Vale destacar que a maioria absoluta dos bairros de Fortaleza estão classificados como baixa renda, um indício da extensão da desigualdade social existente na capital cearense.

Os vinte bairros da periferia da cidade foram sorteados através do Programa R, software livre usado principalmente para analisar dados e testar variáveis em diversas áreas do conhecimento, o qual foi utilizado também na análise final dos dados. O sorteio dos bairros teve a finalidade de garantir a aleatoriedade da amostra.

Neste sentido, o planejamento inicial foi aplicar 12 questionários em cada um dos 40 bairros de Fortaleza selecionados, totalizando 480 questionários. Eu aplicaria os questionários junto com uma equipe de mais duas mulheres, onde faríamos essa atividade juntas, em cada bairro escolhido. Os bairros selecionados estão exibidos na tabela 3. A ordem de disposição dos bairros considerados ricos está distribuída pelo nível de renda familiar. No entanto, a ordem de apresentação dos bairros classificados como baixa renda é aleatória.

²³ Fonte: <http://ibge.com.br>. Acesso em: 11 jan.2017.

Tabela 3- Bairros sorteados para a pesquisa quantitativa

Bairros da classe alta e média	Bairros da periferia
1 - Meireles	1- Praia do Futuro 1
2- Aldeota	2- Dias Macedo
3- Dionísio Torres	3- Canindezinho
4- Mucuripe	4- Bom Jardim
5- Guararapes	5- Farias Brito
6- Cocó	6- Quintino Cunha
7 - Praia de Iracema	7- Edson Queiroz
8 - Varjota	8- Jardim Guanabara
9- Fátima	9- Vila Velha
10- Joaquim Távora	10- Barroso
11 - Gentilândia	11- Henrique Jorge
12 - José Bonifácio	12- Jardim Iracema
13- De Lourdes	13-Passaré
14- Parquelândia	14-Lagoa Redonda
15- Alagadiço	15- Jardim das Oliveiras
16- Amadeu Furtado	16- João XXIII
17- Parque Araxá	17- Barra do Ceará
18- Parque Manibura	18- Mondubim
19 - Benfica	19- Lagoa da Sapiroanga
20- Parreão	20- São João do Tauape

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Foram selecionadas duas mulheres na composição da equipe para que as idosas pudessem se sentir a vontade em responder todas as perguntas, especialmente as que envolviam questões de gênero.

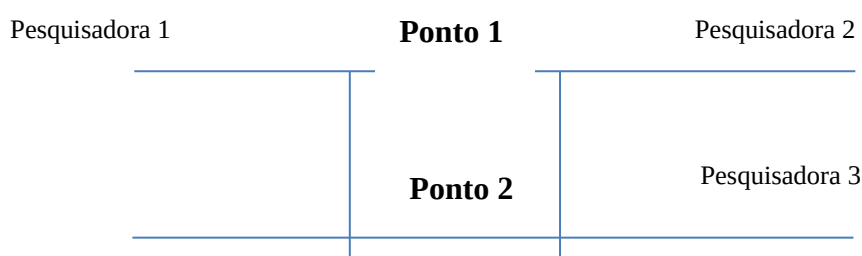
Houve um treinamento com a equipe e a realização de um pré-teste. Com o auxílio do meu orientador, foram criadas regras de logística para serem obedecidas durante a aplicação do questionário como mecanismo de garantir a aleatoriedade da pesquisa.

Para que a amostra fosse totalmente probabilística, o ideal seria sortear no mapa de cada bairro o ponto de partida, ou seja, selecionar aleatoriamente qual rua começar a aplicar os questionários. No entanto, para garantir a segurança das entrevistadoras, em cada bairro foi escolhido um ponto que houvesse mais casas ou condomínios, em regiões mais urbanizadas, que oferecessem menos riscos de violência.

Deste modo, minha amostra deixou de ser totalmente probabilística, mas não perdeu a sua aleatoriedade por completo. A logística foi organizada da seguinte maneira. Após a escolha do ponto de partida, as duas entrevistadoras que compunham a equipe contariam 5 casas (ambos os lados da rua, começando pelo lado direito). A partir da quinta casa, a entrevistadora começaria a perguntar pela presença de senhoras na faixa etária da pesquisa.

Após conseguir uma entrevista, seriam contadas mais 10 casas e o processo seria repetido. Se a rua terminar ou sair do bairro, a pesquisadora 1 deve virar à direita e a pesquisadora 2 deve virar a esquerda. Eu, Carla Beatriz, represento no gráfico abaixo a pesquisadora 3, que aplicou os questionários nas ruas paralelas ao ponto de partida escolhido. Neste caso, após conseguir aplicar o questionário com uma idosa, eu contava as dez casas e repetia o mesmo processo até conseguir o número mínimo de quatro questionários.

Figura 1 – Logística da aplicação dos questionários



Fonte: Figura elaborada pela pesquisadora.

Cada entrevistadora aplicaria quatro questionários, totalizando doze por bairro. Se em uma casa fossem encontradas duas mulheres idosas ou mais, o questionário seria aplicado com a mulher mais idosa, na condição de que estivesse lúcida. Se a mais idosa não estivesse em condições mentais para responder, o questionário seria aplicado com a idosa mais jovem.

Como em todas as pesquisas de campo surgem dificuldades, nem tudo ocorreu como o esperado. O planejamento era aplicar os 480 questionários entre os meses de fevereiro a março de 2017. Em cada dia, a equipe da pesquisa se direcionava para um bairro, ou para dois, se os mesmos fossem vizinhos geograficamente.

Contudo, o questionário era extenso, composto por 85 questões, o tempo de duração para aplicar um era de, no mínimo, 20 minutos. Algumas idosas não quiseram responder por se tratar sobre política, outras, em menor número, desistiram na metade do questionário por terem compromissos pessoais.

Quando nos apresentávamos em cada domicílio, informávamos que o questionário duraria 20 minutos. Então, isto minimizou as desistências, apesar do questionário ser extenso. No entanto, surgiram outros empecilhos: época de chuvas, adoecimento da equipe da pesquisa, desistência de uma destas, o tempo de conseguir uma substituta, etc.

Porém, a maior dificuldade foi aplicar os questionários na área nobre de Fortaleza. Apesar de todas as integrantes da equipe portar uma declaração, não conseguíamos a autorização para

entrar nos condomínios e nem a adesão das senhoras de classe alta para abrirem os portões de suas residências.

Diante disto, foi necessário alterar a logística da pesquisa. Esta foi mantida nos bairros considerados pobres, seguindo as regras de contagem de casas²⁴. Nos bairros classificados como ricos, a pesquisa ocorreu por indicação, com metodologia semelhante a bola de neve (VINUTO, 2014). Ou seja, ao aplicarmos um questionário com uma senhora da classe alta, pedíamos que ela indicasse o telefone de amigas ou conhecidas no mesmo condomínio, ou em outros bairros, que pudessem também participar da pesquisa.

Esta foi a única solução encontrada para ter acesso a estas senhoras de classe média/alta, o que trouxe um resultado positivo, porém, numericamente menor que o esperado. No total, foram aplicados, nos meses de fevereiro a julho de 2017, 427 questionários em 39 bairros de Fortaleza considerados pobres e ricos.

Como a pesquisa já havia se prolongado (ao invés de terminar em março, encerrou-se em julho), verificava-se a alteração nas respostas das idosas nos meses finais da coleta dos dados quantitativos. Neste período, houve o aumento de denúncias de corrupção entre os parlamentares e a publicização em massa destes fatos, o que possivelmente tenha influenciado as idosas, fazendo com que estas demonstrassem mais pessimismo e indignação, não desejando sequer falar sobre política. Decidi, portanto, encerrar a pesquisa em julho, e apliquei os questionários somente em 39 bairros, para que a variável tempo não viesasse demasiadamente as respostas e comprometesse a qualidade dos dados.

4.2 O questionário

O questionário foi elaborado após a análise dos discursos que as idosas proferiram na etapa qualitativa (grupos focais e entrevistas). As falas que se repetiram com maior frequência transformaram-se em itens de respostas das questões fechadas.

Por ter ciência que nenhum questionário é perfeito, ou seja, não pode carregar em si todas as respostas possíveis para captar as representações da cultura política das idosas fortalezenses, busquei minimizar as suas deficiências realizando vários pré-testes. Neste pré-teste, realizado nos meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2017, as falhas encontradas foram corrigidas.

²⁴ O motivo de contar os domicílios após aplicar cada questionário era evitar que as interlocutoras fossem amigas ou membros da mesma família, o que poderia viesar a pesquisa ao se obter respostas de grupos que tendem a apresentar pensamentos semelhantes sobre a política.

Apresentarei a seguir as questões e o intuito de cada uma delas. O item NS/NR presente em quase todas as questões significa: “não sabe ou não respondeu”.

Q1- Qual a sua idade? _____

(Se a senhora disser o ano em que nasceu, você pode escrevê-lo. Ela deve ter nascido em 1957 ou antes. Se a senhora tiver menos de 60 anos, agradeça e encerre).

Q2- Você mora em Fortaleza?

1. Sim. Q2B. [Se sim] **Em qual bairro você mora?** _____

2. Não. Q2C. [Se não] **Em qual cidade você mora?** _____

As duas questões iniciais eram fundamentais para demarcar o recorte etário da amostra, pois o objetivo da pesquisa era contatar mulheres com a idade mínima de 60 anos, mas não havia uma limitação da idade máxima permitida para responder o questionário. Contudo, este só poderia ser aplicado com mulheres lúcidas, isto é, sem o comprometimento de suas faculdades mentais.

O Mini Exame de Estado Mental (LOURENÇO; VERAS, 2006) é constituído de 13 perguntas que buscam captar se há a perda da memória ou das capacidades cognitivas do indivíduo. Como meu questionário já estava muito extenso, li o teste e inseri a questão Q2, que pergunta em qual lugar a pessoa mora. Se a idosa tiver dificuldades de responder a sua idade e onde reside são indicativos que revelam a diminuição de lucidez. A minha equipe de pesquisa foi orientada a encerrar a aplicação do questionário, caso alguma idosa não conseguisse responder estas duas perguntas.

Q3. Na última vez em que você participou das eleições, você votou em qual cidade?

1. Fortaleza.

2. Outro. Q3B. **Em qual cidade você votou?** _____

É importante saber se as idosas votavam em Fortaleza ou no interior do Ceará para verificar se existe possíveis diferenças ou semelhanças no comportamento político das idosas que participam de pleitos com dinâmicas distintas, bem como correlacionar esta questão com outras neste questionário e investigar se as idosas que votam em outra cidade, tenderiam a valorizar mais o ato de votar ao aproveitar a ocasião para visitar parentes e amigos.

Q4- Você continua votando nas eleições? [Não ler as opções]

1. Sim, continuo votando. [Ir para a questão Q6].

2. Não. [Ler a questão Q5A e Q5B]

3. Antes eu votava. [Ler a questão Q5A e Q5B] 9. NS/NR

O intuito desta pergunta foi constatar se as idosas ainda comparecem às eleições. Uma das questões mais importantes deste questionário, a ser utilizada na análise dos dados em conjunto com outras variáveis. O porquê da idosa continuar votando, com ou sem obrigação legal, foi testado com a variável dependente “gostar de votar” para verificar se há uma relação positiva entre ambos.

Q5A. Você parou de votar por qual motivo?

1. Não tem mais obrigação/ por causa da idade.
2. Por causa dos políticos (corrupção enganam o povo, só prometem e etc.)
3. Dificuldade para andar. 4. Dificuldade para conseguir transporte. 5. Problemas com título/ zona eleitoral.
6. Outro. _____ 9. NS/NR

Q5B- Há quanto tempo você deixou de votar?

1. Não votou na última eleição apenas.
2. Não votou nas duas últimas eleições (dois anos).
3. Não votou nas três últimas eleições (quatro anos).
4. Não vota há seis anos ou mais. 9. NS/NR

Ambas as questões foram respondidas somente pelas idosas que deixaram de votar. As perguntas buscam apreender o que motivou as idosas a não votarem, há quantas eleições elas não comparecem, e entender se houve um empecilho passageiro (problemas de saúde, com o título de eleitor, ou dificuldade para se deslocar ao local de votação) ou se houve uma decisão permanente de não ir votar mais, motivada por decepção com os políticos ou por questões pessoais.

Q6. Você faltou alguma vez às eleições?

1. Não, nunca faltou.
2. Sim [Ler a questão Q6B].
9. NS/NR Q6B. [Se sim] **Por qual motivo?** (Não ler as opções. Marcar até duas opções).
 1. Por motivo de doença. 2. Por motivo de viagem. 3. Assuntos de família.
 4. Não encontrou o local de votação.
 5. Outro. _____ 9. NS/NR

Pergunta direcionada tanto para as idosas que continuam votando, como para aquelas que afirmaram não querer votar. Ela capta se, em algum momento da vida delas, elas faltaram às eleições. A resposta desta questão analisada comparativamente com as outras aqui presentes demonstra o nível de interesse das idosas em votar, especialmente entre as que possuem mais de 70 anos, cujo voto é facultativo.

Q7- Com qual das duas frases você mais concorda: “O dia da eleição pra mim é um dia alegre”, ou “O dia da eleição para mim é um dia chato”. [Não ler as opções]

1. Alegre [Ler a questão Q7B]
2. Não sabe/ É um dia normal / Nem uma coisa nem outra [Ler a questão Q8]
3. Chato [Ler a questão Q7C] 9. NS/NR

Q7B. [Se alegre]. **Por que é um dia alegre?** [Não ler as opções]

1. Porque encontra familiares ou amigos.
2. Porque vê muita gente na rua.
3. Porque pode sair de casa e passear.
4. Porque se sente uma cidadã.
5. Porque tem esperança que a vida das pessoas ou o país melhore.
6. Porque vota no candidato preferido.
7. Outro. _____ 9. NS/NR

Q7C. [Se chato]. **Por que é um dia chato?** [Não ler as opções]

1. Porque sou obrigada a votar.
2. Porque temos que votar em políticos que enganam a população. (Não fazem nada, não cumprem as promessas de campanha e etc.)
3. Porque tenho que sair de casa e ir até o local de votação.
4. Porque o local de votação é longe de casa.
5. Porque tem dificuldade de andar ou conseguir transporte para ir votar.
6. Outro. _____ 9. NS/NR

A Q7 é importante por medir como as idosas avaliam o dia da eleição, e se associam o dia como alegre ou chato por causa do (mau) comportamento dos políticos ou por avaliarem como positivo ou negativo o ato sair de casa e de ver as movimentações nas ruas, por exemplo.

Q8- Com qual das duas frases você mais concorda. “O dia da eleição para mim é um dia de expectativa” ou “o dia da eleição para mim é um dia tenso”. [Não ler as opções]

1. Expectativa [Vá para a questão Q8B]
2. Não sabe/ é um dia normal / Nem uma coisa nem outra [Ler a questão Q9]
3. Tenso [Vá para a questão Q8C] 9. NS/NR

Q8B - [Se for expectativa]. **Por que é um dia de expectativa?** [Não ler as opções]

1. Porque espera saber quem será o novo governante.
2. Porque torce para que o seu candidato vença a eleição.
3. Porque espera que o país melhore com o candidato eleito.
4. Outro. _____ 9. NS/NR

Q8C- [Se for tenso]. **Por que é um dia tenso?** [Não ler as opções]

1. Por causa da violência nas ruas ou nos locais de votação.
3. Medo de um candidato ruim ser eleito.
4. Medo de seu candidato preferido não ser eleito.
5. Por causa da espera do resultado da eleição.
6. Outro _____ 9. NS/NR

Durante a pesquisa qualitativa, as expressões dia de “expectativa” ou “tenso”, ao se referirem ao dia da eleição, surgiram nas falas das idosas, ora com sentidos opostos, ora com o significado semelhante de espera do resultado das eleições e de incerteza sobre como será o futuro do Brasil/ Fortaleza. Esta questão busca, portanto, esclarecer esta percepção e ver se este posicionamento se reproduz na maioria das idosas estudadas.

Q9 - Você gosta de votar? [Não ler as opções]

1. Sim 2. Não 3. Tanto faz 4. Antes gostava. 9. NS/NR

Q10. Você acha que votar é um ato importante? [Não ler as opções]

1. Sim [Ler a questão Q10B]

2. Não 3. Tanto faz 9. NS/NR

Q10B- [Se sim] Por que votar é importante? [Não ler as opções]

1. É um dever do cidadão.

2. É uma obrigação, senão perdemos documentos ou benefícios do governo.

3. Porque vamos escolher novos governantes.

4. O Brasil pode melhorar.

5. Porque é patriota. 6. Outro. Qual? _____ 9. NS/NR

Estas três questões estão entre as mais relevantes por captarem como as idosas enxergam o ato de votar, se gostam de praticar o mesmo e por quais critérios este ato seria avaliado como importante. A questão Q9 foi avaliada em conjunto com as questões Q8 (como é percebido o dia da eleição), Q10, Q11, Q12 e Q13, com o intuito de apreender o que impulsiona a idosa a votar, - entre aquelas que afirmaram que gostam e que votarão até o fim da vida -, como também compreender as razões que levaram a idosa a desistir da prática.

Q11- Você visita alguém no dia da eleição? [Não ler as opções]

1. Sim. [Ler questão Q11B]

2. Não. 9. NS/NR

Q11B- [Se sim] Quem você visita? [Não ler as opções]

1. Família 2. Amigos 3. Outro _____ 9. NS/NR

Q12. Alguém visita você no dia da eleição? [Não ler as opções]

1. Sim. [Ler questão Q12B]

2. Não. 9. NS/NR

Q12B-[Se sim] Quem visita você? [Não ler as opções]

1. Família 2. Amigos 3. Outro _____ 9. NS/NR

Q13- Você reencontra amigos no local de votação?

1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Conforme introduzi no parágrafo anterior, estas questões buscam compreender com mais detalhes o que as idosas fazem no dia da eleição, tendo como enfoque principal captar se neste dia elas se reencontram com parentes e amigos, seja nas ruas, na esfera doméstica ou nos locais de votação. Estas questões ajudaram a verificar a minha hipótese de que, para a maioria das idosas, votar seria algo bom, por ser associado a um dia de lazer, apesar da grande massa do eleitorado brasileiro estar decepcionada com os políticos.

Q14- Com qual destas frases você concorda?

1. Votar é um dever do cidadão. Ou, 2. Só voto porque é obrigatório. 9. NS/NR

Estas duas frases foram as mais recorrentes nas falas das idosas na etapa qualitativa da pesquisa para explicar a importância do voto. Elas também aparecem como opções de resposta na questão Q10B. Caso a idosa não tenha conseguido detectar, para si mesma, o porquê votar seria importante, nesta questão Q14, através de duas afirmações objetivas, a idosa pode escolher e demonstrar com mais clareza qual argumento ela estaria mais disposta a concordar.

Q15- Com qual destas frases você concorda?

1. **Não adianta muito votar, porque os políticos são corruptos. Ou,**
2. **Votar é bom porque podemos escolher novos governantes.** 9. NS/NR

A Q15 traz informações complementares para a análise da questão anterior, por medir se a eleitora idosa apresenta uma postura mais esperançosa ou pessimista em relação à política e à escolha dos candidatos.

Q16- Com qual frase você mais concorda?

1. **O homem é mais competente que a mulher na política.**
2. **A mulher pode ser tão competente quanto o homem na política. Ou,**
3. **A mulher é mais competente que o homem na política.** 9. NS/NR.

O objetivo desta pergunta foi perceber como a mulher idosa avalia as relações de gênero²⁵ e a representação política. Sabe-se que as idosas foram socializadas em uma geração distinta, nascidas na primeira metade do século XX, e estas poderiam conter representações culturais mais conservadoras ou machistas em relação à política e ao lugar a ser ocupado pela mulher na sociedade. Como também, estas idosas podem considerar o contrário: as mulheres estariam em condições de igualdade com os homens, ou até seriam mais competentes, considerando as transformações sociais ocorridas na segunda metade do século XX, onde a mulher ocupa os postos de trabalho, e muitas, vezes, é a chefe da família, responsável pelo sustento da mesma. A resposta desta pergunta foi avaliada em paralelo com outras variáveis: idade, renda e escolaridade.

	Sim ou	Não?	[Se sim] Você vai com frequência? [Ler as opções, se for necessário]
Q17A- Você vai para a Igreja ou grupo religioso?	1.	0.	1. Só em ocasiões especiais (batizado, casamento, etc.) 2. Raramente 3. Uma vez por mês

²⁵ Conforme enunciou Heleieth Saffioti (2015), o conceito de gênero é um instrumento teórico-metodológico e analítico para compreender as imagens e expectativas que a sociedade constrói sobre os corpos masculino e feminino, pautados em valores culturais e em relações de poder. (SAFFIOTI, 2015).

			4. Quinzenalmente 5. Uma vez por semana 6. Quase todo dia 9. NS/NR
Q17B- Você sai para visitar amigos ou parentes?	1.	0.	1. Raramente 2. Uma vez por ano 3. Pelo menos a cada seis meses 4. Pelo menos uma vez por mês 5. Pelo menos uma vez por semana 9. NS/NR
Q17C- Você sai para pagar as contas?	1.	0.	1. Raramente 2. Todo mês 3. Quase todo mês 9. NS/NR
Q17D- Você faz exercícios físicos, sem contar as tarefas domésticas?	1.	0.	1. Raramente 2. Uma vez por mês 3. Quinzenalmente 4. Uma vez por semana 5. Quase todo dia 9. NS/NR
Q17E- Você costuma passear ou viajar?	1.	0.	1. Raramente 2. Uma vez por ano 3. Pelo menos a cada seis meses 4. Pelo menos uma vez por mês 5. Pelo menos uma vez por semana. 6. Quase todo dia. 9. NS/NR
Q17F- Você vai ao hospital para se consultar ou fazer exames?	1.	0.	1. Raramente 2. Uma vez por ano 3. Pelo menos a cada seis meses 4. Pelo menos uma vez por mês 9. NS/NR

A Q17, desmembrada em seis outras perguntas, investiga se as idosas possuem uma vida ativa ou se já apresentam limitações físicas que reduzem a sua saída no ambiente extra doméstico. A Q17E apresenta um erro. Ela deveria ser intitulada “Você costuma passear?” ou “Você costuma viajar?”, pois, durante a pesquisa, as idosas ativas responderam que passeavam com mais frequência (semanal ou mensal) e a viagem seria uma atividade realizada uma vez por ano ou semestral. De qualquer maneira, a Q17 foi útil para testar se haveria uma valorização do voto entre as idosas menos ativas (por ser um dia diferente em que elas podem sair de casa) ou, pelo contrário, se ocorreu uma rejeição em votar (o dia da eleição pode ser visto como chato), entre as senhoras que preferem não sair de casa.

Q18 – Existem várias formas de associações em que uma pessoa pode se engajar, se quiser. Foram criadas associações de moradores, associações religiosas, esportivas, em defesa do

meio ambiente, sindicatos, associações profissionais e partidos políticos. Hoje você participa de algum tipo de associação ou grupo?

1. Sim [Ler a questão Q18B]
 2. Não [Ler a questão Q19]
 3. Hoje não, mas quando era mais jovem já participou. [Ler a questão Q19]
 9. NS/NR
- Q18B- [Se sim] **Qual tipo de associação ou grupo você frequenta?** [Não ler as opções]
1. Associação de moradores
 2. Partido político
 3. Associação Esportiva
 4. Defesa do Meio ambiente
 5. Associação ou grupo religioso
 6. Sindicato ou Associação profissional
 7. Outro. Qual? _____
 9. NS/NR

É presente na literatura o argumento que a maioria das pessoas idosas, de ambos os sexos, não se engajariam em associações. A Q18 pretendeu, portanto, testar se o comportamento das idosas fortalezenses acompanha ou não esta tendência relatada na teoria.

Q19- Na hora de escolher o seu candidato a prefeito, para você o que é mais importante?

1. **Analisar as propostas do candidato, ou**
2. **Analisar as qualidades e o caráter do candidato.**
3. Nem uma coisa nem outra [Não ler]
9. NS/NR

Q20- Quando você vai escolher seu candidato a prefeito, para você é mais importante...

1. **Escolher aquele que já fez algo de bom pelo povo, ou**
2. **Votar em alguém indicado pela família ou amigos.**
3. Nem uma coisa nem outra [Não ler]
9. NS/NR

Aqui inicia-se as perguntas que visam compreender quais critérios as idosas utilizam para escolher os seus candidatos e o qual aspecto para elas seria mais relevante. Durante a pesquisa, precisei acrescentar nas duas questões o item “4. As duas são importantes”, pois esta fala surgiu no discurso de algumas idosas.

Q21. Para você, o partido do candidato tem importância ou não na hora de escolher o seu voto? 1. **Não tem importância** 2. **Tem pouca importância, ou** 3. **Tem muita importância.**
9. NS/NR

Q22. Você tem simpatia por algum partido político? Qual? [Não ler as opções]

1. Não tem simpatia. [Ler a questão Q23]
2. Sim, o PT. [Ler a questão Q24]
3. Sim, o PSDB. [Ler a questão Q24]
4. Sim, o PMDB. [Ler a questão Q24]
5. Sim, partidos de direita. [Ler a questão Q24]
6. Sim, partidos de esquerda. [Ler a questão Q24]
7. Sim, mas não lembra o nome do partido.
8. Sim, outro. Qual? _____ [Ler a questão Q24]
9. NS/NR

Q23. [Se não tem simpatia] Você já teve simpatia por algum partido no passado?

1. Sim. **Qual?** _____ 2. Não 9. NS/NR

Q24. Você tem antipatia ou não gosta de algum partido? Qual?

1. Não tem antipatia. 2. Sim, o PT. 3. Sim, o PSDB

4. Sim, o PMDB. 5. Sim, partidos de direita.

6. Sim, partidos de esquerda. 7. Sim, outro. Qual? _____ 9. NS/NR

Este bloco de questões investiga se há a permanência do personalismo no comportamento político desta parcela do eleitorado brasileiro, como a literatura sugere, bem como investiga se há uma polarização política entre as idosas que possuem preferências partidárias, por exemplo: “gostar do PSDB e odiar o PT”, e vice-versa.

Q25. Eu vou ler algumas áreas que as pessoas acham que o governo tem que se empenhar mais e gostaria que você me dissesse qual é a mais importante para você. Você pode escolher duas áreas.

1. **Saúde** 2. **Educação** 3. **Segurança** 4. **Geração de empregos** 5. **Transporte**

6. **Saneamento básico** 7. **Proteção do meio ambiente** 8. **Áreas de lazer** 9. NS/NR

Pergunta com o intuito de apreender quais áreas necessitam receber mais incentivos estatais segundo a opinião das idosas estudadas.

Q26. Você confia nos políticos? [Não ler as opções]

1. Confia 2. Confia Pouco/ Só em quem eu votei 3. Não confia 9. NS/NR

Q27. Você confia mais em um candidato que seja homem ou mulher? [Não ler as opções]

1. Confia mais no homem 2. Confia mais na mulher 3. Não confia em nenhum

4. O sexo do candidato não importa. 9. NS/NR

Q28. Você confia mais em um candidato que seja jovem ou que tenha mais experiência de vida? [Não ler as opções] 1. Confia no mais jovem. 2. Confia no mais experiente. 3. A idade não tem importância. 9. NS/NR.

Q29. Você confia mais em um candidato que está se candidatando a 1ª vez ou naquele que já ocupou outros cargos públicos? [Não ler as opções]

1. Confia no menos experiente. 2. Confia no mais experiente 3. A experiência política não tem importância. 9. NS/NR.

Estas questões visam medir a confiança política das mulheres idosas (Q26) e relacionar esta confiança com outras variáveis (gênero, idade e experiência política do candidato), observando se existe uma preferência na escolha de candidatos em torno destes marcadores. Foi acrescentado, durante a aplicação dos questionários, o item “Não confia em nenhum” na Q28 e Q29.

Q30- Votar em um candidato conhecido tem importância para você?

1. **Pouca importância** [Ir para a Q31] 2. **Muita importância, ou** [Ir para a Q31]

3. **Não tem importância** [Ir para a Q32] 9. NS/NR

Q31- É importante conhecer o candidato de que forma?

1. **Pessoalmente** 2. **Conhecido no bairro que mora** 3. **Conhecido da sua família ou amigos**
 4. **Através da televisão** 5. **Através do jornal impresso** 6. **Através da internet** 7. **Outro.**
 Qual? _____ 9. NS/NR

São questões que investigam se votar em candidatos próximos, conhecidos do bairro ou da cidade que moram, torna-se algo relevante na escolha dos candidatos. A Q31 buscou exatamente captar o meio através do qual conhecer os candidatos seria importante.

- Q32. Você votou no primeiro e no segundo turno das eleições de 2016?** [Não ler as opções]. 1.
 Sim, votou no primeiro e no segundo turno. [Vá para a questão Q33]
 2. Sim, votou apenas no primeiro turno. [Vá para a questão Q33]
 3. Sim, votou apenas no segundo turno. [Vá para a questão Q34]
 4. Não votou, faltou só esta vez. 5. Não, e não vota mais. 9. NS/NR

- Q33. [Se sim] Em qual candidato você votou no Primeiro turno para Prefeito de Fortaleza?** 1.
 Roberto Cláudio – PDT 2. Capitão Wagner – PR 3. Luizianne Lins – PT
 4. Heitor Férrer – PSB 5. Ronaldo Martins – PRB 6. João Alfredo – PSOL
 7. Francisco Gonzaga - PSTU 8. Tin Gomes – PHS 9. NS/NR 10. Voto branco
 11. Voto nulo 12. Votou em outra cidade/ Não vota m Fortaleza.

Q34. Em qual candidato você votou para Prefeito de Fortaleza no segundo turno?

1. Roberto Cláudio 2. Capitão Wagner 3. Votou em branco 4. Votou nulo
 5. Não votou no segundo turno. 6. Votou em outra cidade/ Não vota em Fortaleza. 9. NS/NR

A questão Q32, juntamente com a Q4, avalia se a idosa continua votando ou se desistiu de votar recentemente devido à crise política brasileira. A Q33 e Q34 captam em quais candidatos as eleitoras votaram nas eleições municipais de 2016 em Fortaleza.

Q35. Na sua opinião, o Prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio está fazendo um governo ótimo, bom, ruim ou péssimo? [Não ler as opções]

1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 9. NS/NR

Q36. Na sua opinião, o Governador do Ceará Camilo Santana está fazendo um governo ótimo, bom, ruim ou péssimo? [Não ler as opções]

1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 9. NS/NR

Estas perguntas têm o objetivo de apreender a opinião das idosas sobre a qualidade gestão exercida pelos governantes seja na esfera municipal, estadual ou federal.

Q37. Você concordou com o afastamento da Ex-Presidenta Dilma?

1. Concorda 2. Não concorda 3. Concorda parcialmente 9. NS/NR

Q38. **Na sua opinião, Dilma Roussef cometeu algum crime?** 1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Q39. **Para você, o governo da Ex-presidenta Dilma foi ótimo, bom, ruim ou péssimo?**

1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 9. NS/NR

Q40. **Você acha que o governo do Presidente Michel Temer está sendo ótimo, bom, ruim ou péssimo?** 1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 9. NS/NR

Estas questões são importantes por demonstrar a posição das idosas sobre o processo de impeachment da Ex-Presidenta Dilma Roussef ocorrido em 2016. Substituí a palavra impeachment por “afastamento”, porque durante o pré-teste do questionário, as idosas com menor grau de instrução não entendiam o que significava este termo. A avaliação das idosas sobre o governo do atual Presidente Michel Temer (Q40) também foi analisada em uma perspectiva relacional com a resposta dada na questão Q39.

Q41. **Na sua opinião, o governo militar no Brasil foi ótimo, bom, ruim ou péssimo?** [Não ler as opções] 1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 5. Não lembra do governo militar.

6. Não sabe que existiu um governo militar no Brasil. 9. NS/NR

Q42A. **Você concorda ou discorda que apenas o exército governe o país?** [Espere a resposta]

Concorda ou concorda fortemente?

Discorda ou discorda fortemente?

1. Concorda 2. Concorda fortemente 3. Discorda 4. Discorda fortemente 9. NS/NR

Q42B. **Você concorda ou discorda que não tenha mais eleições para deputado e senador, para que o Presidente decida tudo sozinho.** [Espere a resposta]

Concorda ou concorda fortemente?

Discorda ou discorda fortemente?

1. Concorda 2. Concorda fortemente 3. Discorda 4. Discorda fortemente 9. NS/NR

São questões que medem qual aspecto estaria mais presente na cultura política das idosas: a valorização (ou apoio) a um regime autoritário ou a um regime democrático. Faz-se necessário investigar este posicionamento, pois as idosas são eleitoras que vivenciaram estas duas formas de governo no Brasil (a ditadura militar e a redemocratização do país). Busco entender como elas concebem estes períodos na história política do Brasil. Inseri a palavra “governo militar” na Q41, pois encontrei idosas na fase de pré-teste que desconheciam o fato de que houve uma ditadura militar no Brasil. Na concepção delas, ocorreu governos comandados por militares neste período. Na Q42A também substituí a palavra “forças armadas” por “exército” para facilitar a compreensão da pergunta. A Q42A e a Q42B verificam se há preferência ou discordância pela centralização do poder nas mãos um único líder, agregado ao uso da força (exército).

Q43. **Com qual destas frases a senhora está mais de acordo:**

1. **Para pessoas como eu, tanto faz um governo democrático ou um não democrático.**

2. **A democracia é melhor do que qualquer outra forma de governo, ou**

3. **Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser melhor que um democrático.**

4. Não compreende a pergunta/Não sabe. [Não leia. Ir para a questão Q45/Q46] 9. NS/NR

Q44. Na sua opinião, que grau de democracia existe hoje no Brasil?

1. **Uma democracia completa.**

2. **Uma democracia, com pequenos problemas.**

3. **Uma democracia, com grandes problemas.**

4. **Não é uma democracia.**

5. Não compreende a pergunta /não compreende o que é ‘democracia’. [Não leia]

As idosas tenderiam a apoiar ou não o regime democrático? É o que se pretendeu descobrir nestas questões, bem como saber como elas avaliam a qualidade da democracia no Brasil. A pergunta Q44 não foi mencionada entre as idosas que não compreendiam o termo “democracia”.

Q45. [Esta pergunta é para quem tem mais de 70 anos.] Você continuará votando nas próximas eleições?

1. Sim 2. Não 3. Talvez/Depende da saúde 9. NS/NR.

Q46. [Esta pergunta é para quem tem menos de 70 anos.] O voto é facultativo para quem tem mais de 70 anos. Você continuará votando após essa idade?

1. Sim 2. Não 3. Talvez/Depende da saúde 9. NS/NR.

Um dos objetivos desta pesquisa é conhecer o que motiva a idosa com mais de 70 anos a votar, uma vez que ela está isenta da obrigatoriedade do voto. Igualmente importante é verificar se as idosas mais jovens pretendem votar nas próximas eleições, depois dos 70 anos. Investiguei estes dois questionamentos comparando as respostas destas duas questões com as variáveis gostar de votar ou não, se consideram o voto importante e como percebem o dia da eleição (alegre, chato, normal, tenso ou de expectativa).

Q47. Com qual frase você mais concorda?

1. **Eu voto no meu candidato preferido mesmo que ele tenha poucas chances de se eleger, ou**

2. **Eu só voto no candidato que estiver em primeiro ou segundo lugar nas pesquisas.**

9. NS/NR

Pergunta que visa apreender se para as mulheres idosas é mais relevante escolher os candidatos baseados em cálculos estratégicos ou através de razões subjetivas/ afetivas. Aqui se testa a aplicação ou não da teoria da escolha racional para explicar o comportamento político da mulher idosa.

Q48. Você já mudou o seu voto quando alguém pediu para você votar em outro candidato? 1.

Sim 2. Não 3. Não lembra 9. NS/NR

Q49. Os seus familiares ou amigos, já ajudaram você a escolher o seu voto? [Não ler as opções]. 1. Não ajudaram. Decide sozinha. 2. Influenciam um pouco. 3. Influenciam muito.

9. NS/NR

Q50. Você já pediu para que as outras pessoas votassem no seu candidato? [Não ler as opções]. 1. Sim, já fez isto. 2. Sim, e continua pedindo votos. 3. Não costuma pedir votos. 9. NS/NR

O objetivo da Q50 é perceber se a opinião de pessoas próximas (familiares ou amigos) exerce influência na decisão do voto das idosas, especialmente entre aquelas que não costumam se informar sobre a política. Avalia-se também se a idosa envolve-se emocionalmente de maneira mais nítida nos pleitos, quando tenta conseguir votos para o seu candidato preferido.

Q51. Se um candidato se apresentar como uma pessoa religiosa, uma “pessoa de Deus”, isso ajuda a conquistar seu voto? [Não ler as opções]. 1. Ajuda 2. Não ajuda 9. NS/NR

Testei aqui duas posturas possíveis: na primeira, a atitude esperada de idosas que estão engajadas em igrejas e que são “praticantes”, ou seja, participam de celebrações religiosas semanalmente e que tenderiam a considerar uma qualidade positiva o candidato apresentar-se como religioso; a segunda postura seria que, mesmo entre as idosas engajadas em associações religiosas, estas poderiam considerar esta característica irrelevante ao decidirem seus votos.

Q52. Você assiste as propagandas eleitorais?

1. **Sim, sempre.** 2. **Sim, às vezes** 3. **Não** 9. NS/NR.

Q53. Você costuma se informar sobre a política? [Leia as opções em negrito]

1. **Não se informa.** 2. **Sim, uma vez por mês.** 3. **Sim, uma vez por semana.**

4. **Sim, quase todo dia. Ou,** 5. **Raramente** 9. NS/NR

Q54- [Se a pessoa se informa] Através de qual meio você busca informações sobre a política?

1. **Televisão** 2. **Rádio** 3. **Através de parentes/amigos** 4. **Jornal impresso** 5. **Internet/redes sociais** 9. NR/NR

Mede-se nestas perguntas a intensidade e os veículos pelos quais as idosas costumam se informar sobre a política. A variável informação foi incluída nas análises das questões principais para entender se ela pode exercer influência no comportamento de idosas que valorizam o voto, ou não. Como também foi possível averiguar qual o perfil de idosa que se interessa por buscar estas informações.

Q55. Em qual eleição você se envolve mais: para Prefeito ou para Presidente?

1. Prefeitura 2. Presidência 3. Em todas 4. Nenhuma delas 9. NS/NR

Buscou-se compreender se há nas idosas um envolvimento emocional maior em alguma eleição específica ou em nenhuma delas.

Q56. Você considera mais importante que o candidato

1. **Tenha feito várias ações para ajudar a comunidade, ou**
 2. **Seja Formado, tenha conhecimentos** 9. NS/NR

Esta pergunta, assim como a Q19 e a Q20, almejou conhecer quais elementos são mais relevantes para as idosas na hora de escolher seus candidatos. Porém, como a Q56 apresenta opções de resposta diferentes, a informação coletada aqui complementarará os dados obtidos na Q19 e Q20.

- Q57. Você considera um bom político é aquele que**
 1. **Ajuda você ou alguém da sua família, ou**
 2. **Ajuda a resolver os problemas da cidade.** 9. NS/NR

- Q58. Você trocaria seu voto por dinheiro, por emprego, por consulta ou outro favor, se, no lugar onde você mora, a maioria das pessoas trocar?** 1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Estas questões investigam se a idosa aceitaria a compra de votos. Se a idosa responder o item 1 na Q57, mas disser “Não” na Q58, de qualquer modo, a escolha da resposta “ajuda a você ou alguém da sua família” demonstra uma tendência da eleitora em aceitar algum tipo de favor (emprego, consultas, presentes), que não seja necessariamente apenas receber dinheiro.

- Q59. Você tem dificuldades para andar quando vai se dirigir ao local da votação?**
 1. Sim 2. Não 3. Já teve, hoje não. 9. NS/NR
Q60. Você tem dificuldade de conseguir transporte para se dirigir ao local da votação?
 1. Sim 2. Não 3. Já teve, hoje não. 9. NS/NR
Q61. Geralmente, qual meio de transporte você utiliza para chegar ao local de votação?
 1. **Ônibus** 2. **Carro** 3. **Vai a pé** 4. **Trem** 5. **Metrô** 9. NS/NR

Analiso se a idosa possui alguma dificuldade de locomoção ou de conseguir transporte que pode explicar a sua desistência de votar, como também medi o seu nível de interesse em comparecer aos pleitos, entre aquelas que utilizam o ônibus para chegar no local de votação, mesmo andando com dificuldade, por exemplo.

- Q62. Você já viu algum candidato elaborar propostas para ajudar os idosos?**
 1. Sim 2. Não 9. NS/NR
Q63. Você concorda ou discorda desta frase “Quando eu voto, eu me sinto útil para a sociedade”. Espere a resposta.
Concorda ou concorda fortemente? Discorda ou discorda fortemente?
 1. Concorda 2. Concorda fortemente 3. Discorda 4. Discorda fortemente 9. NS/NR

A primeira intenciona captar se a idosa conheceu algum candidato que propusesse ações em prol da pessoa idosa. A segunda analisa, se a valorização do voto pelas idosas for comprovada nesta pesquisa, se tal atitude pode ser explicada pelo “sentir-se útil” já que votar seria uma forma da

idosas exercer um dos seus papéis sociais (DEBERT, 2012), entre outros que já não conseguiria mais praticar na velhice, conforme foi discutido no capítulo teórico.

Q64. Na sua opinião, qual é o problema mais grave que o país está enfrentando? [Não ler as opções. Marcar somente um item. Se a pessoa mencionar dois, peça para que ela escolha o principal.]

1. Corrupção	16. Falta de crédito financeiro
2. Impunidade	17. Protestos populares (greves, fechamento de estradas, paralisações, etc.)
3. Os políticos	18. Transporte
4. Inflação, altos preços	19. Educação
5. Pobreza	20. Saúde/ Hospitais e atendimento precários
6. Desigualdade	21. Habitação/ moradia
7. Violência	22. Violações dos Direitos Humanos
8. Mau governo	23. Desnutrição
9. Crime	24. Tráfico de drogas
10. Desemprego	25. Falta de terra para cultivar
11. Falta de água	26. Dívida externa
12. Estradas/ Rodovias em mau estado	27. Sequestros
13. Gangues/ quadrilhas	28. Outro. _____
14. Meio ambiente	99. NS/NR
15. Crise na economia	

Q65. A senhora acha que a situação econômica do país hoje está melhor, igual, ou pior que há um ano atrás? 1. Melhor 2. Igual 3. Pior 9. NS/NR.

A Q64 foi elaborada de maneira aberta, onde as entrevistadoras não leram as opções de resposta. Aqui as idosas puderam demonstrar a sua opinião sobre qual seria o maior desafio que o nosso país experimenta na atualidade. Na Q45, as mulheres estudadas puderam manifestar a percepção delas sobre a condição econômica do Brasil.

Q66. Hoje em dia as pessoas respeitam o idoso? [Não ler as opções]

1. Sim 2. Não 3. Algumas/ Pouco 9. NS/NR

Q67. Você considera a velhice uma fase da vida ótima, boa, ruim ou péssima?

1. Ótima 2. Boa 3. Ruim 4. Péssima 9. NS/NR

Q68. Com qual frase você mais concorda?

1. Há poucas coisas que uma pessoa pode realizar na velhice, ou

2. Uma pessoa pode permanecer ativa na velhice.

9. NS/NR

Q69. Com qual frase você mais concorda?

1. É possível ser feliz na velhice, ou

2. É somente na juventude que experimentamos a felicidade.

9. NS/NR

Este bloco engloba questões que envolvem como as idosas veem a si mesmas e como enxergam a velhice. Embora este não seja o foco principal da pesquisa, estas questões são fundamentais para se compreender se há alguma relação entre as idosas que apresentam uma visão positiva da velhice e são mais ativas com a disposição em querer votar. É possível verificar também

se as idosas que avaliam a velhice de maneira negativa poderiam considerar que o voto delas não teria relevância na escolha dos representantes do país, ou seja, votar seria uma responsabilidade dos jovens.

As últimas 17 perguntas do questionário são sociodemográficas. Apresentam, portanto, questões sobre a renda familiar, estado civil, cor da pele, se recebe aposentadoria, quantas pessoas moram com a idosa, entre outras. Estas questões encontram-se no Apêndice.

4.3 Resultados esperados entre as variáveis

Apresentarei nesta seção as hipóteses a serem testadas nesta pesquisa e as possíveis relações entre as variáveis com a suposta atitude da mulher idosa de valorizar os pleitos.

A primeira hipótese é de que as idosas gostam de votar, principalmente por associarem o dia da eleição a um dia prazeroso, que proporciona encontros com a família com os amigos, gerando, deste modo, um momento de lazer.

Não estou desconsiderando as afirmações das senhoras na etapa qualitativa ao elencarem outras justificativas para votarem: “votar no candidato preferido”, “ porque vão escolher os governantes”, “porque são cidadãos”, “porque é uma obrigação”. Apenas, adoto o pressuposto que estas motivações políticas são secundárias. Logo, a percepção de que o dia da eleição é alegre e proporciona um instante de lazer, seria o fator explicativo primordial.

A segunda hipótese seria, seguindo este mesmo raciocínio, que as idosas que possuam uma vida social menos ativa, ou seja, que passam o maior período do seu dia no interior de sua casa, possivelmente, tenderiam a valorizar mais o dia da eleição por causa da mudança de rotina e do momento de lazer.

Também adoto como pressuposto que as mulheres idosas acima de 70 anos, tenderiam a gostar mais de votar do que as idosas da geração mais jovem (faixa dos 60 anos). Estas, devido apresentarem uma idade mais avançada, estariam mais suscetíveis a doenças ou ao controle familiar, que a manteriam pouco ativas e mais introduzidas no lar.

Conforme os discursos mais recorrentes na pesquisa qualitativa, supus que quanto maior for a escolaridade, a renda e a informação sobre a política, a resposta das idosas se direcionariam ao argumento “dever do cidadão”. Ao passo que as senhoras com menos instrução e informação sobre a política tenderiam a comparecer aos pleitos por temerem as punições que poderiam receber se faltassem, e, portanto, se sentiriam “obrigadas a votar”.

5 RESULTADOS – TABELAS DE FREQUÊNCIA

Vejamos, inicialmente, o perfil socioeconômico das idosas que foram contatadas. Tais dados são relevantes para termos dimensão se a amostra com o sorteio dos bairros conseguiu realmente contatar idosas de classes sociais distintas, bem como para compreendermos com mais propriedade o contexto social e familiar em que as mesmas se encontram inseridas.

Relembro que a sigla *NS/NR* nas tabelas e gráficos representa as pessoas que não souberam ou não quiseram responder a pergunta. Já o *NA* simboliza os casos que não se aplicam a cada questão. Por exemplo, existem idosas que continuam trabalhando formalmente. Na tabela que apresenta a quantidade de idosas aposentadas, o número das que trabalham e estão, portanto, fora desta categoria será assinalado por *NA*.

5.1 De quais idosas estamos falando?

5.1.1 Renda

Conforme já mencionei, foram contadas 427 idosas distribuídas em bairros com divergências socioeconômicas com a finalidade de coletar dados, o mais próximo possível, do comportamento político das idosas situadas em diversas classes sociais.

Observando as tabelas a seguir, verifica-se que o maior percentual de idosas contatadas na etapa quantitativa concentra-se nas classes B e C. Somando o total de questionários, percebe-se que há um maior número de questionários aplicados nas classes menos abastadas (E, D e C) em comparação com a quantidade de idosas contatadas nas classes A e B. Tal fato é decorrência das dificuldades encontradas durante a realização da etapa quantitativa da pesquisa.

Tabela 4 – Renda mensal por domicílio

Renda mensal	Frequência	Percentual
Até 1 salário	65	15.2
Até 2 salários	84	19.6
De 2 a 5 salários	113	26.4
De 5 a 10 salários	108	25.2
De 10 a 15 salários	30	7.0
Mais de 15 salários	22	5.1
NS/NR	5	1.1
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Os dados também demonstram que 23% das idosas ainda trabalham formalmente ou exercem alguma atividade remunerada. Esta informação está acima da tendência nacional

verificada na pesquisa realizada pela Pnad²⁶ (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), produzida em 2015, que constatou que 7,7 milhões de idosos estão ativos no mercado de trabalho no Brasil, representando 8,1% do total de trabalhadores empregados.

5.1.2 Estrutura familiar

Verifica-se que as idosas, em sua maioria, residem com filhos, netos ou companheiro. A categoria *Outro* representa aquelas que também moram com genros, noras, irmãos, mãe, pai, empregada doméstica ou cuidadora de idosos.

Tabela 5 - Pessoas que residem com as idosas

Com quem você mora?	Não		Sim		NA	Total
	N	%	N	%		
Filhos	195	45,88	230	54,11	2	100%
Netos e bisnetos	307	72,23	118	27,76	2	100%
Companheiro	279	65,49	147	34,56	1	100%
Sobrinhos	412	96,14	13	3,05	2	100%
Mora sozinha	378	88,94	47	11,05	2	100%
Outro	360	77,46	96	22,53	1	100%

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Importante ressaltar que as idosas são as principais provedoras na maioria dos lares visitados. Em 44% destas casas, elas detêm a maior renda. Em segundo lugar, seria o esposo ou o companheiro o maior provedor, representando 20,9% dos casos. E mais: 65% das senhoras disseram ajudar financeiramente algum familiar.

Conforme demonstrou pesquisa²⁷ do Pnad em 2015, os idosos já seriam os chefes de família em 24,9% das residências, totalizando 17 milhões de lares. Um dos fatores apontados para este crescimento da participação do idoso na renda tem sido a crise econômica brasileira, que leva este a buscar um emprego formal ou “bicos” para complementar o orçamento familiar. Contudo, desde 2009, o estudo²⁸ do IPEA divulga o aumento do índice de mulheres e idosos como principais provedoras nos lares.

5.1.3 Escolaridade

²⁶ Informação disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/4794487/trabalhador-com-mais-de-60-anos-representa-81-de-todos-ocupados>. Acesso em: 21 mai. 2018.

²⁷ Dados em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/07/19/internas_economia.670003/crise-economica-faz-de-aposentados-os-novos-chefes-de-familia.shtml. Acesso em: 22 mai. 2018.

²⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/ipea-mostra-uma-revolucao-na-familia-brasileira/>. Acesso em: 20 mai. 2018.

Quanto a escolaridade, 35% das idosas possui o Fundamental Incompleto, seguida das senhoras com o Ensino Médio e o Ensino Superior completos. E 73% das senhoras relataram terem vivenciado maior período de sua experiência escolar nas escolas da rede pública.

A baixa escolaridade é uma triste realidade para o idoso²⁹ no Brasil, onde somente 26% da população nesta faixa etária completou o Ensino Médio ou Superior.

Parcela das idosas entrevistadas, buscam cursos de idiomas, informática, faculdades, entre outros, buscando seu aperfeiçoamento pessoal ou profissional.

Tabela 6 – Índice de escolaridade

Escolaridade	Frequência	Percentual
Não frequentou a escola	28	6.5
F. incompleto	152	35.5
F. completo	39	9.1
M. incompleto	13	3.0
M. completo	95	22.2
S. incompleto	8	1.8
S. completo	91	21.3
NS/NR	1	0.2
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.1.4 Etnia, Religião e Estado civil

As tabelas seguintes demonstram informações relevantes, porém não influenciaram diretamente nos objetivos desta pesquisa. Observa-se que a maioria das entrevistadas se auto declararam pardas, pertencentes a religião católica e com estado civil de casadas ou viúvas.

Tabela 7- Etnia

Etnia	Frequência	Percentual
Branca	157	36.7
Negra	38	8.8
Parda	214	50.1
Oriental	2	0.4
Indígena	2	0.4
NS/NR	14	3.2
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Tabela 8 – Religião

Religião	Frequência	Percentual
Católica	330	77
Evangélica	73	17.0
Espírita	11	2.5
Umbanda	1	0.2
Não tem religião	5	1.1

²⁹Informação disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/baixa-escolaridade-e-um-problema-extra-para-o-idoso-no-brasil-byjl3bjdh1nfrfy1kj96eams6>. Acesso em: 20 mai. 2018.

Religião	Frequência	Percentual
Outra	6	1.4
NS/NR	1	0.2
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Tabela 9 - Estado civil

Estado civil	Frequência	Percentual
Casada	145	33.9
Morando junta como casada	10	2.3
Divorciada	24	5.6
Separada	38	8.8
Viúva	142	33.2
Solteira	68	15.9
NS/NR	0	0
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.1.5 Idade

A maior parcela das idosas entrevistadas possui entre 60 a 70 anos, representando 57,14% dos questionários. As senhoras acima de 70 anos somam 41,92% da amostra. A senhora com mais idade a responder o questionário com lucidez possuía 94 anos. Para os fins desta investigação, criei a variável “maior70”, que demarcará se há mudança no posicionamento das idosas acima desta faixa etária. Veremos detalhadamente como foram elaboradas as variáveis no próximo capítulo.

5.1.6 Aposentadoria e benefícios do governo

Estavam aposentadas, no momento da coleta de dados, 78,4% das senhoras. 20,8% não se aposentaram ainda, ou por continuarem trabalhando ou por não haverem atingido a idade mínima, entre aquelas que eram donas de casa e não puderam contribuir com a previdência. Entre as senhoras que se encontravam aposentadas, a maioria delas alcançou a mesma por tempo de serviço prestado, seguida das que eram pensionistas. A categoria “benefício ao idoso” representa o Benefício Assistencial ao Idoso e a Pessoa com deficiência (BPC)³⁰, onde o idoso com 65 anos ou mais recebe um salário mínimo, se comprovar que ele e seu núcleo familiar não dispõem de recursos financeiros suficientes para a subsistência. A opção “Outra” contabilizou as senhoras que se aposentaram devido a invalidez ou problemas de saúde, por terem contribuído de forma autônoma com o INSS, ou por serem cadastradas como trabalhadoras rurais.

Tabela 10 - Tipos de aposentadoria

³⁰Disponível em: <https://www.inss.gov.br/beneficios/beneficio-assistencial-ao-idoso-e-a-pessoa-com-deficiencia-bpc>. Acesso em: 24 mai. 2018.

	Tempo de serviço		Benefício ao idoso		Pensão		Outra	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Não	150	43.98	276	81.17	266	78.23	313	92.60
Sim	191	56.01	64	18.82	74	21.76	25	7.39
NA	86	NA	87	NA	87	NA	89	NA
Total	427	100%	427	100%	427	100%	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

A questão Q83 teve o intuito de captar se as idosas recebem algum benefício do governo. Nesta pergunta, quando usei o termo “benefício” referi-me ao Programa Bolsa Família³¹, contudo algumas idosas interpretaram o termo “benefício” e aposentadoria como sinônimos. Deste modo, os dados desta questão apresentam problemas, porém, como a opção “Não” atingiu a grande maioria das respostas, com 82,9%, apesar do erro de formulação, a questão não perdeu totalmente seu valor analítico. Portanto, as idosas relataram, majoritariamente, não receberem o benefício do Bolsa Família.

Tabela 11 - Recebe benefícios do governo?

	Frequência	Percentual
Sim	68	15.9
Não	354	82.9
NS/NR	5	1.1
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2 Como as senhoras votam?

A seguir, apresento a frequência e o percentual dos itens mais respondidos nas questões que abordam os temas centrais desta pesquisa: gostar de votar e comportamento eleitoral. Como o questionário aplicado foi bastante extenso, continha 85 questões, apresentarei aqui as informações que julgo mais importantes na apreensão, não somente se as idosas gostam realmente de votar, mas como elas escolham seus candidatos e o que pensam acerca da política.

5.2.1 Comparecimento nas eleições

Grande parcela das idosas contatadas, aproximadamente 74,6%, afirmaram que continuam participando dos pleitos, fenômeno este já esperado por mim, pois conforme os dados apresentados

³¹O Programa Bolsa Família, de iniciativa do governo federal, trata-se de uma contribuição mensal destinada a famílias em situações de extrema pobreza ou vulnerabilidade social. Fonte: <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 23 maio. 2018.

pelo Tribunal Superior Eleitoral³², que demonstra o aumento do número de eleitores idosos, e que me instigou a escolher as mulheres deste grupo etário como objeto de pesquisa.

Tabela 12 - Você continua votando nas eleições?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Sim	315	73.7	74.6
Não	93	21.7	22.0
Antes eu votava	11	2.5	2.60
NS/NR	3	0.7	0.7
NA's	5	1.1	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

O principal motivo, segundo as idosas, para que tenham deixado de votar foi a isenção da obrigação eleitoral por causa da idade. Analisando esta resposta isoladamente, podemos acreditar que as idosas somente votaram por obrigação e que, por sua vez, não gostariam de votar. Contudo, esta informação será verificada em conjunto com outras informações, para que não caíamos no risco de fazer uma análise superficial das respostas.

A segunda justificativa mais assinalada foi “por causa dos políticos”, o que demonstra a elevada insatisfação desta fatia do eleitorado, onde os casos de corrupção e os defeitos dos políticos exerceram influência para que estas desistissem de votar.

Tabela 13 - Você parou de votar por qual motivo?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Não tem obrigação/ por causa da idade	48	11.2	45.7
Por causa dos políticos	26	6.0	24.7
Dificuldade para andar	5	1.17	4.7
Dificuldade para conseguir transporte	1	0.2	0.9
Problemas com título/zona eleitoral	3	0.7	2.8
Outro	18	4.2	17.1
NS/NR	4	0.9	3.8
NA's	322	75.4	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Entre as idosas que já não votam mais, estas já deixaram de participar das eleições por um espaço de tempo mais elevado: 38% destas afirmaram não comparecer aos pleitos por seis anos ou mais. Considerando se as idosas faltaram as eleições em algum momento de suas vidas, 76% responderam que “Não” e apenas 21% disseram que “Sim”. A ausência ao pleito teria sido ocasionada, sobretudo, por causa de problemas de saúde ou por viagens excepcionais.

Tabela 14 - Por qual motivo você faltou as eleições?

³²Verificar na seção Introdução.

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Por motivo de doença	23	5.3	24.4
Por motivo de viagem	36	8.4	38.2
Assuntos de família	1	0.2	1.0
Não encontrou o local de votação	0	0	0
Outro	32	7.4	34.0
NS/NR	2	0.4	2.1
NA's	333	77.9	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.2 O dia da eleição é alegre

Nesta questão observa-se que há quase um empate entre as idosas que consideram o dia da eleição alegre ou chato. O que motiva a escolha de cada item é, majoritariamente, a percepção de encontrar familiares e amigos (dia alegre), a obrigação em votar em políticos que são corruptos (dia chato) ou um sentimento de apatia ou normalidade (dia normal). Contudo, a percepção do dia da eleição como alegre prevalece numericamente nas respostas.

Tabela 15 - O dia da eleição é alegre ou chato?

	Frequência	Percentual
Alegre	174	40.7
Não sabe/ É um dia normal / Nem uma coisa nem outra	101	23.6
Chato	151	35.3
NR	1	0.2
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Segundo as idosas, o dia da eleição é alegre porque o país pode progredir com os novos candidatos eleitos ou porque fazem/ recebem visitas de familiares e amigos.

Tabela 16 - Por que é um dia alegre?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Encontra familiares ou amigos	31	7.2	18.0
Vê muita gente na rua	15	3.5	8.7
Pode sair de casa e passear	17	3.9	9.8
Se sente uma cidadã	17	3.9	9.8
Espera que a vida/país melhore	40	9.3	23.2
Vota no candidato preferido	21	4.9	12.2
Outro	28	6.5	16.2
NS/NR	3	0.7	1.7
NA's	255	59.7	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Para as idosas, o que torna o dia da eleição chato é o fato dos políticos enganarem os eleitores, ao não cumprirem as promessas feitas na campanha eleitoral, bem como são vistos como desonestos ao usar o dinheiro público.

Tabela 17 - Por que é um dia chato?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Obrigada a votar	17	3.9	11.2
Votar em políticos que enganam	79	18.5	52.3
Sair de casa	16	3.7	10.5
Local de votação longe de casa	4	0.9	2.6
Dificuldade de andar ou transporte	2	0.4	1.3
Outro	29	6.7	19.2
NS/NR	4	0.9	2.6
NA's	276	64.6	NA
Total	427	100.	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.3 O dia da eleição é de expectativa

Nas próximas duas tabelas, verifica-se que as idosas sentem expectativa no dia da eleição porque esperam que o país progrida (melhore a qualidade de vida das pessoas), e também aguardam que o resultado da eleição seja divulgado.

Tabela 18 - O dia da eleição é de expectativa ou tenso?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Expectativa	222	51.9	52.1
Não sabe/É um dia normal/ Nem uma coisa nem outra	74	17.3	17.3
Tenso	123	28.8	28.8
NR	7	1.6	1.6
NA's	1	0.2	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Tabela 19 - Por que é um dia de expectativa?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Espera saber o governante eleito	62	14.5	28.1
Torce para que seu candidato vença	37	8.6	16.8
Espera que o país melhore	86	20.1	39.0
Outro	22	5.1	10.0
NS/NR	13	3.0	5.9
NA's	207	48.4	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Já para as idosas o que torna o dia da eleição tenso é principalmente a espera sobre o resultado do pleito, ou seja, sobre quem será eleito. Neste caso, apreende-se que uma parcela das

idosas compreendem os termos “expectativa” e “tenso” como sinônimos, uma vez que em ambas as respostas, elas experimentam a mesma sensação de “esperar”, “aguardar” durante o dia pela apuração dos votos e sobre como será o futuro do país.

5.2.4 As idosas gostam de votar?

Pergunta que norteia a hipótese central de que as idosas, em sua maioria, gostariam de votar. Observando a tabela abaixo, percebe-se que a hipótese foi corroborada, porém, as possíveis causas deste fenômeno precisam ser investigadas. A resposta desta questão analisada com outros fatores (escolaridade, renda, informação política, confiança política, entre outros), que serão expostos mais adiante, nos deram indícios das razões sobre o “gostar de votar”.

Tabela 20 – Você gosta de votar?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Sim	277	64.8	65.1
Não	54	12.6	12.7
Tanto faz	31	7.2	7.2
Antes gostava	60	14.0	14.1
NS/NR	3	0.7	0.7
NA's	2	0.4	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.4 Votar é importante

Observemos as duas tabelas a seguir. Vemos que 86% das idosas acham que é importante votar, mesmo aquelas que deixaram de votar por algum motivo ou estejam desanimadas devidos os escândalos de corrupção. Ao serem questionadas o porquê do voto ser importante, as respostas mais recorrentes foram eleger os novos representantes políticos, o Brasil pode melhorar (estas duas opções podem ser complementares), porque é um dever do cidadão ou por obrigação, se não, segundo as idosas, elas poderiam ser punidas de alguma forma, não conseguindo retirar documentos ou receber benefícios do governo, por exemplo.

Tabela 21 – Você acha que votar é importante?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Sim	370	86.6	86.8
Não	39	9.1	9.1
Tanto faz	6	1.4	1.40
NS/NR	11	2.5	2.5
NA's	1	0.2	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Tabela 22 - Por que votar é importante?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
É um dever do cidadão	47	11.0	12.7
Obrigação (documentos/benefício do governo)	41	9.6	11.1
Escolhe novos governantes	130	30.4	35.2
O Brasil pode melhorar	80	18.7	21.6
Porque é patriota	3	0.7	0.8
Outro	52	12.1	14.0
NS/NR	16	3.7	4.3
NA's	58	13.5	NA
Total	427	100.	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.5 Visitas e encontros no dia da eleição

Quanto à prática de fazer visitas no dia da eleição, os dados demonstram que, ao contrário do que eu esperava, maior parcela não faz e nem recebe visitas no dia dos pleitos. Entre aquelas que responderam “Sim” a questão, os familiares predominam como aqueles que visitam os idosos ou são visitados por eles.

Tabela 23 - Você visita alguém no dia da eleição?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Sim	68	15.9	16.0
Não	355	83.1	83.7
NS/NR	1	0.2	0.2
NA's	3	0.7	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Aproximadamente 81% das idosas responderam que reencontram amigos ou pessoas conhecidas nos locais de votação. Esta questão foi avaliada juntamente com a questão “fazer/receber visitar” como tentativa de elucidar as causas que levam as idosas a “gostar de votar”.

5.2.6 Votar é um dever do cidadão

Estas perguntas buscam captar qual é o comportamento predominante das idosas diante destas quatro afirmações que foram recorrentes na etapa qualitativa da pesquisa. As expressões “votar é um dever do cidadão” e “votar é bom, porque podemos escolher novos representantes” foram as predominantes na amostra pesquisada.

Tabela 24 – Dever cívico e voto por obrigação

	Frequência	Percentual
Votar é um dever do cidadão	298	69.7
Só voto porque é obrigatório	116	27.1

	Frequência	Percentual
NS/NR	13	3.0
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Tabela 25 – Votar é bom ou não adianta votar?

	Frequência	Percentual
Não adianta votar (políticos corruptos)	116	27.1
Votar é bom (escolhemos novos governantes)	281	65.8
NS/NR	30	7.0
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Vale ressaltar que a pesquisa quantitativa ocorreu em um período conturbado no cenário político brasileiro (primeiro semestre de 2017). E apesar das recorrentes denúncias de corrupção, as idosas demonstraram não perder a esperança de que, através do voto, é possível se mudar este cenário mediante a escolha de novos e eficientes governantes.

5.2.7 Homem e mulher podem ser políticos competentes

A influência do gênero no processo de escolha do candidato não deve ser descartada, pois nossa sociedade, que carrega na sua herança cultural elementos machistas e patriarcais, poderia enxergar os candidatos do sexo masculino como mais “preparados”, mais “fortes”, mais “seguros” para exercer cargos políticos.

O que prevaleceu nos discursos das idosas foi a igualdade política, onde os homens e as mulheres teriam a mesma capacidade de atuar como representantes do povo. Este resultado foi inesperado para mim, que suponha que as idosas tenderiam a apoiar candidatos do sexo masculino por terem sido socializadas em gerações anteriores, onde o domínio do ser masculino prevalecia em diversos setores da sociedade.

Tabela 26 – Competência em exercer cargos políticos por sexo do candidato

	Frequência	Percentual	Percentual válido
O homem é mais competente	89	20.8	20.9
Mulher tão competente quanto o homem	218	51.0	51.4
A mulher é mais competente	97	22.7	22.8
NS/NR	20	4.6	4.7
NA's	3	0.7	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.8 Atividades desempenhadas pelas idosas

Nesta seção, veremos algumas tarefas exercidas pelas idosas e com qual frequência elas praticam ou saem para determinados lugares. As próximas perguntas têm o objetivo de apreender se as idosas apresentam uma vida “ativa”, ou seja, conseguem de forma independente resolver algumas atividades do dia a dia, bem como se locomover a locais religiosos, esportivos, de lazer, entre outros.

No capítulo seguinte, veremos que estas questões serão agrupadas na construção da variável “velhice ativa” e analisadas, por meio de regressão linear, sua possível relação com a variável “gosta” (gosta de votar).

5.2.8.1 Frequência a grupo religioso

O intuito desta questão, como foi dito, é ver qual a frequência com que as idosas comparecem a igrejas ou grupos religiosos. Sem surpresas, a maioria das idosas se anunciaram como católicas praticantes. Ou seja, 45, 19% comparecem a igreja ou reuniões no mínimo uma vez por semana.

5.2.8.2 Saídas para visitar amigos ou parentes

Percebemos que a maioria das idosas distribui-se em dois grupos antagônicos: as idosas que raramente saem de casa, e aquelas que visitam entes queridos regularmente.

Tabela 27 - Você sai para visitar amigos ou parentes?

	Frequência	Percentual
Não	123	28.8
Raramente	72	16.8
Uma vez por ano	16	3.7
Pelo menos a cada 6 meses	29	6.7
Pelo menos 1 vez por mês	77	18.0
Pelo menos 1 vez por semana	105	24.5
NS/NR	5	1.1
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.8.3 Pagamento de contas

Apesar de limitações físicas que são comuns nesta faixa etária, mais da metade das idosas, 57, 37% saem de casa e costumam pagar suas próprias contas.

Nesta questão, a pesquisa trouxe à tona uma realidade não vislumbrada por mim: parcela das idosas, 3,04%, afirmaram não sair de casa para pagar as contas, mas quitam as mesmas pela internet, através de aparelhos eletrônicos. Esta prática, foi verificada em idosas da classe média ou alta, portadoras de maior renda, escolaridade e de aparelhos celulares que possibilitam esta transação. Este fato demonstra também um perfil de idoso que está conectado e faz uso das novas tecnologias. As senhoras que responderam a opção “Não”, representam 32,78% e comentavam que outras pessoas da família realizavam o pagamento.

5.2.8.4 Atividade física

Novamente aqui verifica-se que as idosas se dividem em “ativas” e “inativas” em dois polos extremos. Existem aquelas que são muito ativas ou muito inativas. Quanto a prática de exercícios físicos, a resposta “Não” prevalece com 57,14%, ficando o “Sim, quase todo dia” em segundo lugar.

Tabela 28 - Você faz exercícios físicos?

	Frequência	Percentual
Não	244	57.1
Raramente	12	2.8
Uma vez por mês	1	0.2
Quinzenalmente	0	0
Uma vez por semana	35	8.1
Quase todo dia	131	30.6
NS/NR	4	0.9
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.8.5 Passeios e viagens

Houve uma falha na formulação desta pergunta, pois esta deveria ter sido desmembrada em duas: “Você costumar passear?” ou “Você costuma viajar?”. Apesar deste erro, a questão não perde totalmente seu valor analítico. Percebemos que há um “empate”, pois 48% das idosas disseram passear ou viajar na frequência que varia entre uma vez por ano a uma vez por semana. Ao passo que também 48% das senhoras afirmaram que praticam atividades de lazer “Não” ou “raramente”.

Deste modo, quanto ao número de atividades que as idosas executam de forma independente, sejam elas corriqueiras ou extraordinárias (quitar boletos, praticar exercícios físicos ou viajar), sem a intervenção de adultos, verifica-se que as idosas estudadas em Fortaleza dividem-

se entre muito ativas e muito inativas, sendo que a percentagem em cada um destes grupos, conforme observado nas tabelas de frequência, aproxima-se dos 50%.

5.2.8.6 Participação em associações

A pesquisa revela que 58% das idosas disseram não participar de associações. No entanto, o número das que estão engajadas foi mais alto que o esperado pela literatura, 33%. Destas que estão engajadas, a maioria, 69%, como podemos conferir na próxima tabela, participa de associações de caráter religioso.

Em segundo lugar, mas que representa somente 11%, estão as idosas que anunciaram estar filiadas a sindicatos ou associações profissionais. O percentual das idosas que seriam engajadas em associações de cunho político, social, esportivo e defesa do meio ambiente é inexpressivo. Contudo, 33% das idosas relataram que durante a juventude, participaram ativamente de eleições e partidos, exercendo a função de cabo eleitoral, especialmente aquelas que residiram no interior do Ceará. Podemos supor que o afastamento de associações pode ter sido ocasionado por fatores pessoais (casamento, gestação, cuidado dos filhos, trabalho, mudança de cidade, etc.), por problemas de saúde ou por desentendimentos com integrantes das organizações. Durante a aplicação dos questionários, algumas idosas que pertencem ao grupo “Hoje não, mas quando era jovem participou”, afirmaram que deixaram de trabalhar para candidatos, porque os mesmos não cumpriram os favores que prometeram ou não trouxeram benefícios para a comunidade local.

Tabela 29 - Qual tipo de associação você frequenta?

	Assoc. de moradores		Partido		Assoc. Esportiva		Meio Ambiente		Grupo religioso		Sindicato	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	3	2.01	2	1.34	5	3.35	2	1.34	104	69.79	17	11.40
Não	146	97.9	147	98.6	144	96.6	147	98.6	45	30.2	132	88.59
NA's	278	NA	278	NA	278	NA	278	NA	278	NA	278	NA
Total	427	100	427	100	427	100	427	100	427	100	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.9 A escolha dos candidatos

As tabelas seguintes pretendem captar quais fatores seriam os mais importantes no momento de escolher o candidato a prefeito. Percebe-se nos dados abaixo que o personalismo

ainda é o elemento mais relevante em relação a outros quesitos, tais como as propostas. Vemos, portanto, que 57% das idosas preferem analisar as qualidades pessoais do candidato.

Tabela 30 - O que é mais importante: propostas ou qualidades do candidato?

	Frequência	Percentual
Analisar as propostas do candidato	89	20.8
Analisar as qualidades e o caráter	245	57.3
Nem uma coisa e nem outra	33	7.7
As duas são importantes	27	6.3
NS/NR	33	7.7
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

As duas opções de resposta da Tabela Y são posicionamentos personalistas. Porém, a primeira frase demarcaria um tipo de personalismo mais brando, uma vez que as idosas tentam analisar as ações do candidato, a sua história pessoal e a sua vida pública. A segunda frase denota um personalismo mais forte por considerar a indicação direta na pessoa do candidato por conhecidos.

A grande maioria, 80%, das senhoras escolhem o prefeito baseando-se no seu histórico e nas suas ações em prol do bairro/cidade, ou seja, demonstram ter um personalismo menos clientelista. E somente 11% das idosas mencionaram que os parentes ou amigos determinam em quais candidatos estas devem votar. Era muito frequente, tanto nas idosas com baixa ou elevada instrução, responderem que elas têm autonomia ao escolherem os seus candidatos e que ninguém “fazia a cabeça” delas. Os filhos, netos, ou amigos pediam, geralmente, votos a elas, mas no dia da eleição, elas só votavam em quem elas realmente queriam.

Tabela 31 - Escolher prefeito: o que é mais importante?

	Frequência	Percentual
Escolher quem já fez algo de bom pelo povo	344	80.5
Votar em alguém indicado pela família ou amigos	47	11.0
Nem uma coisa nem outra	28	6.5
As duas são importantes	0	0
NS/NR	8	1.8
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

A próxima tabela enfatiza a valorização das ações e do histórico do candidato no momento da decisão do voto. Neste caso, as ações seriam mais importantes que o grau de instrução do candidato.

Tabela 32 – O que é mais importante: as ações ou o conhecimento do candidato?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Tenha feito várias ações para ajudar a comunidade, ou	279	65.3	65.4

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Seja formado, tenha conhecimentos	111	25.9	26.0
NS/NR	36	8.4	8.4
NA's	1	0.2	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.10 A não importância dos partidos políticos

Como podemos apreender na tabela X, o partido político não é o fator principal levado em consideração pelas idosas no momento da decisão do voto. 53% destas responderam que o partido não tem importância alguma ao escolherem seus representantes.

Para 29% das idosas o partido do candidato teria “muita importância”. Contudo, este dado não corresponde integralmente à realidade, pois durante a aplicação dos questionários, muitas idosas responderam que o partido seria importante, mas ao serem questionadas nas perguntas seguintes demonstravam que não sabiam o que significava o termo “partido político”.

Tabela 33 - O partido do candidato tem importância?

	Frequência	Percentual
Não tem importância	227	53.1
Tem pouca importância	43	10.0
Tem muita importância	126	29.5
NS/NR	31	7.2
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.11 (Des)confiança política, diferença geracional e de gênero

Conforme o esperado, segundo a literatura e pesquisas recentes, a resposta “Não confia” prevaleceu com o percentual de 66%. As idosas que disseram que “confiavam pouco ou em alguns”, justificaram sua resposta com o argumento de que alguns candidatos são bons e dignos de confiança, ou que confiavam nos candidatos em que elas votaram nas últimas eleições, ou que conheciam o trabalho deles de perto.

Tabela 34 - Você confia nos políticos?

	Frequência	Percentual
Confia	35	8.1
Confia pouco (ou em alguns)	89	20.8
Não confia	284	66.5
NS/NR	19	4.4
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Ao contrário do que eu suponha, o sexo do candidato não exerce uma influência determinante em quem as idosas confiam mais ou poderiam votar. Este dado corrobora com as

informações encontradas na seção 4.2.7, onde demonstrei que as idosas defendem a igualdade dos gêneros, considerando que ambos os sexos são competentes e aptos a exercer cargos públicos.

Tabela 35 - Você confia mais no candidato homem ou mulher?

	Frequência	Percentual
Confia mais no homem	124	29.0
Confia mais na mulher	83	19.4
Não confia em nenhum	46	10.7
O sexo do candidato não importa	163	38.1
NS/NR	11	2.5
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

As idosas tendem a confiar nos candidatos mais velhos, como demonstra a Tabela acima. A justificativa dada a esta resposta, enquanto os questionários eram aplicados, foi que as pessoas mais velhas possuem mais experiências de vida, maturidade e transmitem “segurança”.

Mesmo que os jovens tenham sido citados por somente 19% das idosas contatadas, estas responderam que os jovens poderiam ser melhores políticos, pois não se “contaminaram” ainda com a corrupção, assim como os candidatos mais velhos e mais experientes já foram. Estas idosas acreditam que os jovens são capazes e competentes e podem promover uma mudança positiva no país. Em relação a experiência no exercício de cargos públicos, 56% das idosas tendem a confiar mais no candidato que apresenta maior experiência política.

Tabela 36- Você confia mais em um candidato jovem ou mais velho?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Confia no mais jovem	81	18.9	19.0
Confia no mais velho	265	62.0	62.3
Não confia em nenhum	7	1.6	1.6
A idade não tem importância	63	14.7	14.8
NS/NR	9	2.1	2.1
NA's	2	0.4	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.12 Voto em candidatos “conhecidos”

As questões Q30 e Q31 visam entender em que medida conhecer o candidato é importante e o que as idosas entendem por “conhecer” os candidatos. Aproximadamente 60% das senhoras concebem ser importante votar em pessoas conhecidas. Os dados da Tabela abaixo reforçam a presença do personalismo no comportamento político das idosas estudadas ao apresentar que a resposta “conhecer pessoalmente” foi a mais assinalada. “Conhecer pela televisão” foi a segunda

alternativa mais escolhida, representando 25% das respostas, pois, de acordo com as falas espontâneas que as idosas proferiram na pesquisa quantitativa, seria muito difícil ver e ter um contato pessoal com alguns candidatos, portanto, conhecer os mesmos pela televisão já seria suficiente.

Tabela 37 - É importante conhecer o candidato de que forma?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Pessoalmente	88	20.6	33.0
Conhecido no bairro que mora	23	5.3	8.6
Conhecido da sua família ou amigos	44	10.3	16.5
Através da televisão	68	15.9	25.5
Através do jornal impresso	5	1.17	1.8
Através da internet	8	1.8	3.0
Outro	22	5.1	8.2
NS/NR	8	1.8	3.0
NA's	161	37.7	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.13 Avaliação do governo municipal, estadual e federal.

As questões que se seguem tratam da avaliação dos governos na esfera municipal, estadual e federal. Como vimos no capítulo referente ao Questionário, nestas perguntas não há a opção “regular” propositadamente para não permitir que as idosas adotem a postura “em cima do muro” e induzi-las a manifestar um posicionamento favorável ou não.

A gestão do prefeito de Fortaleza, até o momento da pesquisa (primeiro semestre de 2017) foi avaliada como positiva, sobretudo em relação aos investimentos e obras na infraestrutura urbana e no transporte público. Contudo, era recorrente as reclamações em relação à saúde. As idosas criticaram o estado precário dos hospitais, dos postos de saúde e da ausência de remédios.

Tabela 38 - Como está sendo a gestão do Prefeito de Fortaleza?

	Frequência	Percentual
Ótimo	32	7.4
Bom	186	43.5
Ruim	65	15.2
Péssimo	87	20.3
NS/NR	57	13.3
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Fato interessante é que, apesar de 38% das idosas considerarem a gestão do governador do Ceará Camilo Santana (PT) como “boa”, muitas delas não sabiam classificar a gestão deste, sendo que esta opção ficou em segundo lugar no número de respostas. Era frequente frases como: “Ninguém ouviu falar dele” e “Ninguém nem sabe o que ele faz”. Entre as idosas que classificaram

a gestão como positiva, estas alegaram que ele está se esforçando e que ainda mostrará mais “serviço”.

Tabela 39 - Como está sendo a gestão do Governador do Ceará?

	Frequência	Percentual
Ótimo	23	5.3
Bom	166	38.8
Ruim	57	13.3
Péssimo	46	10.7
NS/NR	135	31.6
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Verifica-se que a maioria das idosas consideram o Governo do atual presidente como ruim ou péssimo. Era comum as senhoras criticarem severamente o mesmo, xingarem e dizerem que ele estava “acabando com o país” ao tentar retirar direitos dos trabalhadores e com isso prejudicar os mais pobres.

Tabela 40 - Como está sendo o governo do Presidente Temer?

	Frequência	Percentual
Ótimo	6	1.4
Bom	44	10.3
Ruim	91	21.3
Péssimo	188	44.0
NS/NR	98	22.9
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.14 Avaliação sobre o impeachment da Ex-presidenta Dilma

As tabelas seguintes tratam de uma temática muito recente na época em que ocorreu a pesquisa quantitativa (fevereiro a junho de 2017), que foi o impeachment da ex-presidenta Dilma. Como já foi explicado, a palavras “impeachment” foi substituída por “afastamento” para que as idosas não tivessem dificuldades em compreender a pergunta, o que foi percebido nos pré-testes. Observa-se que 52% das idosas não concordaram com o impeachment da ex-presidenta. Parcela destas citaram que este acontecimento foi uma injustiça, que Dilma não merecia e que tiraram ela do governo “por ser mulher”.

Tabela 41 - Você concordou com o afastamento da Dilma?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Concorda	158	37.0	37.1
Não concorda	222	51.9	52.2
Concorda parcialmente	19	4.4	4.4
NS/NR	26	6.0	6.1

	Frequência	Percentual	Percentual válido
NA's	2	0.4	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Ao serem questionadas se Dilma cometeu algum crime, 58% das idosas acreditam que “Não”, 19% disseram que “Sim” e 21% não souberam responder. Seguindo a mesma linha de raciocínio, as idosas consideram que a Dilma fez um bom governo, por isso não mereceu ser “afastada”. 59% das senhoras avaliaram a gestão de Dilma como ótima ou boa, e 28% concebem seu governo como ruim ou péssimo.

5.2.15 Avaliação sobre o governo militar

Esta pergunta é de suma importância pois nos permite apreender como as idosas viram e experimentaram este fato marcante na história política do país no século XX, que foi a ditadura militar. Algumas eram crianças, outras adolescentes, o fato é que as lembranças e as percepções sobre este período não poderiam deixar de ser registradas nesta pesquisa.

A opção “Não lembra” foi a mais respondida alcançando o índice de 28%. Ao justificarem este posicionamento, parcela destas disseram ser muito jovens, ou residir no interior do Ceará, em cidades muito pequenas, ou não haverem percebido alterações concretas em suas vidas com as mudanças de regimes democrático – autoritário – democrático.

De acordo com os dados coletados durante a pesquisa qualitativa e quantitativa, é possível afirmar que para a maioria das idosas, a ditadura militar não trouxe alterações significativas no cotidiano, nas relações interpessoais e no contexto social em que elas estavam inseridas. As idosas com maior escolaridade manifestaram-se contrárias e criticaram enfaticamente o regime por impedir a liberdade de expressão. Já as senhoras com menor escolaridade demonstraram ter menos lembrança ou desconhecimento da existência deste período na história do Brasil.

As idosas que avaliaram de forma positiva o governo militar, com 25%, relataram, ao responderem o questionário, que neste período havia mais segurança e menos criminalidade no Brasil. Em suma, por manter a “ordem” e por haver menos corrupção em relação ao momento presente, o regime teria sido “bom”.

Tabela 42 - Como foi o governo militar no Brasil?

	Frequência	Percentual
Ótimo	36	8.4
Bom	107	25.0
Ruim	40	9.36

	Frequência	Percentual
Péssimo	61	14.2
Não lembra	120	28.1
Não sabe que existiu um governo militar	26	6.0
NR	37	8.6
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.16 Posturas autoritárias ou democráticas?

As questões Q42A, Q42B, Q43 e Q44 avaliam se as idosas estavam mais inclinadas a apoiar regimes democráticos ou ditatoriais e verificar, caso existisse, qual a intensidade das tendências autoritárias ou democráticas. Analisaremos aqui as tabelas das questões Q43 e Q44 por serem mais representativas.

As idosas, majoritariamente, relataram que a democracia seria um regime melhor pois há liberdade de expressão, direito a voto e possibilita a participação dos cidadãos. Algumas senhoras mencionaram que durante a ditadura havia torturas e por isto, esta seria ruim. Outras, não compreendiam o significado de democracia e, portanto, não entendiam os enunciados da questão.

Aqui verifica-se um paradoxo, pois se na tabela anterior (questão Q41) as idosas, em sua maioria, consideraram o regime militar como “bom” (por haver menos violência e “roubalheira”), no entanto, as senhoras contatadas ainda preferem a democracia como a melhor forma de governo (por garantir a liberdade), apesar dos escândalos de corrupção, que poderiam reduzir a aprovação ao regime democrático.

Tabela 42 - Com qual frase você mais concorda?

	Frequência	Percentual
Tanto faz um governo democrático ou não democrático	15	3.5
A democracia é melhor que outras formas de formas	184	43.0
Em algumas circunstâncias um governo autoritário pode ser melhor	74	17.3
Não sabe	140	32.7
NR	14	3.2
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

A pergunta subsequente somente foi lida para as senhoras que compreendiam o termo “democracia”. Mais da metade destas, afirmaram que a democracia brasileira está sim em pleno funcionamento, contudo precisa superar muitos desafios.

Tabela 43 - Que grau de democracia existe hoje no Brasil?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Uma democracia completa	19	4.4	6.6
Democracia com pequenos problemas	39	9.1	13.7
Democracia com grandes problemas	148	34.6	52.1
Não é uma democracia	41	9.6	14.4
Não sabe	29	6.7	10.2
NR	8	1.8	2.8
NA's	143	33.4	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.17 Voto futuro

Nesta seção avaliaremos se as senhoras estão dispostas a comparecer nas próximas eleições. Para fins analíticos, veremos as respostas dividindo as idosas em duas faixas etárias: de 60 a 70 anos e acima de 70 anos.

As idosas mais jovens, em sua maioria, disseram que pretendem votar, pois estarão contribuindo para que o Brasil melhore e porque votar é uma atitude cidadã.

Tabela 44 - [Se menos de 70 anos] Você votará nas próximas eleições?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Sim	129	30.2	56.5
Não	46	10.7	20.1
Talvez	22	5.1	9.6
NS/NR	31	7.2	13.5
NA's	199	46.6	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Contudo, há quase um empate entre as opções “pretende votar” ou “não irá votar” nas respostas das idosas que possuem idade mais avançada, cuja participação eleitoral é facultativa. Aquelas que responderam “Sim” comentaram que desejam contribuir, com o seu voto, na construção de uma país melhor para as novas gerações. No entanto, os problemas de saúde, a decepção com a política ou a não-obrigatoriedade em votar foram as principais razões mencionadas entre as que escolheram a opção “Não”.

Tabela 45 - [Se mais de 70 anos] Você votará nas próximas eleições?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Sim	92	21.5	45.3
Não	88	20.6	43.3
Talvez	17	3.9	8.3
NS/NR	6	1.4	2.9
NA's	224	52.4	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.18 Voto emocional ou estratégico?

Observando esta questão isoladamente, podemos inferir que os cálculos estratégicos não são o principal fator considerado pelas idosas na hora de escolher o seu voto, mas, predominantemente, elas observam o caráter, as ações e o trabalho desempenhado pelo seu candidato favorito. Era comum os seguintes discursos durante a aplicação dos questionários: “Voto em quem faz alguma coisa boa pelo povo”, “Voto em quem eu quero, mesmo que não ganhe”.

Tabela 46 - Com qual frase você mais concorda?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Voto no meu candidato mesmo com poucas chances dele se eleger	333	77.9	78.5
Só voto no candidato que está em 1º ou 2º lugar nas pesquisas	54	12.6	12.7
NS/NR	37	8.6	8.7
NA's	3	0.7	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.19 Política e religião

As idosas, como vimos, são majoritariamente católicas. Praticamente houve um empate entre as senhoras que consideram como algo benéfico o candidato demonstrar ser religioso, e entre as idosas que já não avaliam este fator como relevante, no momento de escolherem seus candidatos, algumas até repugnam aqueles que se utilizam desse discurso religioso. No entanto, a opção “ajuda” foi ligeiramente maior, o que demonstra que o apelo a valores religiosos pode sim produzir um efeito positivo em parcela das idosas e conquistar o voto destas.

As senhoras que responderam o item “Ajuda” relataram: “ajuda, se for de verdade”, ou seja, se a postura religiosa não fosse apenas uma aparência. Já as senhoras que discordaram, alegaram que os candidatos usariam o nome de Deus somente para transmitirem, falsamente, a imagem de pessoas bem intencionadas, mas poderiam ser realmente indivíduos desonestos e iriam enganar a população.

Tabela 47 - Se o candidato for religioso, isso ajuda a conquistar o seu voto?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Ajuda	212	49.6	49.8
Não ajuda	196	45.9	46.1
NS/NR	17	3.9	4.0
NA's	2	0.46	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.20 Informação sobre política

Praticamente a metade da amostra, contabilizando 48% das idosas, manifestaram *não* buscar informações sobre a política. 37% das senhoras buscam informações em um intervalo que varia entre quase todo dia a, pelo menos, uma vez por mês. 12,91% destas relataram que se informam sobre política raramente. A televisão é o veículo favorito na busca destas informações, seguido de jornais ou revistas e o acesso a páginas na internet.

Durante a aplicação dos questionários, algumas senhoras de classe alta ou com maior escolaridade, disseram que não confiavam nas informações veiculadas pela televisão, pois seriam manipuladas, e por isso, preferiam ler notícias pela internet.

Tabela 48 - Através de qual meio você busca informações sobre a política?

	Televisão		Rádio		Parentes/ Amigos		Jornal/ revistas		Internet/ Redes sociais	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Não	48	20.6	224	96.96	207	89.61	197	85.65	199	85.77
Sim	185	79.39	7	3.03	24	10.38	33	14.34	33	14.22
NA	194	NA	196	NA	196	NA	197	NA	195	NA
Total	427	100	427	100	427	100	427	100	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.2.21 Eleições presidenciais envolvem mais que as municipais

O envolvimento emocional nas eleições presidenciais ainda é maior que nos pleitos municipais, alcançando 35,12% das respostas. Em segundo lugar, 29% das senhoras se motivam mais nas eleições para prefeito. 17, 33% das idosas avaliam que “todas são iguais”. 16, 15% manifestaram não se envolver em nenhuma das duas.

5.2.22 Voto e troca de favores

A grande maioria, somando 94,13% das idosas contatadas, disseram não trocar seu voto por favores pessoais, emprego, serviços de saúde, presentes ou dinheiro. Neste sentido, elas demonstram não estar abertas a propostas clientelistas. Somente 5,39% da amostra estaria disposta a trocar o seu voto.

5.2.23 Propostas direcionadas a população idosa

A maioria das senhoras contatadas, totalizando 78,68%, não viu ou tomou conhecimento de que algum candidato tenha feito propostas voltadas aos idosos. Fato este, demonstra que esta parcela crescente da sociedade e do eleitorado brasileiro, não tem, pelo menos aparentemente, ocupado um lugar de destaque nas propostas e nos debates daqueles que visam ocupar cargos públicos.

5.2.24 Voto e sentir-se útil

Verifica-se que as idosas podem se sentir úteis quando comparecem aos pleitos, em outras palavras, elas sentem que estão contribuindo para uma mudança positiva da sociedade através do voto. Quando questionadas: "*Quando eu voto, eu me sinto útil para a sociedade. Você concorda ou discorda?*", 46, 35% disseram que "concorda" e 28, 94% "concordaram fortemente". Somente 14% das senhoras discordaram desta afirmação.

5.2.25 A corrupção é o maior problema do Brasil

Ao serem questionadas (Q64) sobre qual seria o maior problema da nação, a maioria das idosas afirmou ser a corrupção, contabilizando 26,4% das respostas. A segurança, a saúde e o desemprego também foram bastante citados. A opção "Outro" representa diversas categorias, tais como tráfico de drogas, pobreza, impunidade, crise na economia, desigualdade social, educação e meio ambiente.

Tabela 49 – Qual é o problema mais grave que o país está enfrentando?

	Frequência	Percentual
Corrupção	113	26,4
Segurança	75	17,5
Saúde	62	14,5
Desemprego	62	14,5
Os políticos	12	2,8
Outro problema	103	24,1
Total	427	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

5.3 Avaliação sobre a velhice

As questões Q66, Q67, Q68 e Q69A têm a finalidade de compreender como as idosas enxergam a sua velhice e a dos demais, se a percebem como uma fase da vida positiva, onde se é possível ter uma rotina ativa, ou se consideram este momento da vida ruim, marcado por doenças e

limitações. Os dados destas questões serão analisados juntamente com a variável “gostar de votar” para verificar se há alguma relação entre a forma como as senhoras encaram a velhice e a satisfação em votar.

A Q66 questiona se as pessoas respeitam o idoso. As idosas não se sentem respeitadas pela maioria da população. Enquanto os questionários eram lidos, as senhoras comentavam, geralmente “Tem discriminação sim. Já senti na pele. Nem todos respeitam”; “Minha família me respeita, mas nem a de todos é assim”. 55,73% das senhoras disseram “Não respeitam” e 35,36 afirmaram que somente algumas pessoas respeitam ou respeitam pouco.

A Organização Mundial da Saúde³³ alerta que um em cada seis idosos é vítima de alguma forma de violência, seja ela física, psicológica, abandono ou sexual. A Ouvidoria Nacional do Ministério dos Direitos Humanos, possui um veículo para denúncias, o “Disque 100”. Segundo dados³⁴ divulgados pelo Ministério, os principais casos de violência ao idoso no Brasil são cometidos contra mulheres, por seus filhos ou pessoas que residem na mesma casa. Em 2017, foram registradas 68,870 violações, sendo que a maioria dos casos é por negligência.

No Brasil, a pessoa idosa tem seus direitos garantidos por lei (Estatuto do Idoso, Política Nacional do Idoso, entre outras), mas tal legislação precisa ser colocada em prática, necessita “sair do papel” e de aperfeiçoamento.

A questão Q67 visa apreender como a idosa classifica a velhice. Na tabela abaixo, vemos que 69% das senhoras avaliam como ótima ou boa. Estas senhoras comentaram que o lado bom da velhice é o ter tempo livre para si, para executar atividades que antes não realizavam por causa do trabalho ou do cuidado com os filhos. A velhice é boa, porque se possui mais sabedoria, maturidade e tempo para saborear os pequenos prazeres da vida, tais como beber café e conversar com os amigos, sem precisar se preocupar com relógio, sem a vida “corrida” dos jovens. Para 24% das senhoras que responderam que a velhice é ruim ou péssima, elas argumentaram que o declínio das capacidades físicas do corpo, bem como o surgimento de diversas doenças, tornam esta fase da vida ruim. Algumas idosas disseram que perderam a sua liberdade de ir e vir, pois seus filhos ou netos impedem que as mesmas saiam de casa e não deixam elas “fazer quase nada sozinhas”. Portanto, o corpo enfraquecido, somado ao excesso de cuidado da família, segundo as idosas, não permite que elas desenvolvam diversas tarefas e frequentem determinados lugares.

Tabela 50 - A velhice é uma fase da vida ótima, boa, ruim ou péssima?

³³Informação disponibilizada em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/um-em-cada-6-idosos-sofre-algum-tipo-de-violencia-alerta-oms>. Acesso em: 24 maio. 2018.

³⁴Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-04/disque-100-registra-142-mil-denuncias-de-violacoes-em-2017>. Acesso em: 24 maio. 2018.

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Ótima	102	23.8	23.9
Boa	204	47.7	47.8
Ruim	57	13.3	13.3
Péssima	47	11.0	11.0
NS/NR	16	3.7	3.7
NA's	1	0.2	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Quanto às atividades que podem ser desenvolvidas nesta faixa etária, 79% das idosas acreditam que a pessoa idosa pode permanecer ativa. Similarmente, as senhoras consideram que também é possível ser feliz na velhice.

Em suma, observa-se que os posicionamentos da maioria das idosas foram positivos em relação a velhice. Apesar das limitações físicas, estas consideram que a velhice é boa, com a chegada dos netos, com o aumento da sabedoria e de tempo livre para se praticar o que realmente gostam.

Tabela 51 - Com qual frase você mais concorda?

	Frequência	Percentual	Percentual válido
É possível ser feliz na velhice	373	87.3	87.7
É somente na juventude que experimentamos a felicidade	42	9.8	9.8
NS/NR	10	2.3	2.3
NA's	2	0.4	NA
Total	427	100	100

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

As informações apresentadas nestas tabelas de frequência demonstraram, baseando-se na quantidade numérica de respostas, indícios dos comportamentos e pensamentos predominantes das idosas acerca da política. Estes precisam ser analisados em profundidade através da análise de regressão, em perspectiva relacional com outras variáveis, para se examinar quais elementos caracterizam realmente, e não apenas superficialmente, o comportamento político das idosas e apreender se elas de fato gostam de votar, e caso a resposta seja afirmativa, quais fatores condicionariam este fenômeno.

A seguir, examinemos quais variáveis foram utilizadas na análise dos dados, como elas foram construídas e quais efeitos elas estabeleceram positiva ou negativamente entre si, o que tornou possível responder os objetivos e os questionamentos desta pesquisa.

6 RESULTADOS – VARIÁVEIS E REGRESSÕES

6.1 Apresentando as variáveis

Observamos que o questionário aplicado para esta pesquisa foi extenso e investiga o efeito de diversas variáveis do comportamento eleitoral das idosas, tais como identificação partidária, engajamento em associações, as preferências das idosas ao escolherem seus candidatos, o apoio a democracia ou a ditadura, entre outras questões.

Contudo, devido os limites de tempo que o Mestrado impõe, não analisarei neste trabalho todas as atitudes e inclinações políticas das mulheres idosas que foram contatadas, e que estão armazenadas no banco de dados. Na análise dos dados, para este trabalho, focarei em investigar se as idosas “gostam de votar” e quais fatores explicam este comportamento.

Os dados quantitativos foram manipulados, como já mencionei, no programa R. A questão Q9 que aborda o tema “Gosta de votar” será a variável dependente, ou seja, será aquela que desejo compreender e conhecer suas possíveis causas. As questões socioeconômicas relacionadas a sexo, idade, e escolaridade serão as variáveis de controle³⁵, e estiveram presentes na maioria das regressões produzidas. As outras perguntas do questionário (que avaliam se o dia da eleição é alegre ou chato, se o voto é um ato importante ou não, se as idosas pretendem votar no futuro, etc.) são consideradas variáveis independentes, que foram testadas com “gostar de votar” e com as variáveis de controle. Estes cruzamentos forneceram informações relevantes sobre o comportamento político das idosas, bem como confirmaram parcialmente as minhas hipóteses.

A variável “gosta” foi construída mediante a questão Q9, somente com as respostas positivas, isto é, foram incluídas apenas as idosas que responderam “Sim”. A variável dia alegre, similarmente, foi formulada com a questão Q7, com as respostas afirmativas.

A idade transformou-se na variável independente *maior70*, com o objetivo de perceber se há alteração no comportamento político das idosas acima de 70 anos, e como sabemos, é uma eleitora diferenciada, pois seu voto é facultativo.

Outras variáveis com viés político foram incluídas, tais como informação sobre política (infpol), confiança política (confpol), identificação partidária (partido sim) com a finalidade de entender o posicionamento das idosas em cada um destes aspectos.

³⁵ Para entender com mais profundidade o que são as variáveis dependentes, independentes, e de controle, bem como conhecer o método para formular análises de regressão, conferir em Cervi (2017).

A categoria “Votar é importante” é representada pela variável votoimp, e foi elaborada a partir da questão Q10, por quem respondeu positivamente a mesma.

A questão Q63 também é analisada nas regressões, onde foi criada a variável sente útil, significando as idosas que se sentem úteis quando votam. Esta variável foi composta por quem respondeu “Concorda” ou “concorda fortemente” a esta questão.

Acrescentei também na análise uma segunda variável dependente chamada “democracia”, com o objetivo de compreender se as idosas apresentam um posicionamento favorável ou não ao regime democrático. Porém, a variável dependente “gosta” continua sendo a que norteia esta pesquisa.

Explicando os gráficos que serão expostos abaixo, o que indica que há uma relação positiva entre as variáveis é a altura das colunas. Quanto maior for a coluna, maior a relação entre as variáveis apresentadas. A largura indica somente a quantidade de respostas dadas para esta questão e a cor funciona apenas para individualizar cada variável e facilitar a compreensão do gráfico. Portanto, a largura e a cor das colunas não devem ser consideradas pelo leitor, mas somente a altura das mesmas.

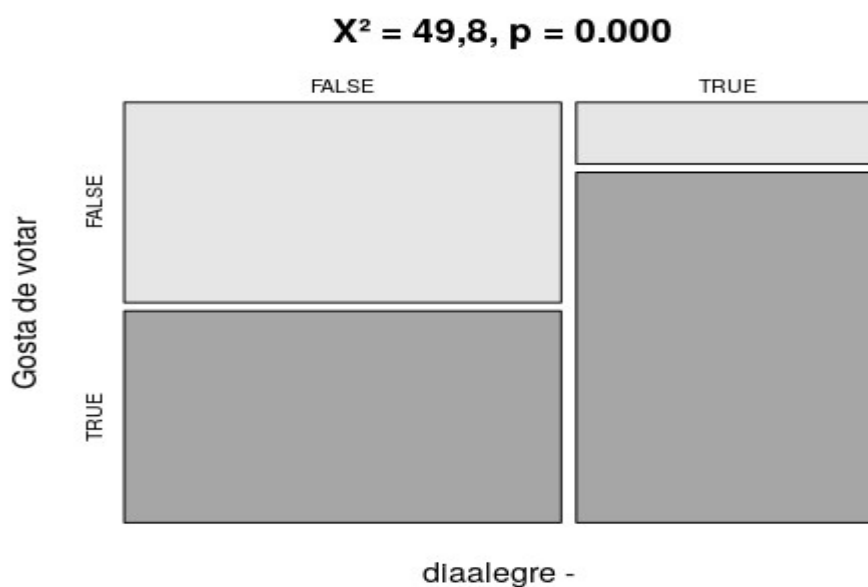
Contudo, a altura das colunas não pode ser considerada 100% confiável. O que indica efetivamente que há relação entre a variável dependente “Gosta de votar” com as demais variáveis independentes é a estatística “p”, que surgirá em todos os gráficos e nas regressões que serão apresentadas. Se a este indicador for menor que 0,05 ($p < 0,05$), então, haverá uma relação significativa entre as variáveis que foram testadas. Porém, se a estatística p for maior que 0,05 ($p > 0,05$), os cruzamentos feitos não serão significativos, e portanto, não apresentam impacto sobre a variável gostar de votar.

6.2 Cruzamentos das variáveis: “Gosta de votar” como variável dependente.

6.2.1 Gostar de votar e dia alegre

O gráfico abaixo demonstra que há uma relação positiva entre as idosas que gostam de votar e consideram este dia como alegre. Como vimos no capítulo anterior, as idosas concebem o dia da eleição como alegre, pois acreditam no progresso do Brasil, votam em seus candidatos preferidos e também porque o dia da eleição promove encontros com amigos e familiares. Neste sentido, minha hipótese foi confirmada, onde o dia da eleição também é sentido pelas idosas como um dia de lazer, porém, os dados nos mostram que além deste motivo, há outros relacionados como o futuro do país ou eleger um determinado candidato.

Figura 2 – Relação gostar de votar e dia alegre

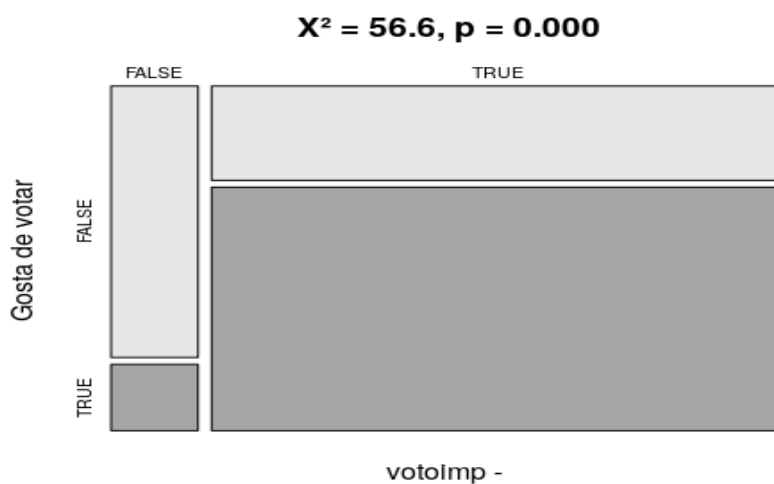


Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

6.2.2 Gostar de votar e voto importante

Vemos que as idosas que gostam de votar também concebem que o ato de votar é importante e acreditam que podem promover uma mudança positiva no país através da escolha de novos representantes.

Figura 3 – Relação gostar de votar e voto é importante

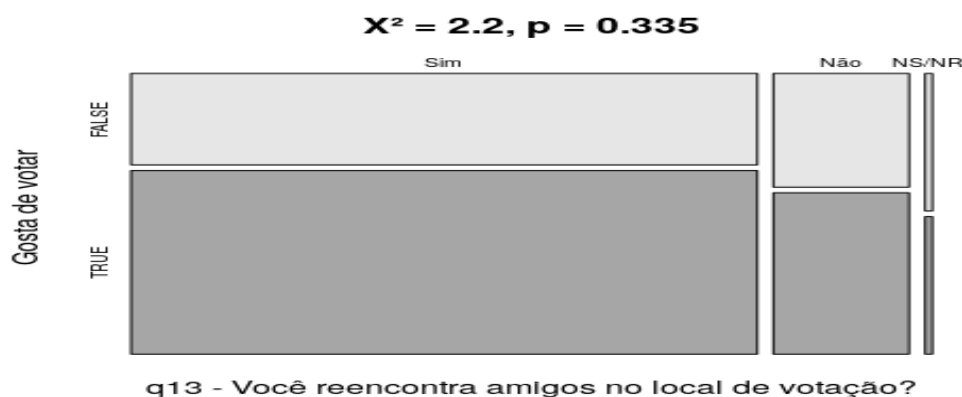


Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

6.2.3 Gostar de votar e reencontrar amigos

Observa-se que não há uma relação positiva entre encontrar amigos no local de votação e gostar de votar. A estatística p foi maior que 0,05, portanto, não é significativo.

Figura 4 – Relação gostar de votar e reencontrar amigos

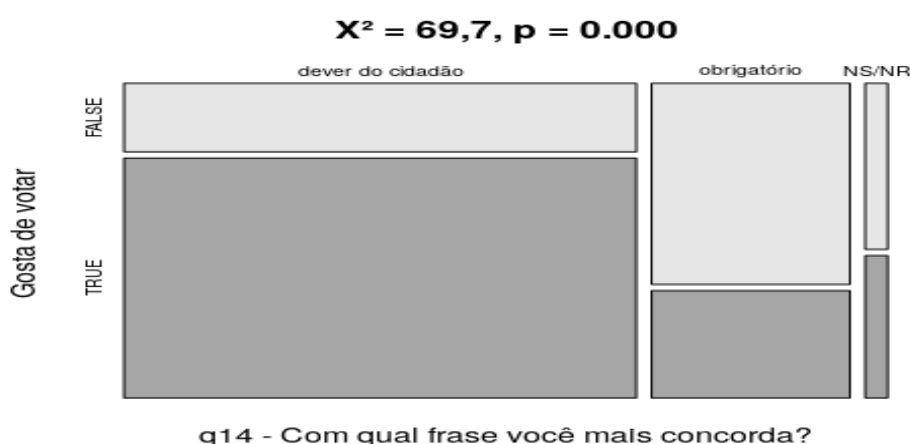


Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

6.2.4 Gostar de votar e voto é dever do cidadão

As idosas que gostam de votar também enxergam esta ação como um dever do cidadão, bem como, porque irão eleger novos governantes para o Brasil.

Figura 5 – Relação gostar de votar e voto como dever

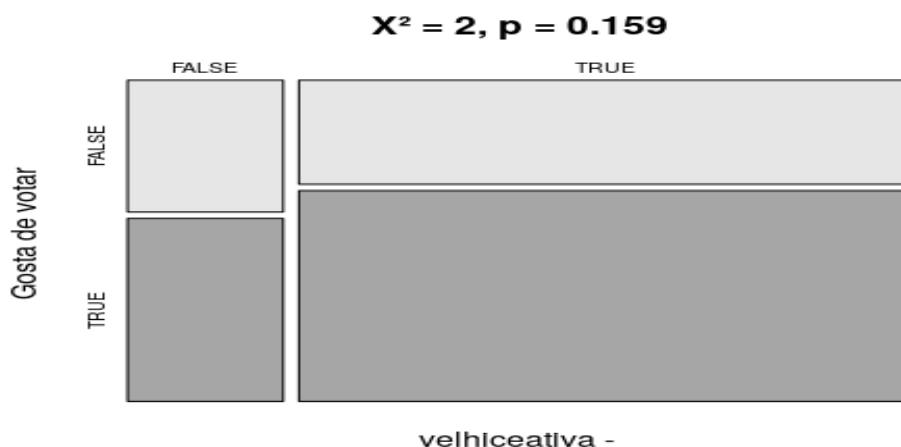


Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

6.2.5 Gostar de votar e uma rotina ativa

As idosas que levam uma vida mais ativa, ou seja, que apresentem o costume de visitar entes queridos, realizar exercícios físicos, participar de reuniões em igrejas ou associações, entre outras atividades, são as que tendem a gostar de votar.

Figura 6 – Relação gostar de votar e rotina ativa



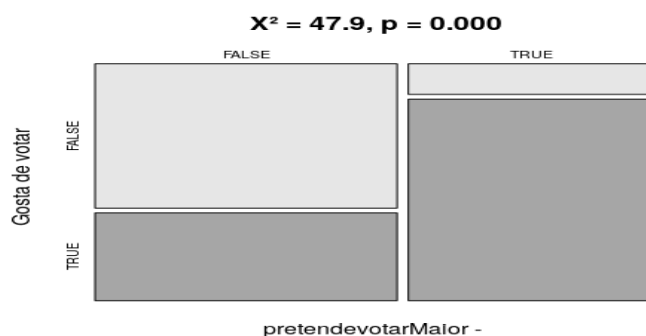
Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

Uma das minhas hipóteses seria que as idosas gostariam de votar por estarem mais inseridas na esfera doméstica. Como elas sairiam pouco de suas residências, supostamente valorizariam mais a mudança de rotina e agregariam o sentido de lazer ao voto. No entanto, as idosas que já possuem uma rotina bastante ativa, no exterior de suas residências, são as que realmente gostam de comparecer aos pleitos.

6.2.6 Gostar de votar e voto futuro

As idosas acima de 70 anos que desejam continuar votando nas próximas eleições são aquelas que gostam de votar. Contudo, as idosas acima desta faixa etária, como observaremos mais adiante, são as que tendem majoritariamente a *não* gostar de votar.

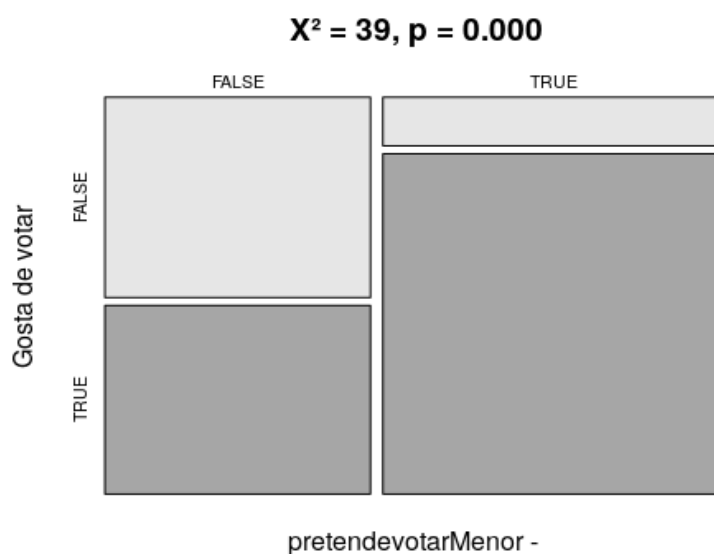
Figura 7– Relação gostar de votar e intenção de votar



Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

Similarmente, com as idosas abaixo de 70 anos, aquelas que gostam de votar apresentam continuar exercendo esta atividade.

Figura 8 – Relação gostar de votar e intenção de votar

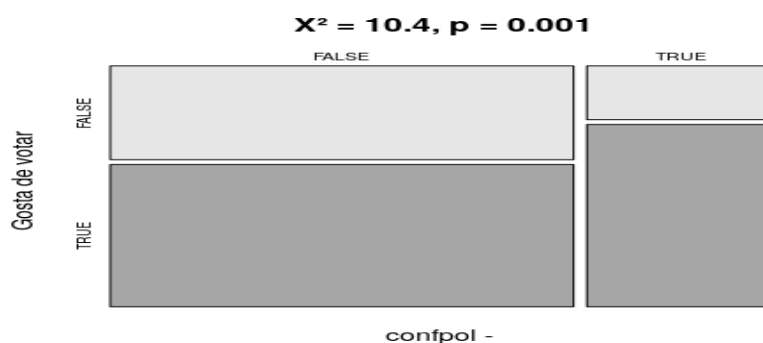


Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

6.2.7 Gostar de votar e confiança política

As idosas que gostam de votar apresentam um índice mais elevado de confiança política, apesar de prevalecer na sociedade o sentimento de descontentamento com a política.

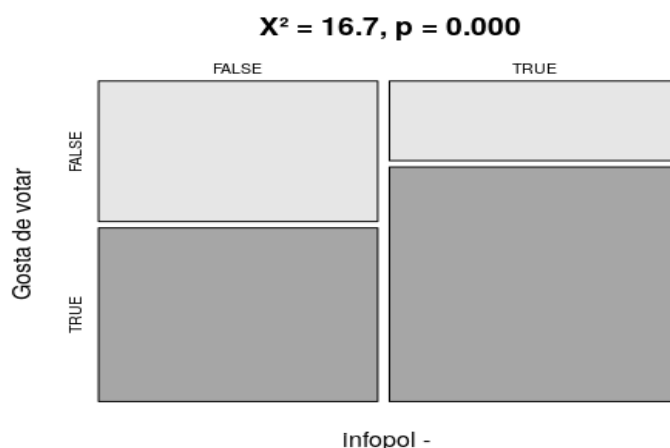
Figura 9– Relação gostar de votar e confiança política



Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

6.2.8 Gostar de votar e informação sobre política

Figura 10– Relação gostar de votar e informação política

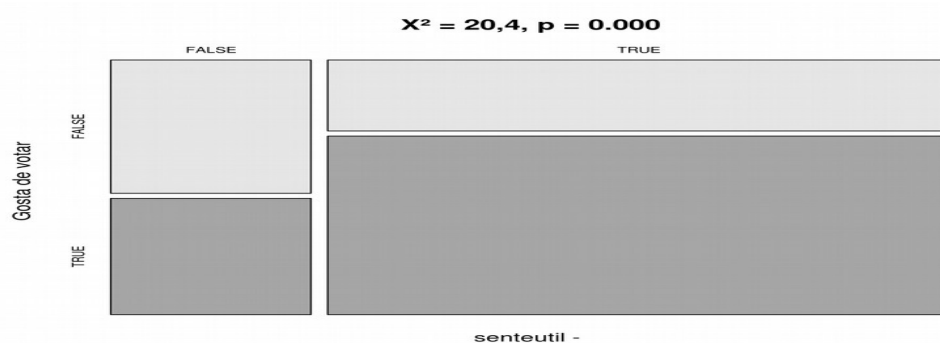


Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

Quem busca mais informações sobre a política tende a gostar mais de votar. Este dado reforça o sentimento de dever cívico. Como estas senhoras possuem maior informação, elas enxergam o voto como uma atitude cidadã, que contribui para o futuro do Brasil.

6.2.9 Gostar de votar e sentir-se útil

Figura 11– Relação gostar de votar e sentir-se útil



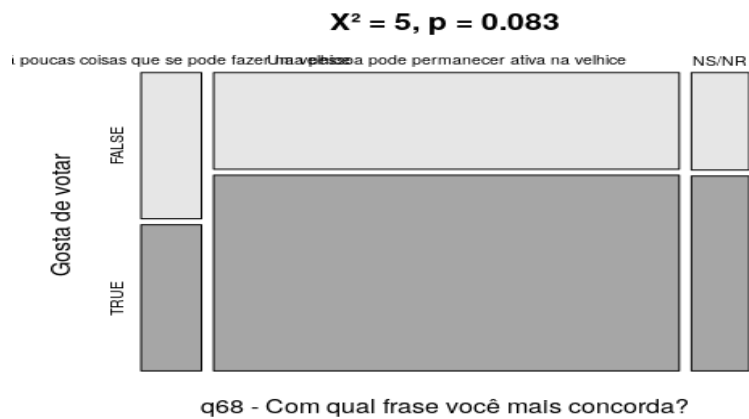
Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

As idosas que gostam de votar se sentem úteis socialmente quando votam, ou seja, que acreditam que estão contribuindo para o bem-estar social e para o futuro das novas gerações.

6.2.10 Gostar de votar e avaliação sobre a velhice

Percebe-se que não há uma relação entre as idosas que consideram a velhice como uma fase positiva da vida e gostar de votar. Apesar delas apresentarem uma visão positiva e otimista em relação à velhice, esta atitude não produz efeito sobre “gostar de votar”.

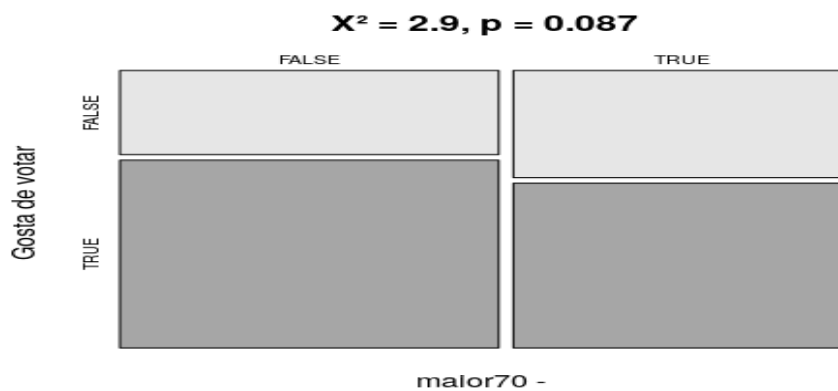
Figura 12– Relação gostar de votar e avaliação sobre a velhice



Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

6.2.11 Relacionando Gostar de votar com idade, renda e escolaridade:

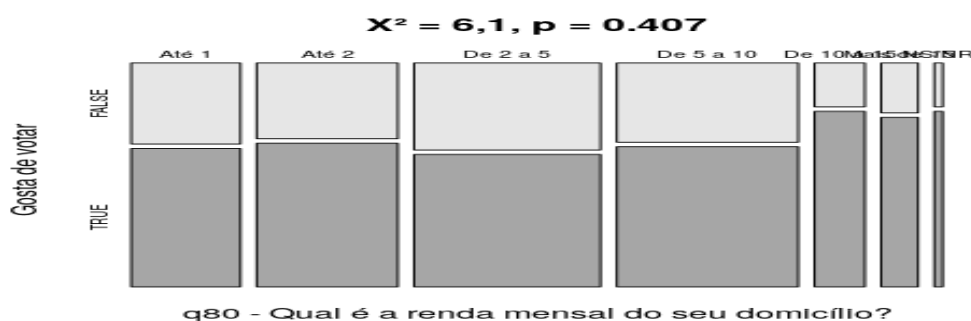
Figura 13– Relação gostar de votar e idade



Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

As idosas com mais de 70 anos, tendem ligeiramente a gostar menos de votar, porém a estatística p demonstra que esta relação não é estatisticamente significativa.

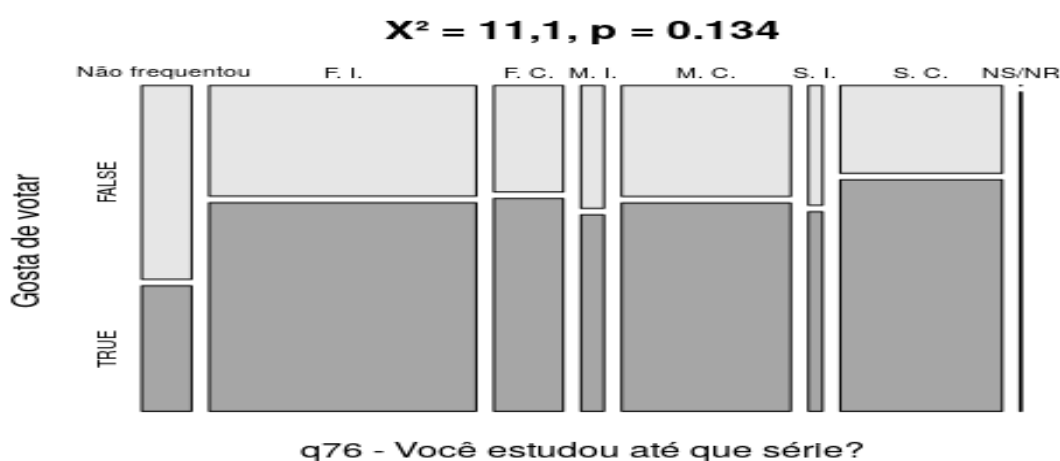
Figura 14– Relação gostar de votar e renda



Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

Observando o gráfico, percebe-se uma tendência das idosas com maior renda e possuem maior satisfação em comparecer aos pleitos. Contudo, esta relação não chega a ser significativa ($p > 0,05$). Deste modo, renda não afeta a variável “gostar de votar”.

Figura 15– Relação gostar de votar e escolaridade



Fonte: Gráfico elaborado a partir de informações coletadas pela autora.

Aqui abreviamos os termos que indicam os níveis de escolaridade. São eles, respectivamente: Fundamental incompleto, Fundamental completo, Médio incompleto, Médio completo, Superior incompleto e Superior completo.

Embora não seja significativo, percebe-se que as idosas que possuem mais anos de estudo, ou seja maior escolaridade, tendem a gostar de votar. Geralmente, maior renda e maior instrução caminham lado a lado. Provavelmente, se a variável “escolaridade” tivesse sido construída de outra forma, somente considerando as respostas Frequentou ou Não frequentou a escola, a relação entre escolaridade e gostar de votar seria relevante.

Em suma, os dados apresentados pelos gráficos indicam a relação de algumas variáveis, com a atitude de “gostar de votar”. Porém, será por meio das análises de regressão que se poderá comprovar concretamente o que influencia ou interfere nesta variável.

Na próxima seção, veremos através das análises de regressão, as relações entre as diversas variáveis independentes com a variável dependente “gosta de votar”. Observaremos também, se as relações permanecem as mesmas dividindo o banco de dados entre as idosas com idade inferior e superior a 70 anos.

6.3 Regressões

Até aqui vimos as possíveis relações entre variáveis de ordem subjetiva (dia alegre, visitar pessoas, reencontrar amigos e avaliação sobre a velhice) e variáveis políticas (voto é dever do cidadão, voto é importante, confiança política, informação sobre política, etc.) com a variável dependente Gosta de votar.

Contudo, tais informações podem conter erros e devem ser testadas por meio de análises de regressão. A regressão consiste em um experimento, onde o pesquisador pode testar diversas variáveis independentes ao mesmo tempo, com o intuito de explicar o funcionamento ou entender fatores que influenciam a variável dependente. Os dois principais modelos de regressão são a linear³⁶ e a logística. Nesta investigação, usei a regressão logística pois a variável *gosta de votar* é binária, ou seja, as respostas possíveis da pergunta Q9 foram “Não” ou “Sim”, podendo ser substituídas por 0 ou 1, na análise de regressão.

Para fins didáticos, inicialmente, analisaremos a regressão usando inteiramente o banco de dados, onde incluí todas as idosas que participaram da pesquisa quantitativa, sejam elas com faixa etária inferior ou superior a 70 anos.

É necessário pois, explicar como a variável pretende votar foi formulada nas três regressões que apresento a seguir. A variável pretende votar, na primeira regressão, considera as idosas de todas as faixas etárias, na segunda regressão, a variável pretende votar MENOR inclui somente as idosas com menos de 70 anos, e finalmente, a variável pretende votar MAIOR, na última regressão, agrega na análise apenas as senhoras acima de 70 anos.

As variáveis que apresentarem o símbolo do asterisco no lado direito são aquelas que possuem efeito significativo sobre a variável gostar de votar. Quanto mais asteriscos houver, maior

³⁶ Na regressão linear, a variável dependente é formulada mediante a construção de índices, tais como 0 a 5, por exemplo. As respostas de uma questão, ou o somatório de questões que compuseram a variável, podem ser categorizadas numericamente.

é a relevância da variável para explicar o que leva a idosa a gostar de votar. A estatística p (p deve ser menor que 0,05), igualmente, deve ser considerada para avaliar a relação entre as variáveis testadas em cada regressão.

Regressão 1 - Com todas as entrevistadas

Modelo de regressão logística. Variável dependente Gosta de votar.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	12,44369	1667,71690	0,007	0,99405
diaalegreTRUE	1,67709	0,71019	2,361	0,01820 *
amigosvTRUE	0,31573	0,66862	0,472	0,63678
visitas	0,03699	0,47913	0,077	0,93846
maior70TRUE	0,05062	0,56370	0,090	0,92844
pretendevotarTRUE	-13,85350	1667,71625	-0,008	0,99337
senteutilTRUE	0,34605	0,70805	0,489	0,62502
idosaativa	-0,08447	0,09229	-0,915	0,36004
velhicepositiva	0,22764	0,37910	0,600	0,54820
votoédeverTRUE	1,35339	0,58653	2,307	0,02103 *
votoimpTRUE	2,04389	0,76669	2,666	0,00768 **
democracia	0,21436	0,24487	0,875	0,38136
partidosimTRUE	1,06992	0,75825	1,411	0,15823
confiapolTRUE	0,91006	0,74364	1,224	0,22103
infopolTRUE	0,14469	0,65022	0,223	0,82390
escola	-0,30340	0,22616	-1,341	0,17976
renda	0,14538	0,29085	0,500	0,61719

Signif. codes: 0 '***' 0,001 '**' 0,01 '*' 0,05 '.' 0,1 ' ' 1

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

Englobando todas as senhoras integrantes da pesquisa, há efeito positivo direto na variável gostar de votar, na percepção do dia da eleição como alegre, e de considerar o voto importante e um dever do cidadão.

Os gráficos acima expostos apresentaram o efeito positivo de mais variáveis, tais como: encontrar amigos na seção eleitoral, maior renda e escolaridade, pretender votar nas próximas eleições, maior confiança política, maior informação sobre política, o fato da idosa ter uma vida ativa, avaliar a velhice de forma positiva e sentir-se útil para a sociedade quando votam. No entanto, tais afirmações foram rebatidas pela análise de regressão. Portanto, o que efetivamente produz efeito sobre a variável gostar de votar são as variáveis independentes: dia alegre, voto é dever do cidadão e voto é importante.

Em seguida, apresentarei as regressões dividindo as idosas por faixa etária para compararmos se há alguma diferença no posicionamento político das idosas abaixo ou acima de 70

anos, bem como perceber quais seriam as motivações para ambos os subgrupos etários “gostar de votar”.

Regressão 2 - Somente com as idosas menores de 70 anos

Modelo de regressão logística. Variável dependente Gosta de votar.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	1,20095	5,01554	0,239	0,810760
diaalegreTRUE	2,27693	0,64727	3,518	0,000435 ***
amigosvTRUE	-0,16781	0,56310	-0,298	0,765695
visitas	0,31464	0,43496	0,723	0,469455
q1	-0,09171	0,07964	-1,152	0,249520
pretendevotarMenorTRUE	2,04754	0,46189	4,433	9,3e-06 ***
senteutilTRUE	-0,06823	0,56410	-0,121	0,903730
idosaativa	0,04301	0,07084	0,607	0,543796
velhicepositiva	0,35565	0,31929	1,114	0,265327
votoédeverTRUE	1,30619	0,47349	2,759	0,005804 **
votoimpTRUE	2,16506	0,72151	3,001	0,002693 **
democracia	0,07115	0,20478	0,347	0,728234
partidosimTRUE	0,89669	0,54550	1,644	0,100217
confiapolTRUE	1,05485	0,67016	1,574	0,115480
infopolTRUE	-0,21772	0,51771	-0,421	0,674089
escola	-0,09891	0,17569	-0,563	0,573465
renda	0,20091	0,22845	0,879	0,379139

Signif. codes: 0 '***' 0,001 '**' 0,01 '*' 0,05 '.' 0,1 ' ' 1

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pela autora.

As variáveis que demonstraram-se relevantes na primeira regressão também apresentaram efeito positivo entre as idosas de 60 até 70 anos. Porém, a novidade é o efeito positivo de mais uma variável “pretende votar”. Em outras palavras, as idosas com menos de 70 anos e que gostam de votar, também pretendem votar nas próximas eleições, bem como consideram o dia da eleição alegre e o ato de votar como expressão da cidadania e configura uma ação importante.

Regressão 3 - Somente com as idosas maiores de 70 anos

Modelo de regressão logística. Variável dependente Gosta de votar.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-3,25912	3,54753	-0,919	0,35825
diaalegreTRUE	0,82928	0,44661	1,857	0,06334 .
amigosvTRUE	-0,30082	0,59898	-0,502	0,61551
visitas	0,41010	0,37371	1,097	0,27247
q1	-0,00584	0,04198	-0,139	0,88934
pretendevotarMaiorTRUE	2,63040	0,52115	5,047	4,48e-07 ***

sentetilTRUE	0,32578	0,50007	0,651	0,51474
idosaativa	0,19133	0,06523	2,933	0,00335 **
velhicepositiva	-0,32366	0,32873	-0,985	0,32482
votoédeverTRUE	0,53660	0,50981	1,053	0,29255
votoimpTRUE	1,62415	0,70419	2,306	0,02109 *
democracia	0,05654	0,20020	0,282	0,77761
partidosimTRUE	1,26004	0,58702	2,146	0,03183 *
confiapolTRUE	-0,02470	0,48618	-0,051	0,95948
infopolTRUE	0,33900	0,50322	0,674	0,50053
scola	-0,14129	0,15669	-0,902	0,36719
renda	0,02889	0,22466	0,129	0,89766

Signif. codes: 0 '***' 0,001 '**' 0,01 '*' 0,05 '.' 0,1 ' ' 1

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações coletadas pelas autora

Analisando especificamente as idosas acima de 70 anos, cuja participação eleitoral é facultativa, percebemos que há algumas peculiaridades sobre o que as motivam a gostar de votar, em comparação com as idosas mais jovens.

As variáveis independentes dia alegre, pretende votar e voto importante permanecem, igualmente, estabelecendo uma relação positiva com a variável gostar de votar. Contudo, as idosas que são mais ativas e que possuem simpatia por partidos (variáveis partido sim e idosa ativa) tendem a gostar mais de votar. A percepção de que votar é um dever, não causou um efeito direito sobre a variável dependente.

As regressões demonstraram, portanto, que dependendo da idade, há semelhanças e diferenças que explicam o fato das idosas gostarem de votar. Os elementos em comum entre as idosas que gostam de votar para ambos os subgrupos etários foram a percepção de que o dia da eleição é alegre, que votar é importante e o desejo de continuar comparecendo aos pleitos. Entre as diferenças encontradas nas regressões, conforme a variação de idade, reside no fato de que entre as idosas acima de 70 anos, gostam de votar aquelas que são mais ativas e que possuem simpatia ou identificação partidária.

Neste sentido, não são apenas motivos de ordem pessoal que levam a idosa a gostar de votar (encontrar com amigos, ver o dia da eleição como alegre ou como um momento de lazer), mas variáveis políticas, que demonstram o interesse por política e o desejo de votar para escolher novos governantes e contribuir com o futuro do país.

7 DISCUTINDO OS RESULTADOS

Ao examinarmos as três regressões elaboradas, que foram embasadas nos dados coletados nos questionários, pudemos constatar que as idosas, em todas as faixas etárias, gostam de votar, porque consideram que votar é importante, que o voto é um dever do cidadão e também percebem o dia da eleição como um dia alegre.

Quanto a pergunta de partida deste trabalho, na pesquisa qualitativa, as idosas disseram que gostam de votar, porém, a quantidade de idosas que disseram gostar ou não de votar, foi praticamente idêntico, isto é, as respostas positivas e negativas foram equilibradas. Na pesquisa quantitativa, o percentual das idosas que gostam de votar foi superior e estatisticamente relevante. Os dados da pesquisa quantitativa, portanto, devem ser considerados como válidos pelo leitor. Isto não significa que devemos ignorar totalmente as respostas dadas na etapa qualitativa. Elas foram necessárias para levantar hipóteses, porém, os resultados da pesquisa quantitativa, devem ser vistos como realmente confiáveis e significativos.

A hipótese de que as idosas gostam de votar foi confirmada, bem como que elas percebem o dia da eleição como um dia de lazer. Todavia, o que eu não esperava foi a proporção da importância das variáveis políticas (Votar é um dever do cidadão e votar é importante) sobre a atitude de gostar de participar das eleições. Eu presumi que estas motivações políticas influenciariam de maneira secundária, porém elas também são relevantes e apresentam o mesmo impacto sobre a mulher idosa gostar de votar e decidir votar. Portanto, as variáveis subjetivas e políticas possuem efeito e influência equivalente para que a idosa continue votando e goste de votar.

Renda e escolaridade não afetaram a atitude de gostar de votar, mas engendraram distinções nas formas de apreender a política, somente na etapa qualitativa. Vimos que na primeira fase da pesquisa, as idosas com maior escolaridade respondiam que votar era um dever do cidadão e priorizavam as propostas na hora de escolher seus candidatos. As senhoras carentes e com baixa instrução, afirmavam que votavam por obrigação, por temer punições e escolhiam seus candidatos baseando-se, especialmente, nas características pessoais dos candidatos.

Contudo, na pesquisa quantitativa, as variáveis renda e escolaridade não foram analisadas com todas as possíveis características do comportamento eleitoral. Isto não significa que renda e escolaridade não exercem efeito sobre o comportamento político, porém, baseando-se somente nas informações coletadas nos grupos focais e entrevistas, realizados em dois grupos de convivência, não posso concluir que os fatores socioeconômicos têm um impacto elevado sobre o comportamento político da idosas, uma vez que estes dados não foram analisados nas regressões.

As outras variáveis que compõem o comportamento político das idosas serão examinadas em trabalhos futuros, como já mencionei, devido aos limites de tempo do Mestrado.

O que as informações coletadas nas etapas qualitativa e quantitativa têm em comum é que as idosas, em sua maioria, independente da classe social, da escolaridade e das faixas etárias, tendem a gostar de votar.

Todavia, há algumas diferenças sobre o que influencia ou o que motiva a idosa a gostar de votar, conforme as gerações das mesmas. Entre as idosas mais jovens, com menos de 70 anos, segundo as regressões, gostam de votar aquelas que consideram o dia alegre, que concebem que votar é importante, pois é uma ação cidadã e pretendem votar nas eleições futuras. Já os dados apresentados sobre as idosas acima de 70 anos, surpreenderam ao revelar que além da influência das variáveis citadas acima (dia alegre, voto é importante, voto é dever do cidadão), as idosas que gostam de votar são aquelas que são mais ativas e que possuem identificação partidária.

Entre as idosas com idade maior que 70 anos, as idosas *ativas* são as que mais gostam de votar (aquelas que fazem ou recebem visitas de parentes e amigos, que praticam exercícios físicos e conseguem realizar suas atividades diárias de maneira independente). Este dado confirmou parcialmente a minha hipótese principal onde supus que as idosas gostariam de votar por associarem este ato a um momento de lazer. Porém, não seriam as idosas *inativas* que gostam de votar, (como não costumavam sair de casa, o dia da eleição poderia ser um dia diferente e proporcionar um passeio), mas, na verdade, são as *ativas* que valorizam os pleitos e evitam faltar as eleições.

Neste caso, a regressão afirma o contrário do que eu supus, que as idosas *inativas* gostariam de votar. Na verdade, são as idosas *ativas* que tendem a valorizar as eleições e simpatizar com determinados partidos. Esta informação reforça a importância das variáveis políticas, ao menos neste aspecto (gostar de votar), sobre o comportamento político das idosas. As motivações subjetivas (dia alegre/ dia de lazer) atuam de forma conjunta com as motivações políticas, porém, com peso equivalente.

Vimos que as mudanças no ciclo de vida, a entrada em novas gerações e com isso assumir (ou perder) papéis sociais também engendram alterações no comportamento político. Comparando o que a literatura sobre atitudes políticas dos jovens com os dados desta pesquisa realizada com mulheres idosas, percebe-se que há um potencial na mulher idosa em ser ativa politicamente, pois parcela significativa delas realizam trabalho voluntário e é engajada em associações não-políticas (religiosas ou filantrópicas).

A mulher idosa foi socializada em meados do século XX, onde a política era vista como lugar dos homens e o lugar das mulheres era a esfera doméstica. Soma-se a isso a baixa escolaridade da eleitora idosa – a maioria das idosas no Brasil possui apenas o Ensino Fundamental Incompleto-, e a falta de oportunidades que tiveram em comparecer as escolas (desigualdade de gênero). Analisando estes fatores, percebemos que a mulher idosa não recebeu estímulos sociais para se interessar e participar ativamente da política.

Ela não está engajada em organizações políticas, porém, comparecem, cada vez em maior número, nas eleições e atuam em associações não-políticas. Este engajamento em entidades não-políticas, pode ser um dos efeitos da “liberdade de gênero” (BRITTO DA MOTTA, 2011), onde a idosa tem a sensação de liberdade, de estar isenta das obrigações domésticas e do cuidado dos filhos, e executa atividades, cursos, projetos almejados, porém anteriormente reprimidos. Algumas investem nos estudos, outras em viagens, lazer, e parcela delas exercem trabalho voluntário.

Entretanto, toda generalização é passível de erros. Sabemos que também é numerosa a quantidade de idosas inativas, que raramente saem de suas residências, quer sejam impossibilitadas por doenças, ou por causa das dificuldades enfrentadas no contexto familiar ou oriundas da precária situação econômica. A pobreza, o analfabetismo, a carência, o isolamento e os maus tratos também fazem parte da realidade de muitas idosas. Este cenário não favoreceria, portanto, a atuação política destas mulheres e o desejo de votar.

Enquanto os questionários estavam sendo aplicados, ouvi algumas idosas comentarem que o voto delas não faria diferença, que era melhor deixar para os mais jovens decidirem, que elas não poderiam fazer mais nada para contribuir com a sociedade. Nestes momentos, os discursos demonstravam o sentimento de incapacidade, de impotência e de fragilidade.

As análises de regressão demonstraram que as idosas ativas gostam de votar. Portanto, as inativas gostam menos de votar. A carência econômica e afetiva (BELO, 2013), somada ao sentimento de que elas não serviriam para nada, e o descrédito em relação a política, são hipóteses para explicar o fato de parcela das idosas não comparecem às eleições.

Sabemos também que as gerações permanecem em constante processo de socialização. Nas duas últimas décadas há a disseminação de novos valores e comportamentos que valorizam a mulher e que incentivam o idoso a ser ativo, atuante na sociedade e a enxergar-se de forma positiva.

Nos próximos anos, as idosas oriundas de outras gerações, terão contato com os novos processos socializadores, que tendem a reduzir cada vez mais o peso da dominação masculina, e

que estimulam o idoso a ter uma vida ativa. Possivelmente, elas podem interessar-se e engajar-se mais na política.

Se hoje elas atuam em esferas não-políticas, e se elas assimilarem os novos valores sociais, as idosas das próximas décadas apresentam um potencial em participar de forma ativa na política e em outras esferas da sociedade. Além de mais participativas, elas podem apoiar ainda mais a democracia conforme forem acumulando, dentro e fora das eleições, novas experiências democráticas (CASALECCHI, 2016).

8 CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi aprender o comportamento político da eleitora idosa, residente em Fortaleza, e principalmente investigar se as mulheres idosas gostam de votar. A pesquisa ocorreu em duas etapas: qualitativa e quantitativas. Inicialmente, foram realizados grupos focais e entrevistas em duas entidades que atendem idosos, uma que atende pessoas carentes, outra com um público de classe média. Em seguida, foram aplicados 427 questionários, com idosas de classes sociais distintas, distribuídos em 39 bairros da capital cearense.

As teorias que nortearam essa investigação são referentes à mulher idosa (conceito de velhice, gênero e geração) e ao comportamento político (socialização política, cultura política e comportamento eleitoral).

Os dados demonstraram que não é somente a percepção do dia de lazer, de mudança de rotina, de visitas e encontros que motivam a mulher idosa a votar, mas as variáveis políticas exercem peso equivalente nesta decisão em votar e continuar votando, mesmo entre aquelas que já estejam isentas da obrigação de comparecer às urnas.

Vimos que a literatura sugere que há um impacto da classe social sobre o comportamento político. Este foi corroborado somente na etapa qualitativa. Na pesquisa qualitativa, constatou-se uma diferença significativa nos discursos das idosas segundo a renda e a escolaridade das mesmas. As idosas com maior escolaridade, tenderam a mostrar a importância do voto como um dever do cidadão, uma ação que é importante, pois estará definindo os rumos do Brasil e poderá trazer um benefício para a sociedade. Estas também conhecem os termos democracia, ditadura, maior informação sobre política e disseram analisar as propostas do candidato. As idosas com baixa escolaridade e renda, também disseram que votam pensando no bem comum, porém, parcela delas disseram que só votavam, porque era obrigatório e, porque tinham o medo de ser punidas, de que faltar o dia da eleição pudesse lhes prejudicar de alguma forma (como perder um benefício do governo ou impedir a retirada de algum documento).

Na etapa quantitativa, os efeitos das variáveis renda e escolaridade foram testados somente com a variável “gostar de votar”. As regressões demonstraram que estas variáveis não interferem na atitude da idosa de votar e gostar de votar. Isto não significa que renda e escolaridade não exercem efeito sobre o comportamento político das idosas. Somente os dados quantitativos revelaram que as idosas, em todas as faixas etárias, gostam de votar, porque consideram o dia da eleição alegre, bem como valorizam o ato de votar porque o compreendem como uma ação

importante e como sendo um dever do cidadão. As idosas que gostam de votar pretendem comparecer aos pleitos nas próximas eleições.

As idosas acima de 70 anos, surpreendentemente, mostraram uma particularidade em seu comportamento. Aquelas que são mais ativas e que possuem simpatia ou identificação partidária possuem maior tendência a gostar de votar.

Conclui-se que as idosas, em sua maioria, gostam de votar, porque desejam contribuir para a construção de uma sociedade melhor e um futuro esperançoso para o Brasil, bem como enxergam o dia da eleição como alegre, devido os encontros com parentes e amigos que o dia da pleito possibilita.

Investigações futuras que incluam os homens idosos, bem como estudos comparativos em outras regiões do país são de suma importância para aprofundar o conhecimento sobre o comportamento político dos idosos, cuja dissertação pretendeu, ao menos de forma limitada, contribuir.

Este trabalho inova ao demonstrar que as idosas, em sua maioria, não somente votam, mas também gostam de votar. E este “gostar” de votar é motivado por variáveis políticas e subjetivas: o desejo de que o país melhore com a escolha de novos representantes, bem como a percepção da eleição como um dia de lazer, respectivamente.

Esta pesquisa inova por preencher uma lacuna em estudos de cultura política e comportamento eleitoral com pessoas idosas. Não havia ainda, no âmbito da Sociologia e da Ciência Política estudos considerando as características do eleitor idoso. Esta lacuna foi parcialmente preenchida, uma vez que esta investigação abordou especificamente as mulheres nesta etapa do ciclo da vida.

Há ainda que ser investigado o comportamento político dos homens idosos, como eles compreendem a política e escolhem seus candidatos, se participam de associações ou não, e comparar se haveria alguma diferença no modo como homens e mulheres neste grupo etário concebem a política e a democracia.

E onde estariam os homens idosos? Quais espaços sociais ocupariam? Vimos que a grande maioria não frequenta grupos de convivência. Excetuando-se a esfera doméstica, quais seriam as atividades de lazer e/ou trabalho desempenhadas por eles? Os senhores participam de associações políticas, filantrópicas ou religiosas? Qual seria o percentual de engajamento? As mulheres idosas seriam mais participativas dos que os homens idosos? Eles valorizam o ato de votar e apoiam a democracia? Os idosos continuarão apresentando um crescimento na participação eleitoral, apesar da elevada desconfiança política que a sociedade apresenta? Estas são algumas questões que precisam ainda serem respondidas através de novos desenhos de pesquisa.

Nos últimos anos, é constantemente publicizado nos meios de comunicação, casos de corrupção entre os representantes políticos. Isto já têm gerado nas idosas uma postura mais pessimista e indiferente em relação à política. Uma parcela das senhoras, com idade acima de 70 anos, relatou, durante a aplicação dos questionários, que participaram de todas as eleições, até 2016, mas que não votarão nas seguintes, pois os políticos são corruptos, alegam não haver um candidato “bom e confiável” em que possam votar, e também afirmaram que “votar já foi importante um dia, mas hoje deixou de ser”.

Sendo assim, com o atual contexto de elevada desconfiança política, alimentada pelos constantes casos de corrupção entre os governantes, resta saber se as idosas, especialmente as que têm mais de 70 anos, apresentarão o mesmo grau de interesse e vontade em votar. Será que elas continuarão gostando neste atual contexto de corrupção e descrédito com os políticos? É necessário pois, verificar e comparar como o eleitorado idoso irá agir nas eleições de 2018, se haverá ou decréscimo ou acréscimo na participação eleitoral.

Analisar a relação entre comportamento político e os ciclos de vida, quais as características do comportamento eleitoral em diferentes gerações, compreender até que ponto a categoria geração pode influenciar nas formas de pensar e agir dos eleitores, estudar em uma perspectiva comparada jovens e idosos, especialmente entre adolescentes de 16 -17 anos e idosos acima de 70 anos – duas fatias do eleitorado onde é facultativo a participação nas eleições – constituem uma agenda de pesquisa, um caminho árduo e empolgante para as ciências sociais se debruçarem.

Se os jovens são o futuro da sociedade, os idosos são o presente e cada vez mais eles estarão presentes na sociedade e na política, participando, votando ou até mesmo incomodando aqueles que teimam em fechar os olhos para a realidade e esquecer que eles existem, que são cidadãos, são consumidores, são chefes de família, não são assexuados, nem incapazes, são atores sociais e políticos, são as memórias vivas desta sociedade, são humanos em constante transformação, assimilando novos valores e ressignificando suas experiências com o passar dos anos. As avós estão votando e gostam de votar, sem perder a esperança de construir um país melhor para as novas gerações.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. **A cabeça do eleitor**: estratégia de campanha, pesquisa e vitória eleitoral. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008. 308p.
- ALMEIDA, A. **O voto do brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018. 280p.
- AQUINO, J. A. **R para cientistas sociais**. Ilhéus- BA: Editus, 2014. 167p.
- BAIXA escolaridade é um problema extra para o idoso no Brasil. **Gazeta do Povo**. Curitiba. 12 setembro 2015. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/baixa-escolaridade-e-um-problema-extra-para-o-idoso-no-brasil-byjl3bjdh1nfrfy1kj96eams6/>>. Acesso em: 20 mai. 2018.
- BARROS, M.M. L; PRADO, R.M. **Perspectivas antropológicas da mulher 2**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981. 112p.
- BARROS, M.M.L. **Trajetórias dos estudos de velhice no Brasil**. Revista Sociologia, problemas e práticas, n. 52, p. 109-132, jul./dez. 2006.
- BAQUERO, Marcello. **Construindo uma outra sociedade**: o capital social na construção da política participativa no Brasil. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n. 21, p. 83-108, nov. 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. 309p.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteiras, 1990. 608p.
- BELO, Isolda. **Velhice e Mulher**: vulnerabilidades e conquistas. Revista Feminismos, Salvador, v.1, n.3, p. 1- 20, set./dez.2013.
- BENEFÍCIO assistencial ao idoso (BPC). **INSS**. Brasília. 17 maio 2017. Disponível em:<<https://www.inss.gov.br/beneficios/beneficio-assistencia-a-pessoa-com-deficiencia-bpc/beneficio-assistencial-ao-idoso/>>. Acesso em: 24 mai. 2018.
- BRASILEIROS estão entre os mais céticos com política na região, diz estudo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 17 abril 2016. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1757330-brasileiros-estao-entre-os-mais-ceticos-com-politica-na-regiao-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- BOLSA família. **Caixa**. Brasília. 23 maio 2018. Disponível em:<<http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 23 mai

BORBA, Julian. **Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral**: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. Revista Opinião Pública, Campinas, v. 11, n.1, p. 147-168, mar. 2005.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **As velhas também**. Revista Ex Aquo, Lisboa, n. 23, p. 13-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-55602011000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 2 fev. 2018.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **As idades da mulher**. Revista Feminismos, Salvador, v.1, n. 3, p. 1-20, set./dez. 2013.

CASALECCHI, Gabriel A. **Legado democrático e atitudes democráticas na América Latina**: efeitos diretos, indiretos e condicionais. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciência Política. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

CASTRO, M. M. M de. **Sujeito e estrutura no comportamento eleitoral**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 20, 1992. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4292959/mod_resource/content/1/CASTRO%2C%20M%C3%B4nica%20-%20Sujeito%20e%20estrutura%20no%20comportamento%20eleitoral.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2015.

CENSO 2010. **IBGE**. Brasília. 2 dezembro 2016. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=3326&t=sis-2016-67-7-idosos-ocupados-comecaram-trabalhar-14-anos&view=noticia>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

CERVI, Emerson U. **Manual de métodos quantitativos para iniciantes em Ciência Política**. Curitiba: CPOP, 2017. 314p.

CRESCER a presença de mulheres chefes de família entre os idosos no Brasil. **Portal do Envelhecimento**. São Paulo. 15 março 2018. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/crece-presenca-de-mulheres-chefes-de-familia-entre-os-idosos-no-brasil/>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

CRISE econômica faz de aposentados os novos chefes de família. **Jornal Estado de Minas**. Belo Horizonte. 19 julho 2015. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/07/19/internas_economia.670003/crise-economica-faz-de-aposentados-os-novos-chefes-de-familia.shtml>. Acesso em: 22 mai. 2018.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 2012. 272p.

DISQUE 100 registra 142 mil denúncias de violações em 2017. Agência Brasil. Brasília. 28 abril 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-04/disque-100-registra-142-mil-denuncias-de-violacoes-em-2017>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

ESTATÍSTICAS eleitorais. **Tribunal Superior Eleitoral**. Brasília. 10 agosto 2017. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FIGUEIREDO, Marcus. **A decisão do voto:** democracia e racionalidade. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 239p.

FRANCISCO, C. M; RODRIGUES, M.R. **O significado do voto para os idosos que frequentam um Centro de Convivência na Cidade de São Paulo.** Revista Acta Paul. Enferm. v. 16, n.2, 2003.

FUKS, Mario. **Efeitos diretos, indiretos e tardios:** trajetórias da transmissão intergeracional da participação política. Lua Nova, Campinas, v.83, p. 145 -178, 2011. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452011000200006>. Acesso em: 5 abr. 2018.

FUKS, Mario. **Atitudes, cognição e participação política:** padrões de influência dos ambientes de socialização sobre o perfil político dos jovens. Opinião Pública, Campinas, v. 18, n.1, p.88-108, jun. 2012.

FUKS, Mario; PEREIRA, F.B. **Informação e conceituação:** a dimensão cognitiva da desigualdade política entre os jovens de Belo Horizonte. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 26, n.76, 2011. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69092011000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 abr. 2018.

IPEA mostra uma revolução na família brasileira. **Veja.** São Paulo. 13 outubro 2010. Disponível em:<<https://veja.abril.com.br/politica/ipea-mostra-uma-revolucao-na-familia-brasileira/>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

INDIGNAÇÃO com política tem gerado apatia em vez de mobilização, diz sociólogo. **BBC Brasil.** Rio de Janeiro. 30 maio 2017. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40100618>>. Acesso em: 07. jun. 2017.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (ORG). **Por que gritamos golpe?:** para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: **Boitempo**, 2016. 176p.

LOURENÇO, R.A; VERAS, R.P. **Mini-Exame do Estado Mental:** características psicométricas em idosos ambulatoriais. Revista Saúde Pública. São Paulo, v.4, p. 712-719, ago. 2006.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia.** São Paulo: Editora Ática, 1982. 215p.

MOISÉS, J.A. **A desconfiança nas instituições democráticas.** Revista Opinião Pública, Campinas, v. 11, n. 1, p. 33-63. marc. 2005.

_____. In: MOISÉS, J. A; MENEGUELLO, Rachel. **A desconfiança política e seus impactos na qualidade da democracia.** São Paulo: Edusp, 2013. Cap. 1, p. 27-50.

NÚMERO de idosos quase triplica no Brasil. **ZH Vida.** Porto Alegre. 30 setembro 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/noticia/2015/09/numero-de-idosos-quase-triplicara-no-brasil-ate-2050-afirma-oms-4859566.html>> . Acesso em: 01 out. 2015.

NÚMERO de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. **Agência Notícias IBGE**. Brasília, 26 abril 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

OKADO, L.T.A; RIBEIRO, E.A. **Condição juvenil e a participação política**. Curitiba, Paraná Eleitoral, v. 4, n.1, p.53-78, 2014. Disponível em: <<http://participacaopolitica.cfh.ufsc.br/files/2016/07/tre-pr-parana-eleitoral-2015-volume-4-revista-1-artigo-2-lucas-toshiaki-archangelo-okado.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

OKADO, L.T.A; RIBEIRO, E.A; LAZARE, D.C.M. **Partidarismo, ciclos de vida e socialização política no Brasil**. Campinas, v. 29, n.1, jan./abr. 2018.

PEIXOTO, C. E. **Histórias de mais de 60 anos**. Revista Estudos Femininos, Florianópolis, v.5, n. 1, p.1-11, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12567>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

PNAD: mulheres são maioria entre pessoas com mais de 60 anos. **Demografia Unicamp**. Campinas, 18 setembro 2014. Disponível em: <<https://demografiaunicamp.wordpress.com/tag/pnad-2013-pesquisa-nacional-de-amostras-de-domicilios>>. Acesso em: 01 out. 2015.

PNAD contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam no máximo o ensino fundamental completo. **Agência Notícias IBGE**. Brasília, 21 dezembro 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-no-maximo-o-ensino-fundamental-completo>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

PRESIDENTE do TSE anuncia aumento de 5,17% no eleitorado brasileiro. **Tribunal Superior Eleitoral**. Brasília, 29 julho 2014. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Julho/presidente-do-tse-anuncia-aumento-de-5-17-do-eleitorado-brasileiro>>. Acesso em: 18/08/2016.

PROGRAMA Gente de Valor. **Prefeitura de Fortaleza**, Fortaleza, 18 agosto 2016. Disponível em: <<http://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/portal/categoria/social/servico/281>> Acesso em: 18 ago. 2016.

RADMANN, Elis R.H. **O Eleitor Brasileiro**: uma análise do comportamento eleitoral. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

RENNÓ, L. R. **Confiança Interpessoal e Comportamento Político**: micro fundamentos da teoria do capital social na América Latina. Revista Opinião Pública, Campinas, v. 7, n.1, p. 33 -59, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762001000100003>. Acesso em: 6 ago. 2015.

RENNÓ, L. R.. **Escândalos e voto: as eleições presidenciais brasileiras de 2006**. Revista Opinião Pública, Campinas, v. 13, n.2, p. 260 – 282, nov. 2007.

RENNÓ, L. R. **Validade e Confiabilidade das Medidas de Confiança Interpessoal: O Barômetro das Américas**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, set. 2011.

RIBEIRO, E.A; BORBA, J; HANSEN, J. R. **Participação on-line e off-line no Brasil: relações e condicionantes**. Revista do Serviço Público, Brasília, v. 67, n 4, p. 498- 523, 2016. Disponível em:<<https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/1262>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 39 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2011. 144p.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo,2015. 158p.

SALGADO, C.D.S. **Mulher idosa: a feminização da velhice**. Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v.4, p.7 -19, 2002. Disponível em:<<https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716>>. Acesso em: 4 ago.2015.

SINGER, A. **Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994**. São Paulo: Edusp, 1999. 208p.

TRABALHADOR com mais de 60 anos representa 8,1% de todos ocupados. **Valor**. Rio de Janeiro. 02/12/2016. Disponível em:<<https://www.valor.com.br/brasil/4794487/trabalhador-com-mais-de-60-anos-representa-81-de-todos-ocupados>>. Acesso em: 21 mai. 2018.

UM em cada 6 idosos sofre algum tipo de violência, alerta OMS. **Agência Brasil**. Brasília. 15 junho 2017. Disponível em:<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/um-em-cada-6-idosos-sofre-algum-tipo-de-violencia-alerta-oms>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Revista Temáticas, Campinas, v. 22, p. 203-220, 2014. Disponível em:<<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144>>. Acesso em:16. jun.2018.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA QUANTITATIVA

QUESTIONÁRIO N° Quest _____

Data ___/___/___ Entrevistadora: _____

Bairro: _____

Inicialmente, identifique-se e leia esta apresentação:

“Oi, bom dia (ou boa tarde). Estou fazendo uma pesquisa da Faculdade sobre o que as mulheres com 60 anos ou mais, pensam sobre a política. O seu nome não será revelado. Não existe resposta certa ou errada. O que é importante para nós é saber a sua opinião. A senhora pode nos ajudar e responder algumas questões?”

Q1- Qual a sua idade? _____

(Se a senhora disser o ano em que nasceu, você pode escrevê-lo. Ela deve ter nascido em 1957 ou antes. Se a senhora tiver menos de 60 anos, agradeça e encerre).

Q2- Você mora em Fortaleza?

1. Sim. Q2B. [Se sim] **Em qual bairro você mora?** _____

2. Não. Q2C. [Se não] **Em qual cidade você mora?** _____

Q3. Na última vez em que você participou das eleições, você votou em qual cidade?

1. Fortaleza.

2. Outro. Q3B. **Em qual cidade você votou?** _____

Q4- Você continua votando nas eleições? [Não ler as opções]

1. Sim, continuo votando. [Ir para a questão Q6].

2. Não. [Ler a questão Q5A e Q5B]

3. Antes eu votava. [Ler a questão Q5A e Q5B]

9. NS/NR

Q5A. Você parou de votar por qual motivo? [Não ler as opções. Pode marcar até duas opções.]

1. Não tem mais obrigação/ por causa da idade.

2. Por causa dos políticos (corrupção enganam o povo, só prometem e etc.)

3. Dificuldade para andar. 4. Dificuldade para conseguir transporte. 5. Problemas com título/ zona eleitoral.

6. Outro. _____ 9. NS/NR

Q5B- Há quanto tempo você deixou de votar?

1. Não votou na última eleição apenas.

2. Não votou nas duas últimas eleições (dois anos).

3. Não votou nas três últimas eleições (quatro anos).

4. Não vota há seis anos ou mais. 9. NS/NR

Q6. Você faltou alguma vez às eleições?

1. Não, nunca faltou.
2. Sim [Ler a questão Q6B].
9. NS/NR Q6B. [Se sim] **Por qual motivo?** (Não ler as opções. Marcar até duas opções).
 1. Por motivo de doença. 2. . Por motivo de viagem. 3. Assuntos de família.
 4. Não encontrou o local de votação.
 5. Outro. _____
9. NS/NR

Q7- Com qual das duas frases você mais concorda: “O dia da eleição pra mim é um dia alegre”, ou “O dia da eleição para mim é um dia chato”. [Não ler as opções]

1. Alegre [Ler a questão Q7B]
2. Não sabe/ É um dia normal / Nem uma coisa nem outra [Ler a questão Q8]
3. Chato [Ler a questão Q7C] 9. NR

Q7B. [Se alegre]. Por que é um dia alegre? [Não ler as opções]

1. Porque encontra familiares ou amigos. 2. Porque vê muita gente na rua.
3. Porque pode sair de casa e passear. 4. Porque se sente uma cidadã.
5. Porque tem esperança que a vida das pessoas ou o país melhore.
6. Porque vota no candidato preferido. 7. Outro. _____ 9. NS/NR

Q7C. [Se chato]. Por que é um dia chato? [Não ler as opções]

1. Porque sou obrigada a votar.
2. Porque temos que votar em políticos que enganam a população. (Não fazem nada, não cumprem as promessas de campanha e etc.)
3. Porque tenho que sair de casa e ir até o local de votação.
4. Porque o local de votação é longe de casa.
5. Porque tem dificuldade de andar ou conseguir transporte para ir votar.
6. Outro. _____ 9. NS/NR

Q8- Com qual das duas frases você mais concorda. “O dia da eleição para mim é um dia de expectativa” ou “o dia da eleição para mim é um dia tenso”. [Não ler as opções]

1. Expectativa [Vá para a questão Q8B]
2. Não sabe/ é um dia normal / Nem uma coisa nem outra [Ler a questão Q9]
3. Tenso [Vá para a questão Q8C] 9. NR

Q8B - [Se for expectativa]. Por que é um dia de expectativa? [Não ler as opções]

1. Porque espera saber quem será o novo governante.
2. Porque torce para que o seu candidato vença a eleição.
3. Porque espera que o país melhore com o candidato eleito.
4. Outro. _____ 9. NS/NR

Q8C- [Se for tenso]. **Por que é um dia tenso?** [Não ler as opções]

1. Por causa da violência nas ruas ou nos locais de votação.
3. Medo de um candidato ruim ser eleito.
4. Medo de seu candidato preferido não ser eleito.
5. Por causa da espera do resultado da eleição. 6. Outro. _____ 9. NS/NR

Q9 - **Você gosta de votar?** [Não ler as opções]

1. Sim 2. Não 3. Tanto faz 4. Antes gostava. 9. NS/NR

Q10. **Você acha que votar é um ato importante?** [Não ler as opções]

1. Sim [Ler a questão Q10B]
2. Não 3. Tanto faz 9. NS/NR

Q10B- [Se sim] **Por que votar é importante?** [Não ler as opções]

1. É um dever do cidadão.
2. É uma obrigação, senão perdemos documentos ou benefícios do governo.
3. Porque vamos escolher novos governantes.
4. O Brasil pode melhorar.
5. Porque é patriota. 6. Outro. Qual? _____ 9. NS/NR

Q11- **Você visita alguém no dia da eleição?** [Não ler as opções]

1. Sim. [Ler questão Q11B]
2. Não. 9. NS/NR

Q11B- [Se sim] **Quem você visita?** [Não ler as opções]

1. Família 2. Amigos 3. Outro _____ 9. NS/NR

Q12. **Alguém visita você no dia da eleição?** [Não ler as opções]

1. Sim. [Ler questão Q12B]
2. Não. 9. NS/NR

Q12B-[Se sim] **Quem visita você?** [Não ler as opções]

1. Família 2. Amigos 3. Outro _____ 9. NS/NR

Q13- **Você reencontra amigos no local de votação?**

1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Q14- **Com qual destas frases você concorda?**

1. **Votar é um dever do cidadão. Ou,** 2. **Só voto porque é obrigatório.** 9. NS/NR

Q15- **Com qual destas frases você concorda?**

1. **Não adianta muito votar, porque os políticos são corruptos. Ou,**

2. **Votar é bom porque podemos escolher novos governantes.** 9. NS/NR

Q16- **Com qual frase você mais concorda?**

1. **O homem é mais competente que a mulher na política.**
2. **A mulher pode ser tão competente quanto o homem na política. Ou,**
3. **A mulher é mais competente que o homem na política.** 9. NS/NR.

Q17- **Vou dizer o nome de alguns lugares. Gostaria de saber se você costuma ir para algum deles e com que frequência.**

	Sim ou	Não?	[Se sim] Você vai com frequência? [Ler as opções, se for necessário]
Q17A- Você vai para a Igreja ou grupo religioso?	1.	0.	1. Só em ocasiões especiais (batizado, casamento, etc.) 2. Raramente 3. Uma vez por mês 4. Quinzenalmente 5. Uma vez por semana 6. Quase todo dia 9. NS/NR
Q17B- Você sai para visitar amigos ou parentes?	1.	0.	1. Raramente 2. Uma vez por ano 3. Pelo menos a cada seis meses 4. Pelo menos uma vez por mês 5. Pelo menos uma vez por semana 9. NS/NR
Q17C- Você sai para pagar as contas?	1.	0.	1. Raramente 2. Todo mês 3. Quase todo mês 9. NS/NR
Q17D- Você faz exercícios físicos, sem contar as tarefas domésticas?	1.	0.	1. Raramente 2. Uma vez por mês 3. Quinzenalmente 4. Uma vez por semana 5. Quase todo dia 9. NS/NR
Q17E- Você costuma passear ou viajar?	1.	0.	1. Raramente 2. Uma vez por ano 3. Pelo menos a cada seis meses 4. Pelo menos uma vez por mês 5. Pelo menos uma vez por semana. 6. Quase todo dia. 9. NS/NR

Q17F- Você vai ao hospital para se consultar ou fazer exames?	1.	0.	1. Raramente 2. Uma vez por ano 3. Pelo menos a cada seis meses 4. Pelo menos uma vez por mês 9. NS/NR
--	----	----	--

Q18 – Existem várias formas de associações em que uma pessoa pode se engajar, se quiser. Foram criadas associações de moradores, associações religiosas, esportivas, em defesa do meio ambiente, sindicatos, associações profissionais e partidos políticos. Hoje você participa de algum tipo de associação ou grupo?

1. Sim [Ler a questão Q18B] 2. Não [Ler a questão Q19]
3. Hoje não, mas quando era mais jovem já participou. [Ler a questão Q19] 9. NS/NR

Q18B- [Se sim] **Qual tipo de associação ou grupo você frequenta?** [Não ler as opções]

1. Associação de moradores
2. Partido político
3. Associação Esportiva
4. Defesa do Meio ambiente
5. Associação ou grupo religioso
6. Sindicato ou Associação profissional
7. Outro. Qual? _____ 9. NS/NR

Q19- Na hora de escolher o seu candidato a prefeito, para você o que é mais importante?

1. **Analisar as propostas do candidato, ou**
2. **Analisar as qualidades e o caráter do candidato.**
3. Nem uma coisa nem outra [Não ler] 9. NS/NR

Q20- Quando você vai escolher seu candidato a prefeito, para você é mais importante...

1. **Escolher aquele que já fez algo de bom pelo povo, ou**
2. **Votar em alguém indicado pela família ou amigos.**
3. Nem uma coisa nem outra [Não ler] 9. NS/NR

Q21. Para você, o partido do candidato tem importância ou não na hora de escolher o seu voto?

1. **Não tem importância** 2. **Tem pouca importância, ou** 3. **Tem muita importância.** 9. NS/NR

Q22. Você tem simpatia por algum partido político? Qual? [Não ler as opções]

1. Não tem simpatia. [Ler a questão Q23]
2. Sim, o PT. [Ler a questão Q24]
3. Sim, o PSDB. [Ler a questão Q24]
4. Sim, o PMDB. [Ler a questão Q24]
5. Sim, partidos de direita. [Ler a questão Q24]
6. Sim, partidos de esquerda. [Ler a questão Q24]

7. Sim, mas não lembra o nome do partido.

8. Sim, outro. Qual? _____ [Ler a questão Q24]

9. NS/NR

Q23. [Se não tem simpatia] **Você já teve simpatia por algum partido no passado?**

1. Sim. **Qual?** _____ 2. Não 9. NS/NR

Q24. **Você tem antipatia ou não gosta de algum partido? Qual?**

1. Não tem antipatia. 2. Sim, o PT. 3. Sim, o PSDB

4. Sim, o PMDB. 5. Sim, partidos de direita.

6. Sim, partidos de esquerda. 7. Sim, outro. Qual? _____ 9. NS/NR

Q25. **Eu vou ler algumas áreas que as pessoas acham que o governo tem que se empenhar mais e gostaria que você me dissesse qual é a mais importante para você. Você pode escolher duas áreas.**

1. **Saúde** 2. **Educação** 3. **Segurança** 4. **Geração de empregos** 5. **Transporte**

6. **Saneamento básico** 7. **Proteção do meio ambiente** 8. **Áreas de lazer** 9. NS/NR

Q26. **Você confia nos políticos?** [Não ler as opções]

1. Confia 2. Confia Pouco/ Só em quem eu votei 3. Não confia 9. NS/NR

Q27. **Você confia mais em um candidato que seja homem ou mulher?** [Não ler as opções]

1. Confia mais no homem 2. Confia mais na mulher 3. Não confia em nenhum

4. O sexo do candidato não importa. 9. NS/NR

Q28. **Você confia mais em um candidato que seja jovem ou que tenha mais experiência de vida?**

[Não ler as opções]

1. Confia no mais jovem. 2. Confia no mais experiente. 3. A idade não tem importância. 9. NS/NR.

Q29. **Você confia mais em um candidato que está se candidatando a 1ª vez ou naquele que já ocupou outros cargos públicos?** [Não ler as opções]

1. Confia no menos experiente. 2. Confia no mais experiente 3. A experiência política não tem importância.

9. NS/NR.

Q30- **Votar em um candidato conhecido tem importância para você?**

1. **Pouca importância** [Ir para a Q31] 2. **Muita importância, ou** [Ir para a Q31]

3. **Não tem importância** [Ir para a Q32] 9. NS/NR

Q31- **É importante conhecer o candidato de que forma?**

1. **Pessoalmente** 2. **Conhecido no bairro que mora** 3. **Conhecido da sua família ou amigos**

4. **Através da televisão** 5. **Através do jornal impresso** 6. **Através da internet**

7. Outro. Qual? _____

9. NS/NR

Q32. Você votou no primeiro e no segundo turno das eleições de 2016? [Não ler as opções]

1. Sim, votou no primeiro e no segundo turno. [Vá para a questão Q33]
2. Sim, votou apenas no primeiro turno. [Vá para a questão Q33]
3. Sim, votou apenas no segundo turno. [Vá para a questão Q34]
4. Não votou, faltou só esta vez. 5. Não, e não vota mais. 9. NS/NR

Q33. [Se sim] Em qual candidato você votou no Primeiro turno para Prefeito de Fortaleza? [Não ler as opções].

1. Roberto Cláudio – PDT 2. Capitão Wagner – PR 3. Luizianne Lins – PT
4. Heitor Férrer – PSB 5. Ronaldo Martins – PRB 6. João Alfredo – PSOL
7. Francisco Gonzaga - PSTU 8. Tin Gomes – PHS
9. NS/NR 10. Voto branco 11. Voto nulo 12. Votou em outra cidade/ Não vota m Fortaleza.

Q34. Em qual candidato você votou para Prefeito de Fortaleza no segundo turno?

1. Roberto Cláudio 2. Capitão Wagner 3. Votou em branco 4. Votou nulo
5. Não votou no segundo turno. 6. Votou em outra cidade/ Não vota em Fortaleza. 9. NS/NR

Q35. Na sua opinião, o Prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio está fazendo um governo ótimo, bom, ruim ou péssimo? [Não ler as opções]

1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 9. NS/NR

Q36. Na sua opinião, o Governador do Ceará Camilo Santana está fazendo um governo ótimo, bom, ruim ou péssimo? [Não ler as opções]

1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 9. NS/NR

Q37. Você concordou com o afastamento da Ex-Presidenta Dilma?

1. Concorda 2. Não concorda 3. Concorda parcialmente 9. NS/NR

Q38. Na sua opinião, Dilma Roussef cometeu algum crime? 1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Q39. Para você, o governo da Ex-presidenta Dilma foi ótimo, bom, ruim ou péssimo?

1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 9. NS/NR

Q40. Você acha que o governo do Presidente Michel Temer está sendo ótimo, bom, ruim ou péssimo?

1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 9. NS/NR

Q41. Na sua opinião, o governo militar no Brasil foi ótimo, bom, ruim ou péssimo? [Não ler as opções]

1. Ótimo 2. Bom 3. Ruim 4. Péssimo 5. Não lembra do governo militar.
6. Não sabe que existiu um governo militar no Brasil. 9. NR.

Q42A. **Você concorda ou discorda que apenas o exército governe o país?** [Espere a resposta]

Concorda ou concorda fortemente?

1. Concorda 2. Concorda fortemente

Discorda ou discorda fortemente?

3. Discorda 4. Discorda fortemente 9. NS/NR

Q42B. **Você concorda ou discorda que não tenha mais eleições para deputado e senador, para que o Presidente decida tudo sozinho.** [Espere a resposta]

Concorda ou concorda fortemente?

1. Concorda 2. Concorda fortemente

Discorda ou discorda fortemente?

3. Discorda 4. Discorda fortemente 9. NS/NR

Q43. **Com qual destas frases a senhora está mais de acordo:**

1. **Para pessoas como eu, tanto faz um governo democrático ou um não democrático.**

2. **A democracia é melhor do que qualquer outra forma de governo, ou**

3. **Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser melhor que um democrático.**

4. Não compreende a pergunta/ Não sabe. [Não leia. Ir para a questão Q45/Q46]

9.

NR.

Q44. **Na sua opinião, que grau de democracia existe hoje no Brasil?**

1. **Uma democracia completa.**

2. **Uma democracia, com pequenos problemas.**

3. **Uma democracia, com grandes problemas.**

4. **Não é uma democracia.**

5. Não compreende a pergunta /não compreende o que é 'democracia'. [Não leia]

Q45. [Esta pergunta é para quem tem mais de 70 anos.] **Você continuará votando nas próximas eleições?**

1. Sim 2. Não 3. Talvez/Depende da saúde 9. NS/NR.

Q46. [Esta pergunta é para quem tem menos de 70 anos.] **O voto é facultativo para quem tem mais de 70 anos. Você continuará votando após essa idade?**

1. Sim 2. Não 3. Talvez/Depende da saúde 9. NS/NR.

Q47. **Com qual frase você mais concorda?**

1. **Eu voto no meu candidato preferido mesmo que ele tenha poucas chances de se eleger, ou**

2. **Eu só voto no candidato que estiver em primeiro ou segundo lugar nas pesquisas.** 9. NS/

NR

Q48. **Você já mudou o seu voto quando alguém pediu para você votar em outro candidato?**

1. Sim 2. Não 3. Não lembra 9. NS/NR

Q49. **Os seus familiares ou amigos, já ajudaram você a escolher o seu voto?** [Não ler as opções].

1. Não ajudaram. Decide sozinha. 2. Influenciam um pouco. 3. Influenciam muito. 9. NS/NR

Q50. Você já pediu para que as outras pessoas votassem no seu candidato? [Não ler as opções].

1. Sim, já fez isto. 2. Sim, e continua pedindo votos. 3. Não costuma pedir votos. 9. NS/NR

Q51. Se um candidato se apresentar como uma pessoa religiosa, uma “pessoa de Deus”, isso ajuda a conquistar seu voto? [Não ler as opções]. 1. Ajuda 2. Não ajuda 9. NS/NR

Q52. Você assiste as propagandas eleitorais? 1. Sim, sempre. 2. Sim, às vezes, ou 3. Não. 9. NS/NR.

Q53. Você costuma se informar sobre a política? [Leia as opções em negrito]

1. Não se informa. 2. Sim, uma vez por mês. 3. Sim, uma vez por semana.
4. Sim, quase todo dia. Ou, 5. Raramente 9. NS/NR

Q54- [Se a pessoa se informa] Através de qual meio você busca informações sobre a política?

1. Televisão 2. Rádio 3. Através de parentes/amigos 4. Jornal impresso 5. Internet/redes sociais 9. NR/NR

Q55. Em qual eleição você se envolve mais: para Prefeito ou para Presidente?

1. Prefeitura 2. Presidência 3. Em todas 4. Nenhuma delas 9. NS/NR

Q56. Você considera mais importante que o candidato

1. Tenha feito várias ações para ajudar a comunidade, ou
2. Seja Formado, tenha conhecimentos 9. NS/NR

Q57. Você considera um bom político é aquele que

1. Ajuda você ou alguém da sua família, ou
2. Ajuda a resolver os problemas da cidade. 9. NS/NR

Q58. Você trocaria seu voto por dinheiro, por emprego, por consulta ou outro favor, se, no lugar onde você mora, a maioria das pessoas trocar?

1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Q59. Você tem dificuldades para andar quando vai se dirigir ao local da votação?

1. Sim 2. Não 3. Já teve, hoje não. 9. NS/NR

Q60. Você tem dificuldade de conseguir transporte para se dirigir ao local da votação?

1. Sim 2. Não 3. Já teve, hoje não. 9. NS/NR

Q61. Geralmente, qual meio de transporte você utiliza para chegar ao local de votação?

1. Ônibus 2. Carro 3. Vai a pé 4. Trem 5. Metrô 9. NS/NR

Q62. Você já viu algum candidato elaborar propostas para ajudar os idosos?

1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Q63. **Você concorda ou discorda desta frase “Quando eu voto, eu me sinto útil para a sociedade”.** Espere a resposta.

Concorda ou concorda fortemente?

Discorda ou discorda fortemente?

1. Concorda 2. Concorda fortemente

3. Discorda 4. Discorda fortemente

9. NS/NR

Q64. **Na sua opinião, qual é o problema mais grave que o país está enfrentando?** [Não ler as opções. Marcar somente um item. Se a pessoa mencionar dois, peça para que ela escolha o principal.]

1. Corrupção	16. Falta de crédito financeiro
2. Impunidade	17. Protestos populares (greves, fechamento de estradas, paralisações, etc.)
3. Os políticos	18. Transporte
4. Inflação, altos preços	19. Educação
5. Pobreza	20. Saúde/ Hospitais e atendimento precários
6. Desigualdade	21. Habitação/ moradia
7. Violência	22. Violações dos Direitos Humanos
8. Mau governo	23. Desnutrição
9. Crime	24. Tráfico de drogas
10. Desemprego	25. Falta de terra para cultivar
11. Falta de água	26. Dívida externa
12. Estradas/ Rodovias em mau estado	27. Sequestros
13. Gangues/ quadrilhas	28. Outro. _____
14. Meio ambiente	99. NS/NR
15. Crise na economia	

Q65. **A senhora acha que a situação econômica do país hoje está melhor, igual, ou pior que há um ano atrás?** 1. Melhor 2. Igual 3. Pior 9. NS/NR.

Q66. **Hoje em dia as pessoas respeitam o idoso?** [Não ler as opções]

1. Sim 2. Não 3. Algumas/ Pouco 9. NS/NR

Q67. **Você considera a velhice uma fase da vida ótima, boa, ruim ou péssima?**

1. Ótima 2.Boa 3.Ruim 4.Péssima 9. NS/NR

Q68. **Com qual frase você mais concorda?**

1. **Há poucas coisas que uma pessoa pode realizar na velhice, ou**

2. **Uma pessoa pode permanecer ativa na velhice.**

9. NS/NR

Q69. **Com qual frase você mais concorda?**

1. **É possível ser feliz na velhice, ou**

2. **É somente na juventude que experimentamos a felicidade.**

9. NS/NR

QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

[Somente nesta seção, você pode ajudar a idosa a responder as questões]

Q69. Atualmente, você está: 1. **Casada** 2. **Morando junta como casada** 3. **Divorciada**
4. **Separada** 5. **Viúva** 6. **Solteira** 9. NS/NR

Q70. Com quem você mora? [Pode marcar mais de uma opção]

1. Filhos 2. Netos e bisnetos 3. Esposo(a)
4. Sobrinhos 5. Mora sozinha 6. Outro _____ 9. NS/NR

Q71. Quantas pessoas moram na sua casa? Sem contar com você. _____

Q72. Você é aposentada? 1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Q73. [Se sim] Você foi aposentada por tempo de serviço, ou seja, com carteira assinada, ou recebe o benefício de assistência ao idoso?

1. Tempo de serviço 2. Benefício de assistência ao idoso 3. Pensionista 4. Outro. 9. NS/NR

Q74. Qual era a sua profissão? _____

Q75. Você se considera uma pessoa

1. **Branca** 2. **Negra** 3. **Parda** 4. **Oriental: chinês, japonês, coreano etc.** 5. **Indígena** 9. NS/NR

Q76. Você estudou até que série? [Pergunte quantos anos a senhora estudou, se necessário. Não ler as opções] 1. Não frequentou a escola / Analfabeto

2. Ensino fundamental incompleto (Estudou menos que oito anos)

3. Ensino fundamental completo (Oito anos de estudo ou até os 14 anos)

4. Ensino médio incompleto (Secundário, ginásial ou normal incompleto)

5. Ensino médio completo (Secundário, ginásial ou normal completo)

6. Ensino superior incompleto

7. Ensino superior completo 9. NS/NR.

Q77. [Se estudou] A escola em que você estudou mais tempo era pública ou particular?

1. Pública 2. Particular 9. NS/NR

Q78. Qual a sua religião?

1. Católica 2. Evangélica 3. Espírita 4. Umbanda 5. Não tem religião 6. Outra. 9. NS/NR

Q79. Você trabalha ou exerce alguma atividade remunerada? 1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Q80. Qual é aproximadamente a renda mensal do seu domicílio, ou seja, a soma do dinheiro que todas as pessoas da sua casa recebem?

1. **Até 1 salário mínimo (até R\$ 880,00)**

2. **Até 2 salários mínimos (de R\$ 880,01 até R\$ 1.760,00)**

3. De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 1.760,01 até R\$ 4.400,00)
4. De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 4.400,01 até R\$ 8.800,00)
5. De 10 a 15 salários mínimos (de R\$ 8.800,01 a R\$ 13.200,00)
6. Mais de 15 salários mínimos (de R\$ 13.200,01 ou mais) 9. NS/NR

Q81. Quem é a pessoa da sua casa que recebe maior salário?

1. Você 2. Filho 3. Neto 4. Esposo 5. Outro. Quem? _____ 9. NS/NR

Q82. Você ajuda financeiramente seus filhos ou alguém da sua família?

1. Sim, ajuda todo mês. 2. Sim, ajuda as vezes. 3. Não, não tem condições.
4. Ou não, eles não precisam do seu dinheiro. 9. NS/NR

Q83. Você ou alguém que mora na sua casa recebe algum benefício do governo?

1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Q84. Você mora em casa própria? 1. Sim 2. Não 9. NS/NR

Q85. Você possui plano de saúde? 1. Sim 2. Não 9. NS/NR

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!